

FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS  
EM 27 DE MARÇO DE 1949

# Correio das Artes

Julho 2015 - ANO LXVI Nº 5



## Horácio de Almeida

O intrépido cacique  
da “tribo difícil dos  
intelectuais”



O Sesc, mantido e administrado pelos empresários do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, visa o bem-estar social dos trabalhadores do terceiro setor, seus familiares e dependentes. Mas o público atendido pelo Sesc é muito maior. Abrange também as populações da periferia de cidades de pequeno, médio e grande porte, que são assistidas pela entidade através de parcerias com o poder público e empresas privadas.

• Educação • Saúde • Cultura • Lazer • Assistência •



## De volta ao debate

O esquecimento, por menor que seja, deve ser o pior castigo para um historiador, cuja atividade intelectual tem, como fundamento, a tentativa de perpetuar a memória do seu tempo. O historiador pode ser submetido ao olhar crítico, mas jamais deve ser olvidado. Um contrassenso imperdoável.

O historiador, escritor e jornalista paraibano Horácio de Almeida (1896-1983) já recebeu muitas homenagens, na Paraíba. Mas não se pode dizer que o seu nome e a sua obra estejam, na atualidade, no centro do debate cultural. No que diz respeito às novas gerações, estariam mais para a periferia, se tanto.

Portanto em boa hora a Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba (Secult) organiza o relançamento de algumas obras basilares da bibliografia horaciana, a serem publicadas com o selo da **Editora A União**, a exemplo de *Brejo de Areia - Memórias*

**Em boa hora a Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba (Secult) organiza o relançamento de algumas obras basilares da bibliografia horaciana, com selo da Editora A União.**

*rias de um município* (1958) e *Augusto dos Anjos: Razões de sua angústia* (1962).

A Secult também trará a lume uma plaquete autobiográfica de Horácio, intitulada *Ao redor de mim*. Além disso, a Editora Patmos deve

lançar em breve uma adaptação da biografia de Horácio para os quadrinhos, a exemplo do que já foi feito com Augusto dos Anjos, José Lins do Rego e, mais recentemente, Epitácio Pessoa.

A publicação desses livros, certamente motivarão debates e novos estudos a respeito do intelectual paraibano, estabelecendo um novo divisor de águas, no que diz respeito ao resgate de sua memória. As obras deverão chegar às salas de aula, locais que deveriam ser palcos iniciáticos, para o debate cultural.

O *Correio das Artes* não poderia furtar-se a esse esforço, vez que também faz parte de sua missão trazer à superfície valores parcial ou totalmente esquecidos. Uma reportagem e cinco artigos traçam, mais uma vez, o perfil biográfico do ilustre filho de seu Rufino Augusto e dona Adelaide Jucunda de Almeida.

O Editor

## índice



### HISTÓRIA

*Brejo de Areia - Memórias de um município* é uma das obras de Horácio de Almeida que serão relançadas pela Secult, com selo da *Editora A União*.



### ESTREIA

O dilaceramento do homem moderno é o tema central de *O silêncio das sombras*, romance que marca a estreia literária de Thiago Andrade Macedo.



### ENTREVISTA

O escritor Antônio Torres comenta, entre outros assuntos, o processo de descaracterização cultural do país, capitaneado pela Rede Globo de Televisão.



### LIVROS

José Olympio lança edição especial de *O Sol é para todos*, de Harper Lee, para tentar repetir, no Brasil, o extraordinário sucesso do romance, no exterior.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora  
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB  
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510  
Redação: 3218-6509/9903-8071  
ISSN 1984-7335  
editor.correiodasartes@gmail.com  
<http://www.auniao.pb.gov.br>

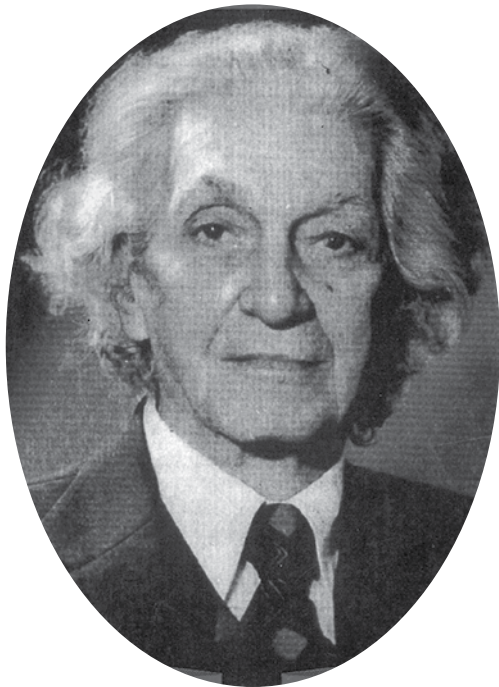
Secretário Est. de Comunicação Institucional  
Luis Torres  
Superintendente  
Albige Fernandes  
Diretor Administrativo  
Murillo Padilha  
Câmara Neto

Diretor Técnico  
Walter Galvão  
Diretor de Operações  
Gilson Renato  
Editor Geral  
Walter Galvão

Editor do Correio das Artes  
William Costa  
Supervisor Gráfico  
Paulo Sérgio de Azevedo  
Editoração  
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa  
Domingos Sávio  
Ilustrações e artes  
Domingos Sávio, Tonio e Livia Costa





# Horácio de Almeida

## Um intelectual que gostava de polêmica

**Linaldo Guedes**  
linaldo.guedes@gmail.com

**N**ascido na cidade de Areia, no Brejo da Paraíba, em 1896, e falecido no Rio de Janeiro, em 1983, Horácio de Almeida é até hoje uma das principais referências da historiografia paraibana. Não por acaso, o governo do Estado, através da Secretaria de Cultura (Secult), anuncia para setembro deste ano a reedição de algumas obras de Horácio de Almeida, como *Brejo de Areia*, *Augusto dos Anjos: razões de sua angústia* e uma plaquete autobiográfica intitulada *Ao redor de mim*. Todas essas obras serão publicadas com selo de **A União Editora**. Além disso, a Editora Patmos deve lançar em breve a história de Horácio em quadrinhos.

As homenagens ao autor de *História da Paraíba*

são mais do que justas. Ele, que começou a estudar tarde, já com 15 anos, acabou se tornando uma referência para os historiadores que surgiram ao longo do século 20, na Paraíba. O poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), com quem conviveu, o chamava de sonhador, que nunca desanimava e que achava prazer em invocar a tribo difícil dos intelectuais.

Drummond, aliás, traçou um perfil interessante do paraibano de Areia. “Ao gosto das palavras ele juntava o gosto da vida associativa, fundando academias e participando da vida útil de instituições culturais. Afinal, que são as sociedades de intelectuais senão outra forma de dicionário, em que reúnem e se disciplinam (ou pelo menos se tenta fazê-lo) tendências e interesses do pensamento? E que são os dicionários, afinal, senão sociedades de palavras, englobadas sob igual espírito de comunhão de ideias? O lexicólogo Horácio de Almeida era o mesmo homem que lutava por congregar escritores em associações que tentam substituir o individualismo narcisista, comum à espécie pela mentalidade congregacional, de que, teoricamente, devem sair obras de maior eficácia social”, escreveu Drummond, em 1984.

E completou: “Era o antipreguiçoso, o anticonvencional, o velhinho mais desinibido com que contávamos no Rio de Janeiro. Se chegasse aos 90 ou aos 100, haveria de querer aproveitar até a última gota o vinho do trabalho intelectual, sem omitir os prazeres da boa mesa entre familiares e bons amigos. Não chegou, mas jamais desistiu de viver a vida plena da inteligência e de atualização com o tempo”.

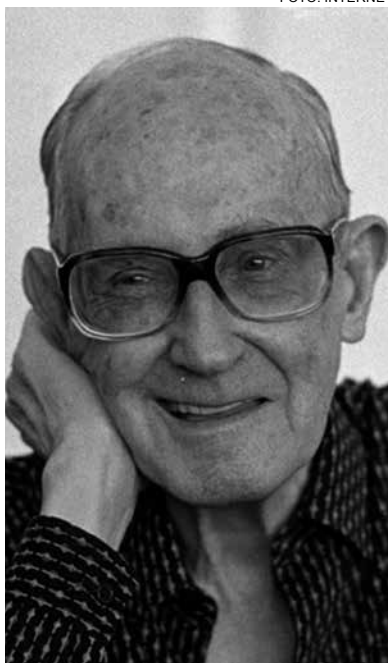
Para o jornalista, escritor e pesquisador Waldemar Duar- ▶

FOTO: ARQUIVO



*Romero: "A ele se aplica muito bem aquela conhecida e velha expressão: sou amigo de Platão, mas sou muito mais amigo da verdade"*

FOTO: INTERNET



*Carlos Drummond de Andrade: "Jamais desistiu de viver a vida plena da inteligência e de atualização com o tempo"*

FOTO: EVANDRO PEREIRA



*José Octávio: "Em Brejo de Areia, Horácio voltou-se para a moderna história do cotidiano e do imaginário social"*

► te (1923-2004), Horácio de Almeida era um homem de convicção e, por isso mesmo, com espaço reservado na literatura nordestina. "A Paraíba, que foi sua terra, foi sempre a razão principal de seus temas. Era conhecido como escritor de forte personalidade, afeito às polêmicas e às discussões em defesa de seus pontos de vista, batendo-se ardorosamente pelos seus princípios", comentava.

O historiador e musicólogo Domingos de Azevedo Ribeiro (1921-2009) dizia que em Horácio de Almeida o traço de humor e o pessimismo irônico permaneceram por toda a sua vida. "Ele tinha sempre o improviso do epigrama à hilaridade do epítáfio, à facilidade da sátira. Índole independente e polemista, se comprazia em lançar, escamotear e logo renovar, para fazer desaparecer ideias contrárias as suas caricaturando os contestadores em tom jocoso, no obstinado acirramento da verrina. Preferia destruir do que construir ídolos. Muitas vezes parecia uma maré de fogo avançando sobre

os seus adversários. Memorialista dos mais argutos, salientando o papel da reminiscência com nota pessoal e íntima, retrazando a fisionomia educacional do seu tempo, onde o localismo, a reportagem social, o documentário e a vulgaridade dos termos surgiam copiosamente", definia.

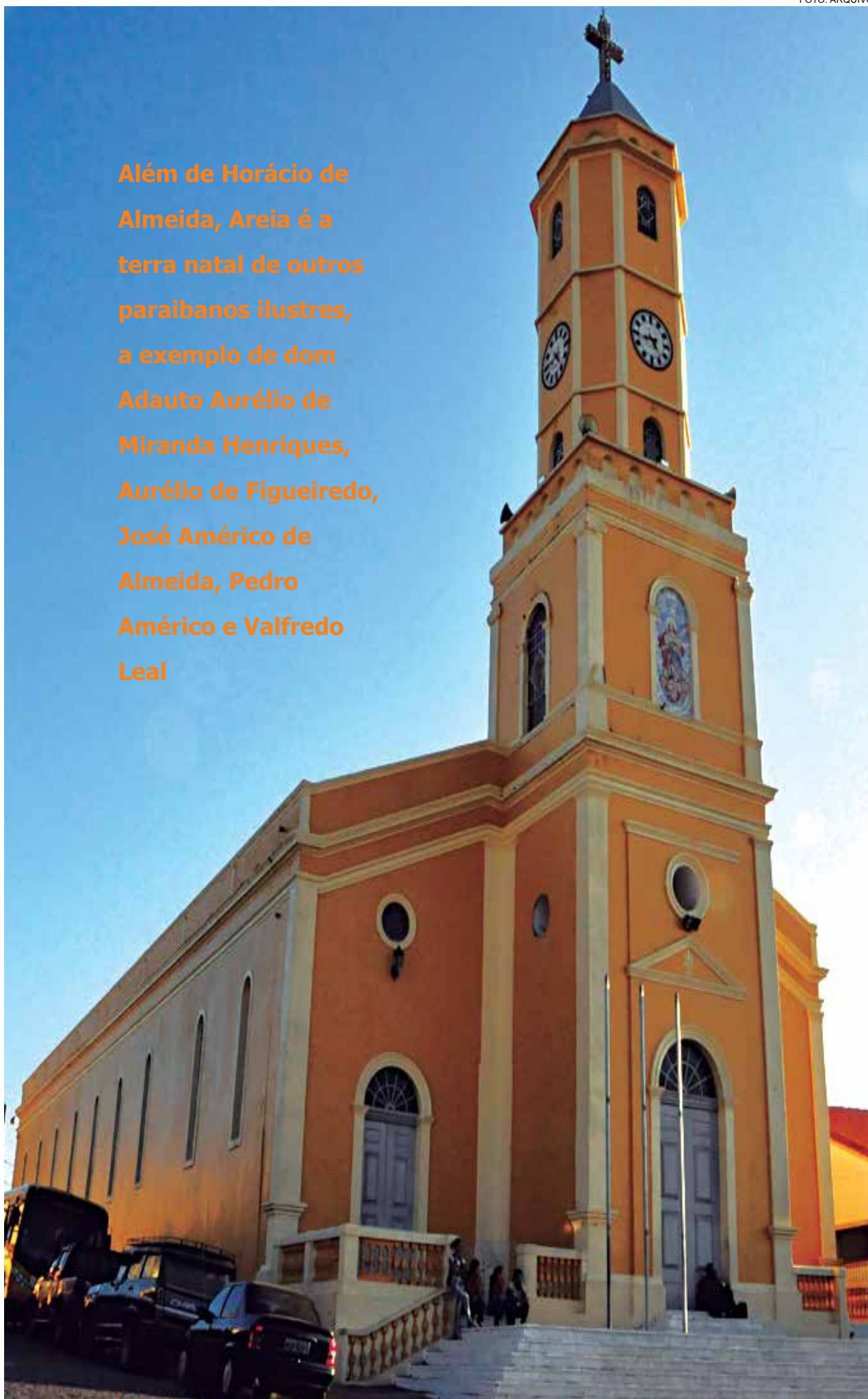
O cronista Carlos Romero também destaca o gosto pela polêmica do paraibano de Areia. "A ele se aplica muito bem aquela conhecida e velha

FOTO: ARQUIVO

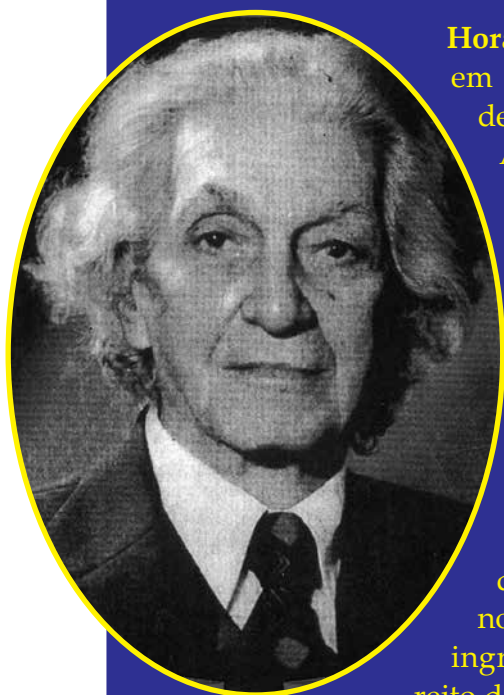


*Areia, no Brejo Paraibano: cidade natal de Horácio de Almeida e tema de alguns de seus estudos*

Além de Horácio de Almeida, Areia é a terra natal de outros paraibanos ilustres, a exemplo de dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, Aurélio de Figueiredo, José Américo de Almeida, Pedro Américo e Valfredo Leal



## PERFIL BIOGRÁFICO



**Horácio de Almeida** nasceu em Areia, a 21 de outubro de 1896. Filho de Rufino Augusto Almeida e de Adelaide Jocunda de Almeida, era casado com Corinta Freitas de Almeida, nascendo, da união, sete filhos: Átila, Armênia, Libânia, Luiz Carlos, Eduardo, Ignez e Doris. Iniciou os estudos no engenho do seu pai e concluiu na capital do estado, preparando-se, no Lyceu Paraibano, para o ingresso na Faculdade de Direito do Recife.

Em 1930, já bacharel, conta Marcos Cavalcanti de Albuquerque, Horácio voltou à Paraíba, iniciando-se, profissionalmente, como juiz eleitoral, representando a classe dos advogados ao lado de Maurício Furtado, nascendo, daí, uma sólida amizade entre os dois advogados. Foi secretário de Interior e Justiça e colaborava nos jornais da cidade, porém se destacou nacionalmente como historiador.

Publicou muitos trabalhos, entre eles: *Contribuição para uma bibliografia paraibana* (1972), *Bacharéis de 1930*, *A posição da mulher perante as leis do país* (1933), *Pedro Américo – ligeira notícia bibliográfica* (1943), *Pedro Américo – centenário de seu nascimento* (1944), *Brejo de Areia – memórias de um município* (1958), *Ao redor de mim mesmo* (1959), *Augusto dos Anjos – razões de sua angústia* (1962), *História da Paraíba* (1966), *Augusto dos Anjos – temas para debates* (1970), *Dicionário Popular Paraibano* (1979), *Dicionário de termos eróticos e afins* (1982).

Horácio de Almeida era membro da Academia Fluminense de Letras, fundador e idealizador da Federação das Academias de Letras do Brasil, membro da Academia Carioca de Letras, presidente do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes e do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Foi um dos dez fundadores da Academia Paraibana de Letras.

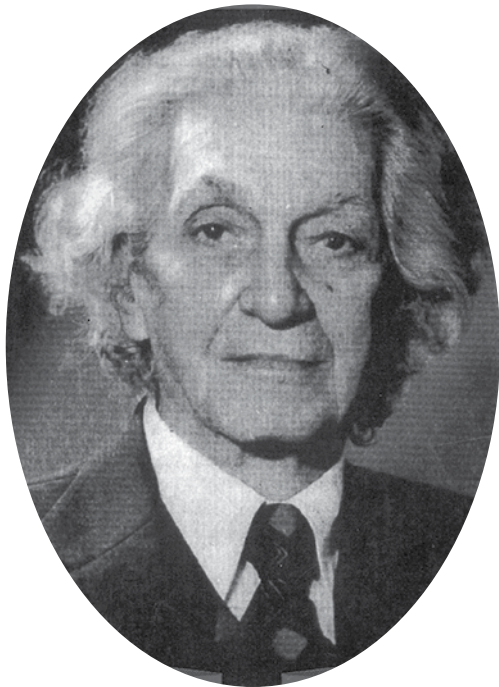
› expressão: sou amigo de Platon, mas sou muito mais amigo da verdade”, comentava. Além disso, ressalta, foi um pesquisador incansável, um estudioso impenitente e um questionador contumaz e implacável. “A monumental *História da Paraíba* não é um simples relato de acontecimentos, um estudo linear, uma repetição de conceitos, mas um trabalho de exegese em que predomina o espírito revisionista, no que tange a certos aspectos históricos”, destaca.

Romero lembra que na, *História da Paraíba*, Horácio de Almeida começa a obra discordando daqueles que não consideram o Cabo Branco o ponto mais oriental da América. “Essa índole polemista está presente no estudo que fez sobre Augusto dos Anjos, em que o autor procura enfocar um aspecto novo na etiologia da tristeza augustiana, apontando os motivos que determinaram o estranho comportamento do poeta”, ressalta.

O historiador José Octávio de Arruda Mello prefere destacar a importância do livro *Brejo de Areia*. Segundo ele, tematizando cidade da região brejeira que integrou a Paraíba, por servir de traço de união entre a zona da mata canavieira e o sertão algodoeiro-pecuário, Horácio de Almeida inovou em vários pontos. Um deles - continua Octávio -, o de voltar-se para a moderna história do cotidiano e do imaginário social. Assim, ao invés de simplesmente debruçar-se sobre os dignitários locais, tipificados no capítulo “Homens e Fatos”, o autor valorizou as estruturas areienses presentes em passagens como “Execuções nas Forca”, “Flagelos”, “Ciclos Econômicos” e “Aspecto Cultural”. ✦

---

Linaldo Guedes é poeta e jornalista, autor, entre outros, dos livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas* (1998), *Intervalo lírico* (2005), *Metáforas para um duelo no sertão* (2012) e *Receitas de como se tornar um bom escritor* (2015). Mora em João Pessoa (PB).



# A apologia da decadência no Brejo de Areia de Horácio de Almeida

**José Octávio de Arruda Mello**

**E**m 1971, quando cursávamos Especialização em História, no Recife, fomos surpreendidos pelas observações de dois grandes mestres.

Enquanto José Honório Rodrigues formalizava *A Paraíba e seus Problemas* (1923, 80), de José Américo, como a maior monografia sobre um Estado brasileiro, José Antônio Gonçalves de Melo Neto, sustentava que *Brejo de Areia* (1958), de Horácio de Almeida, se impunha como o melhor livro de um município do País.

Como nunca os esquecemos, tratamos de operacionalizar as colocações dos dois consagrados historiógrafos. Em 1980, à frente da Diretoria de Cultura da Secretaria de Esportes e Cultura (SEC), cuidamos da reedição de *A Paraíba*, com prefácio de José Honório e posfácio de Tarcísio Burity.

Quanto a *Brejo de Areia*, aproveitamos o Festival de Arte de 1980, para segunda edição acompanhada de esclarecedor prefácio do antropólogo Aécio Aquino.

É essa que agora volta à baila. Como Horácio de Almeida tornou-se, novamente, patrono do Festival de Arte de Areia – graças à oportuna iniciativa das autoridades areienses calçada pelo secretário de Cultura, Lau Siqueira –, estabeleceu-se a terceira edição do *Brejo de Areia*, acompanhada de outra magistral criação de Horácio, no caso sua *História da Paraíba* (1978), assegurada pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

## NO (RE)CONHECIMENTO DA PARAÍBA

Com essas duas obras e algumas outras que igualmente se auspiciam, o Festival de Arte concretiza uma das melhores propostas que consiste no (re)conhecimento da Paraíba.

*Brejo de Areia* é livro que se presta a tal finalidade.

Tematizando cidade da região brejeira que integrou a Paraíba, por servir de traço de união entre a zona da mata canvieira e o sertão algodoeiro-pecuário, Horácio de Almeida inovou em vários pontos.

Um deles o de voltar-se para a moderna História do cotidiano e do imaginário social. Assim, ao invés de simplesmente debruçar-se sobre os dignitários locais, tipificados no capítulo “Homens e Fatos”, o autor valorizou as estruturas areienses presentes em passagens como “Execuções na Forca”, “Flagelos”, “Ciclos Econômicos” e “Aspecto Cultural”.

Nessa perspectiva, o que desponta, ao lado do autoritarismo da elite areense, é o dia a dia desta, consumida em manifestações religiosas, júris, jornalecos da imprensa artesanal, palmatória do ensino, habitação, vestuário, precária higiene, receituário das boticas e gastronomia.

Esta última não admitia o café da manhã, mas se compensava em almoço, jantar e ceia, às 9h, 14h e 19h, com o modesto passadio que se tentava disfarçar. Daí as gavetas com que eram equipadas as mesas de refeição, destinadas a proteger



- ▶ o cardápio da curiosidade de possíveis intrusos.

## COTIDIANO, VISÃO CRÍTICA E HISTÓRIA PRESENTE

Sem esquecer os Quebra-Quilos, posteriormente reestudados por Armando Souto Maior e Geraldo Joffily, Horácio realçou o povo e não as elites, o presente de Croce ao invés do passado da Historiografia tradicionalista.

Daí o sentido substancialmente crítico desse livro que não envelheceu. Uma das razões dessa postura reside em que não temos no *Brejo de Areia* a glorificação de passado mítico, expressado em idade de ouro decantada pelos principais cultores da Historiografia local, na Paraíba e fora dela. Naquela foi o caso de *Itabaiana, sua História, suas Memórias* (2ª Ed., 1977) por Sabiniano Maia, como a criação municipalista paraibana mais próxima ao *Brejo de Areia*.

Nossa última cidade, quem enveredou por essa linha algo apologética foi Zélia Almeida cujo levantamento evidenciou, até no título – *Bem Estar e Riqueza no Brejo de Areia* (2010) – submissão aos encantos da comunidade sobre que se detinha.

## A APOLOGIA DA DECADÊNCIA

Fugindo a esse receituário, Horácio de Almeida trilhou o caminho contrário. Sua visão é a da apologia da decadência.

Não se tome essa conceituação como um paradoxo.

O autor não se faz desatento à urbanização de Areia como a localidade que, ao lado de Mamanaguape, de onde procede, liderou a Paraíba na segunda metade do século XIX.

Mas esse posicionamento que não ancorava em bases sólidas, foi um espasmo. De sorte que terminou por prevalecer declínio que Horácio não se cansa em sublinhar.

Desde a respectiva denominação, os capítulos “Tempo do Carancismo”, “Terra de Ninguém” e “Delenda Cartago” falam por si até a contra epopéia do final do livro:

*Numa cidadezinha como Areia, lá em /São Paulo, no vale do Paraíba, por coincidência chamada Areias, foi onde*

*Monteiro Lobato iniciou sua vida pública como promotor da comarca, e que serviu de inspiração ao escritor para escrever mais tarde o conhecido livro – Cidades Mortas. As duas Areias não se assemelham somente ao nome. A de São Paulo também teve seu fastígio no tempo do Império, exuberante pela riqueza do café, mas veio o ocaso sombrio, provocado pelo isolamento das comunicações e pelo esgotamento do solo, até ficar reduzida a um burgo em ruínas, os morcegos habitando nos solares antigos, a igreja abandonada, ruas desertas, vida parada, vivida apenas vegetativamente. Não há padre, não há médico, não há delegado, não há crimes, não há festa, não há cinema. Uma cidade que agoniza, que se afunda na decadência, onde nada de novo acontece, como já disse Lobato. Qualquer semelhança será fortuita coincidência.*

## DA IRONIA AO REVISIONISMO

Do ponto de vista do estilo, o anticlerical Horácio de Almeida revela-se escritor cáustico e irônico. Como historiador revisionista.

Na edição de 1958, anotei marcada ironia, às páginas 31, 61, 113, 172, 177, 184/5, 228, 231, 254, 273/4 e 291.

Nelas satirizam-se, entre outros, o espírito predatório que não poupou natureza, cemitério e a velha gameleira areiense. A grotesca dança dos bispos que mudavam de localidade, a partir da emancipação dessas. Proibição, durante muito tempo, do nome de Carlota, devido ao caso dessa sertaneja, realçada por Horácio no *Brejo* e levada ao cinema por Machado Bitencourt. E duração das missas do vigário Odilon que “durante duas horas obrigava a assistência a pagar seus pecados com os joelhos no tijolo duro”.

Já o revisionismo horaciano não é assim tão retilíneo. Ao contrário de Geraldo Joffily que enxergou a formação de Areia derivada dos comboieiros que desciam do sertão para trocar farinha por aguardente e rapadura, H.A. visualizou-a a partir das grandes famílias de Goiana, o que transparece concessão ao tradicionalismo.

Em compensação, reconhecendo no algodão e não na cada de açúcar as mais remotas origens econômicas, *Brejo de Areia* flagrou

no município o que poucos perceberam: a migração dos pobres “em levadas sucessivas para o sertão, enquanto os da classe média procuraram a Capital do Estado ou o Sul do País em busca de melhor amparo. Repete-se a história por métodos invertidos. No passado era o sertanejo que procurava o Brejo, acossado pelas secas, agora é o brejeiro que emigra para o sertão e, em maior escala, para o sul do País, tangido pelo desamparo do meio”.

## HERANÇA DA ESCRAVIDÃO E POLÍTICA

Ponto alto no revisionismo horaciano do *Brejo de Areia* reside na herança da escravidão e política areiense.

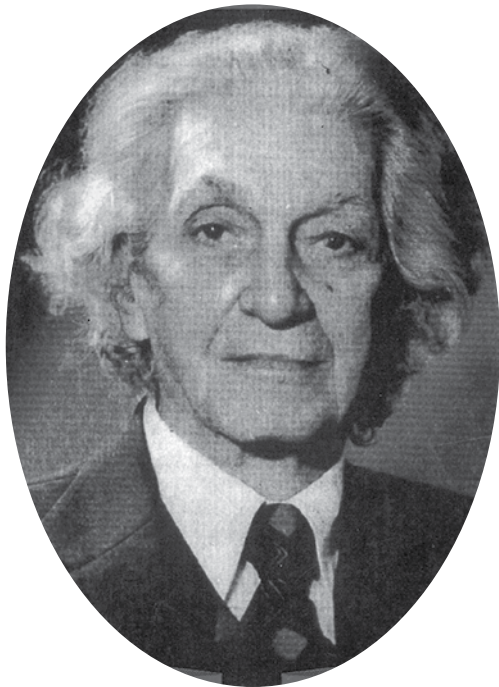
Se a primeira venceu a sociedade da serra com a sujeição da mulher que, filiada ao velho patriarcalismo romano, vivia sempre ocupada nos labores domésticos, isto é, “lavando, engomando, costurando, cozinhando” – a política areiense não constituiu, ao contrário do propagado, realidade ideal.

Isso porque, conforme Horácio:

*Os dois grandes partidos do Império, transformados na Paraíba em republicano e autonomista, degeneraram, em Areia, nas facções de Maragatos e Manichupas. Os Maragatos (pessoal de Cunha Lima) viviam em guerra com os Manichupas (pessoal de Simeão). Suras contra surras, depredações contra depredações, atentados contra atentados, a capangada às soltas, inquietando a população, era o reinado da faca, do cacete e da bala a predominar nas ruas da cidade. Esse movimento de agitação praticado por ambas as correntes, pagou a denominação de quebra-vidros. Durante a noite, destelhavam casas, quebravam vidraças, invadiam domicílios, depredavam móveis, surravam os moradores.*

Eis aí. *Brejo de Areia*, de Horácio de Almeida, não se tornou expressão diletante de ilusório fastígio. Essencialmente realista, reconstituiu a cidade de que se ocupa como ela é – cheia de contradições, preconceituosa e reacionária. ❖

José Octávio de Arruda Mello é doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP) e assessor da Secretaria de Estado da Cultura (Secult). Mora em João Pessoa PB.



# Dissipando a Angústia dos Anjos

**Carlos Alberto Azevedo**

**A** *Augusto dos Anjos e as razões de sua angústia*, de Horácio de Almeida, foi editado inicialmente em 1962, por ocasião do cinquentenário do aparecimento do *Eu* (1912-1962).

Devido a uma tiragem insignificante (Gráfica Ouvridor Editora, Rio de Janeiro) poucos leitores na época tiveram acesso a *Augusto dos Anjos e as razões de sua angústia*. Eu mesmo, confesso, tive muitas dificuldades para conseguir um volume. Encontrei-o dezenas de anos depois, no Sebo Cultural – meu valioso exemplar pertencente à biblioteca do saudoso jornalista Waldemar Bispo Duarte.

O critério editorial da primeira edição foi bastante falho: incluíram, não sei por que uma autobiografia de Horácio de Almeida, *Ao redor de mim mesmo*, texto esse que não tem nada a ver com o *corpus* do estudo sobre Augusto dos Anjos. Na segunda edição ele só figura

pela intenção de divulgar, ao máximo, a obra horaciana.

O crítico Otto Maria Carpeaux resumiu em poucas linhas o verdadeiro sentido do *Eu*, de Augusto dos Anjos: “Lendo e relendo o *Eu*, sempre descobrimos coisas novas, estranhas e admiráveis”.

Horácio de Almeida, no seu estudo sobre Augusto nos relevou várias facetas do poeta paraibano, entre outras, a sua singularíssima pessoa:

Tome, Dr., esta tesoura, e... Corte  
Minha singularíssima pessoa.  
Que importa a mim que a bicharia roa.  
Todo o meu coração, depois da morte?!

Concordo plenamente com Horácio, quando afirma que “em Augusto dos Anjos não há que procurar o autor fora de sua obra, isto é, o eu fora do *Eu*”.

Augusto dos Anjos está de corpo inteiro no *Eu*. Sua poesia é, de fato, uma longa confissão de si mesmo. O poeta se revela e desvela em cada poema. No *Eu* estão seus amores, seus desencontros, suas cismas e sua “eterna” angústia. Não somente isso; Augusto dos Anjos retrata também o mundo em que viveu, com suas contradições gritantes: miséria e opulência na zona canavieira da Paraíba.

Em *Os doentes*, poema de Augusto, observou Horácio que, “depois de exclamar que sua angústia feroz não tinha nome, entra a descrever a cidade dos *lázzaros*, imaginária cidade à margem do Paraíba, na qual os doentes consagravam a sua última fonética a uma recitação de misereres”.

O poeta não ficou à margem de sua sociedade, em muitos de seus poemas está presente a plebe rural explorada pelos senhores de engenho. Sem ser socialista à maneira antiga, Augusto teve o máximo de consciência possível (Louis Althusser), para denunciar a miséria e a exploração social ▶

› existentes na Várzea da Paraíba.

Neste estudo, Horácio opta, porém, por uma metodologia vigente no início do século XX: crítica literária científica de fundo genético. Essa crítica literária científica (científica?) de fundo genético, nada mais é do que a interpretação psicológica do autor. Ela foi bastante questionada por autores marxistas.

A figura excêntrica de Augusto leva naturalmente a esse tipo de interpretação. Sua aparente sensibilidade doentia, seus tiques nervosos, suas fobias dão margem a muitas qualificações. Nosso infelizmente poeta, para muitos, tinha distúrbios emocionais de fundo neurótico; pertencia à galeria dos loucos geniais, como Holderlin, Byron,

Nietzsche e tantos outros.

O psiquiatra pernambucano Luiz Carlos Albuquerque, em seu ensaio *Eu, singularíssima pessoa* (Recife, 1993) refere-se às muitas indagações que têm sido feitas em relação à saúde mental de Augusto dos Anjos: “Seria ele realmente um rapaz histórico?, Um desequilibrado, um caso patológico, um louco, um sensível anormal”.

Horácio parte dos loucos geniais para classificar Augusto. Todos esses loucos passaram por crises intra-uterina (Freud explica?) que afetaram suas sensibilidades. Levanta a hipótese mirabolante de que Augusto dos Anjos sofreu uma série de crises intra-uterina. Diz Horácio: “A mãe do poeta, quando este ainda em estado de

gestação, sofreu uma comoção das mais fortes, causada pela perda imprevista de um irmão querido [...]”.

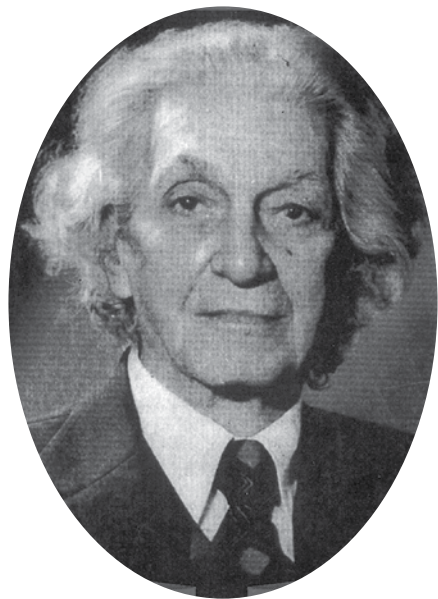
Partindo dessa tese, Horácio de Almeida procura as desventuras e angústias do nosso Augusto.

E conclui:

*A tragédia espiritual de Augusto começou desde que extinguiu seu sonho de amor [...]. Perdido o amor, perdeu também a crença. Foi a partir daí que entrou a sentir o vazio de sua alma, jamais preenchido pelo cientificismo materialista. ✦*

Carlos Alberto Azevedo é antropólogo, membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e conselheiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). Mora em João Pessoa (PB).

## ◆ memória



# Brejo de Areia: a extensão do Seridó e Curimataú

**Fabiana Agra**

## O NASCEDOURO DO “CELEIRO DO SERTÃO”

Os primeiros contatos do colonizador com a região do Brejo paraibano aconteceram ainda no século XVI, mas o processo de colonização se prolongou lentamente, durante quase dois séculos, tendo como base a agricultura de subsistência e somente após a expulsão dos neerlandeses é que a região foi efetivamente ocupada. Areia teve o seu começo possivelmente do fim do século XVII para o início do século XVIII; mas a documentação existente não permite indicar, com exatidão, uma data específica para a sua fundação. Tanto é assim que, na obra *Brejo de Areia*, Horácio de Almeida deixa explícito que não se sabe bem ao certo quando teve início a história do lugar.

No início, o lugar não passava de um curral, próximo a um cruzamento aonde o gado que vinha do sertão descansava antes de seguir para os mercados do litoral. Alexandre Fiúza (1998) demarca

► como sendo “no sopé ocidental do monte onde hoje está localizada a cidade, às margens do riacho de Areia, nas terras do que seria mais tarde, o engenho Saboeiro”, o lugar onde se cruzavam os caminhos que ligavam o sertão ao litoral.

Já sobre as hipóteses do povoamento do brejo paraibano, principalmente a proposta por Irineu Jóffily, de que “os agregados dos fazendeiros do sertão” foram os primeiros colonos da região, é veementemente negada por Horácio de Almeida, pois “Sertanejo no Brejo só mesmo nas arribadas forçadas, enquanto durava a calamidade da seca, ou então carregando comboios de mantimentos para a provisão do sertão”. E tem toda lógica a assertiva de Almeida: na realidade, a passagem obrigatória dos rebanhos e as observações acerca da região, feitas pelos boiadeiros, tangerinos e tropeiros começaram a atrair pessoas vindas das bandas da vizinha Mamanguape e da mais distante Goiana, da província de Pernambuco. Na década de 1760, o Brejo já era uma região mais ou menos povoada e Areia, com engenhos em funcionamento, se destacava na produção agrícola.

Antes, tendo suas terras pertencentes à Vila de Mamanguape, o povoado “Brejo de Areia” ganhou *status* de vila em 18 de maio de 1815, ocorrendo sua instalação em 30 de agosto de 1818, tornando-se a oitava vila da província e, a partir daí, anexando os povoados dos atuais municípios de Alagoa Grande, Bananeiras, Pilões, Cuité e Pedra Lavrada – sendo os últimos, respectivamente, localizados nas regiões do Curimataú Ocidental e do Seridó Oriental da Paraíba. Em 18 de maio de 1846, através da Lei Provincial nº2, a “Vila Real do brejo de Areia” ganhou foros de cidade, sob o topônimo de “Areia”. Até então, existia apenas uma cidade em toda a Paraíba, a sua própria Capital; Areia tornou-se, assim, a segunda cidade da província, fazendo jus a seu crescente desenvolvimento.

Assim, durante boa parte do século XIX, Areia foi o maior centro comercial do interior da Paraíba, devido tanto à fertilidade de suas terras, onde eram culti-

vadas diversas culturas agrícolas (cana de açúcar, mandioca, fumo, cereais, café, etc.), como também pela sua posição geográfica, ponto de ligação entre o sertão e o litoral, chegando a possuir a maior e mais importante feira dentre as existentes na província. Até o fim do século XIX, a região era conhecida por “celeiro do sertão” já que sua produção agrícola abastecia as regiões vizinhas de gêneros alimentícios – sobretudo o sertão e o Seridó, castigados pelos períodos de seca.

## APOGEU E DECLÍNIO DOS CAMINHOS DE AREIA

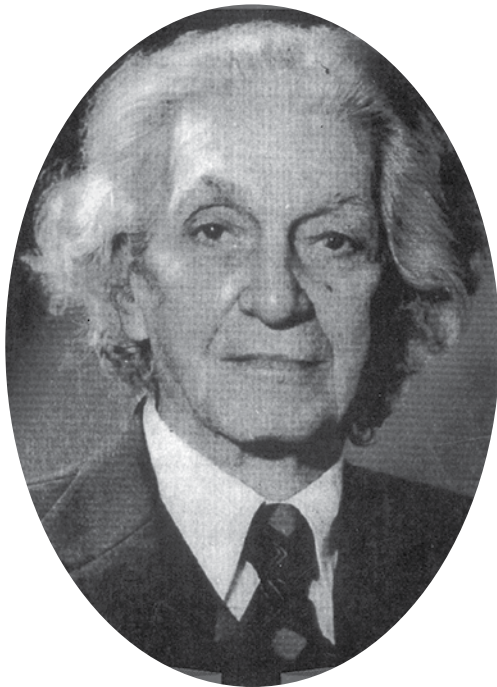
No ano em que Areia se erigiu ao *status* de cidade, a Paraíba vivia sob o flagelo da seca, devastando as últimas reservas dos povos do Seridó e do Curimataú. A população da zona castigada debandou quase toda em busca de salvação, ficando muita gente radicada no Brejo, que não sentia os efeitos da grande estiagem. Horácio de Almeida conta que a cidade crescia em população e prosperava constituindo-se no maior centro comercial do interior, ao mesmo tempo em que fechava “à capital as portas do sertão”. Já na década de 1840, o município produzia, em larga escala, vários produtos, tais como algodão, rapadura, aguardente, açúcar, farinha de mandioca, fumo e cereais, até mesmo um pouco de café, abastecendo o Sertão, passando pelo Curimataú e pelo Seridó e chegando até os Cariris Velhos. Sua feira era considerada a maior da Paraíba, constituindo-se no lugar onde os boiadeiros e tangerinos, após deixarem o gado na capital abasteciam o lombo do jumento com os produtos que as fazendas sertanejas não produziam, devido ao clima das regiões do Seridó e do sertão. Nessa época a feira de Areia atraía até os homens do Seridó norte-rio-grandense, como demonstra Muirakytan Macedo: “Passada a fase de engorda do gado, eles [os fazendeiros do Seridó] vendiam-nos nas feiras da Paraíba e Pernambuco, voltando, principalmente dos brejos paraibanos, com outros gêneros

que supriam as necessidades da fazenda: milho, feijão, farinha, fumo e aguardente; além de trazerem de Pernambuco mercadorias mais elaboradas como secos e molhados, tecidos, ferrarias, louças, etc.”.

A partir da segunda metade do século XIX, porém, toda a pujança de Areia começou a minguar até praticamente desaparecer, devido a fatores econômicos e políticos. Assim, o caminho do Brejo não atraía mais os boiadeiros e tangerinos seridoenses em busca de produtos, posto que outros caminhos passaram a ser frequentados, sem contar que o sertão e o cariri passaram a produzir vários produtos de primeira necessidade, antes comprados na feira areiense.

Boa parte dos engenhos areienses entrou em fogo morto, levando muitos senhores à bancarrota com a crise advinda no final do século XIX, em conseqüência da constante substituição de uma cultura agrícola por outra, fazendo com que sua economia ficasse instável e, principalmente, em decorrência do avanço da estrada de ferro na região, que isolou Areia no século que findava. O fato de Areia ter sido excluída do projeto ferroviário, fez com que esta perdesse a sua condição de “celeiro do sertão”, devido às dificuldades de escoamento da produção, e gerando desvantagens econômicas frente às outras povoações. Assim, Areia foi se tornando ultrapassada, suplantada por outras cidades beneficiadas pela ferrovia, como a cidade de Itabaiana, por exemplo. No início do século XX, os boiadeiros e tangerinos do Seridó e do Curimataú passaram a procurar outros entroncamentos, dessa feita aqueles que estavam sendo deixados pelas nascentes ferrovias, fazendo com que Areia permanecesse apenas na memória e nas histórias daqueles que conheceram seus áureos tempos. ■

Fabiana Agra é historiadora de Picuí, bem como advogada, animadora cultural da cidade e autora de Picuí do Seridó - Século XX - volume I (1900-1950), 2014. Mora em Picuí (PB).



# A História da Paraíba sob a ótica de Horácio de Almeida

Jean Patrício da Silva

**E**m nossa interpretação, uma das maiores contribuições de Horácio de Almeida para a Historiografia Paraibana consiste na publicação dos dois tomos de *História da Paraíba*.

Fica claro na obra que o autor desfruta de um amadurecimento intelectual, com melhor manejo de suas fontes, dialogando com autores e obras que, ainda hoje, são clássicos no assunto.

O primeiro tomo, datado de 1966, aborda temas que abarcam particularmente a conquista da Capitania, Invasões Holandesas e a “Questão Indígena”.

Fazendo uma comparação entre os dois volumes, minha análise é no sentido de que o segundo é mais completo. Horácio de Almeida, já na apresentação do segundo tomo, explica que o primeiro “fora feito as pressas, sem tempo para uma revisão geral, menos ainda para o esgotamento de certos acontecimentos his-

tórico que pediam tratamento mais acurado”.

Apesar dos problemas enfrentados, em particular na indefinição quanto à escrita de uma *História da Paraíba* pelo ministro e acadêmico José Américo de Almeida, o trabalho acabou saindo em meados da década de 70. Sobre este, é que vamos ratar de forma mais pormenorizada nesse ponto.

Dividido em sete capítulos, o autor repete o estilo com o qual escreveu *Brejo de Areia*. Leve, “romanceada”, abordando inúmeras temáticas, destacando-se a política, costumes, educação, evolução urbana, medicina, festas populares, questão religiosa, etc.

Nesse segundo volume, aparecem alguns problemas de que já ratados em parágrafos anteriores: a discussão sobre a história do tempo presente, a forma como o autor trabalha com suas fontes e indicações bibliográficas e, por fim, o seu estilo, às vezes muito descritivo, o que deixa, por um lado, a ajuda na narrativa dos fatos, por outro, deixa de lado questões cruciais como à problematização dos temas.

Apesar das críticas que lhe foram apresentadas, a obra é fundamental para se entender a história de nosso Estado. No capítulo VII, o autor trabalha, de forma aprofundada, a transição do império para a república e sua consolidação. Impressiona, nas discussões apresentadas, a citação de quase todos os Presidentes do Estado, suas principais realizações, destacando-se o governo de João Machado (1908-1912) irmão de Álvaro, líder da oligarquia que governou a Paraíba de 1892 a 1912.

Além das discussões políticas do capítulo, outras questões relevantes são tratadas, destacando-se imprensa e educação.

O destaque está para os inúmeros periódicos que já circulavam na Paraíba, a exemplo do jornal **A União**, fundado, em 1893, sob a direção de Carlos

► Dias Fernandes, *O Norte*, dirigido por Oscar Soares, *A Imprensa*, semanário vinculado à Diocese paraibana, sob a direção de Mathias Freire, *O Operário*, sob o comando de Ulisses de Oliveira, e, por fim, *O estado da Paraíba*, dirigido por Lima Filho.

Foi profícua a produção no período de revistas e publicações de instituições, sendo a maioria patrocinada pela Imprensa Oficial, a exemplo da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano* e da *Revista do Foro*, especializada em artigos e acórdãos do Tribunal de Justiça do Estado.

No campo das publicações de caráter cultural destacam-se:

*Sobre o Divórcio* (1912), de José Américo de Almeida, *História da Província da Paraíba* (1912), de Maximiano Lopes Machado, e *Datas e Notas para a História da Paraíba*, 1º vol., (1908) de Irineu Pinto.

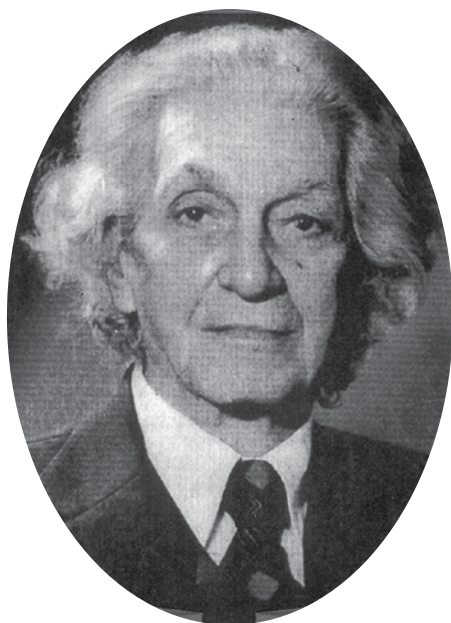
Em relação ao ensino, a dinâmica não correspondia de forma tão positiva quanto ao campo das publicações e imprensa. No Liceu Paraibano em 1912, somente 18 alunos se matricularam tendo a evasão atingido patamares preocupantes. Só na administração Castro Pinto, graças ao trabalho de Tomás Mindêlo, diretor do tradicional estabelecimento de ensino, é que as matrículas saltariam a

116 já no primeiro ano.

À guisa da conclusão, ficou demonstrada a importância do trabalho para o campo da historiografia paraibana. Horácio de Almeida apresenta um enorme conhecimento de suas fontes, interpretando-as de forma isenta e imparcial, servindo de exemplo para as gerações que trabalham a nossa história. ✦

Jean Patrício da Silva é advogado e mestre em História, com dissertação sobre a interventoria Ruy Carneiro. Integrante do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Mora em João Pessoa (PB).

## ◆ memória



# Em busca da memória perdida

Lau Siqueira

**V**ivemos dias de muita velocidade. No tempo das volubilidades consagradas e eternidades fossilizadas. Estamos numa viagem que nos revela as conquistas e as tragédias do Terceiro Milênio. A memória, sabemos, é o prejuízo maior. São milhares e milhares de informações e desinformações circulando ao mesmo tempo em rede mundial. Encontrar a dose necessária de sensibilidade e a sabedoria para destacarmos a relevância das coisas. Referenciar e identificar cada período histórico em toda a sua complexidade e diversidade... Eis o desafio!

Não se trata de hierarquizar conhecimentos. Mas, estabelecer critérios atemporais para as nossas escolhas. É como manusear o feijão no alguidar. O que tem peso e substância vencendo o que bóia por ter apodrecido. Nas interpretações mais simples ►

► as noções mais exatas. O fato é que é preciso reagir diante da diluição de informações provocada pela avalanche midiática. Infelizmente as fronteiras deste problema são mais largas. A dificuldade de preservação da memória é um patrimônio nacional. Material ou imaterial, tanto faz. O desleixo é quase o mesmo. Serão essas as patologias sociais dos tempos modernos?

Resgatar a memória de grandes personalidades, como Horácio de Almeida, é um contraponto. Uma ação prioritária para a nossa gestão na cultura do Estado. Especialmente quanto à publicação da terceira edição de *Brejo de Areia*. Além de recuperar uma obra referencial para a compreensão da Paraíba, lançamos uma provocação em torno do autor. Um intelectual com uma vasta e rica produção. Infelizmente, praticamente esquecido no debate cultural paraibano.

Em sua bibliografia encontramos obras que, certamente despertarão a atenção de pesquisadores e do público leitor em diferentes épocas. A exemplo de *A posição da mulher perante as leis do país*, 1933; *Augusto dos Anjos – razões de sua angústia*, 1962; *História da Paraíba*, 1966; *Augusto dos Anjos – tema para debates*, 1970; *Dicionário Popular Paraibano*, 1979; *Dicionário de termos eróticos e afins*, 1982, entre outras produções. Sabemos, pois, da pérola que estamos resgatando. Até para que se cumpra a vontade do autor em vida: “valorizar a história e a identidade do seu lugar”.

A importância de Horácio de Almeida transcende as fronteiras da Paraíba. Em 1946 ele decidiu mergulhar no centro intelectual e político do país e partiu para o Rio de Janeiro. A partir de então, vamos encontrar na sua biografia a presença de algumas amizades ilustres, como o poeta Carlos Drummond de Andrade. Em artigo publicado sobre Horácio no *Correio das Artes*, Drummond afirmou: “foi

um sonhador que nunca desanimou e que achava prazer em convocar a tribo difícil dos intelectuais”. Isso porque o paraibano, ainda segundo Drummond, “ao gosto das palavras, juntava o gosto da vida associativista, fundando academias e participando da vida útil de instituições culturais”.

Estamos diante de um personagem imprescindível para compreendermos a vida intelectual, cultural, social e política da Paraíba. Não nos referimos apenas ao livro *Brejo de Areia*. Toda a sua obra precisa ser, paulatinamente, resgatada e disponibilizada para as novas gerações. Também no formato digital, afinal, os tempos são outros. Sua abrangência certamente ajudará os pensadores do futuro na construção de um planeta mais digno e mais justo. Um mundo movido pela inteligência, pelo talento e não pelos interesses ocasionais de cada época e de cada configuração do poder.

Ao publicar a terceira edição do livro *Brejo de Areia* – a primeira foi em 1958, a segunda em 1980 –, o governo do Estado da Paraíba, através da Secretaria de Estado da Cultura, abre as portas para a busca de obras referenciais e de criadores excepcionais na terra que consagrou Augusto dos Anjos, Ariano Suassuna, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e outros autores que influenciaram e influenciam gerações inteiras. A exemplo de Horácio de Almeida, vamos em busca de Silvino Olavo, Allyrio Wanderley, Arnaldo Xavier, Virgínius da Gama e Melo entre outros intelectuais, escritores, pensadores e provocadores dos melhores passos para esta longa caminhada que é a existência humana. ✦

---

Lau Siqueira é poeta, ensaísta e secretário de Estado da Cultura. Mora em João Pessoa (PB).



# Políbio Alves

## em livro-reportagem

**E**xiste um tipo de jornalismo literário que vai além das preocupações em cobrir os múltiplos aspectos que envolvem os eventos e as personalidades do universo da literatura, em suas diversificadas instâncias, perspectivas e apelos.

É o jornalismo que, tratando de obras, autores, fatos da vida editorial e das políticas culturais em torno do livro, dos suplementos, revistas e outros suportes, procura imprimir, a este tratamento, um caráter literário e estético, no uso da linguagem e dos demais recursos expressivos no que concerne à contextualização das matérias e dos temas a serem reportados.

A jornalista Cecília Lima, com *Turva água, turva mágoa* (Olinda: Livro Rápido, 2011), exemplifica bem este modelo, na medida em que, valendo-se do gênero livro-reportagem, intenta traçar, em profundidade, um perfil biográfico do escritor paraibano, na verdade, pessoense, Políbio Alves, com foco, sobretudo, em sua trajetória intelectual e literária.

A grande reportagem está dividida em sete capítulos, cujos títulos (“O trem”, “O rio”, “A rua”, “A fé”, “O reino”, “O sonho” e “O exílio”) já sinalizam para alguns dos elementos temáticos que perpassam a obra do escritor, tanto em sua vertente poética, isto é, do poema propriamente dito, quanto nos veios ficcionais, materializados principalmente nos contos da coletânea “O que resta dos mortos”.

Atendendo aos requisitos da eficiência e da fluência, de que fala Evaldo Pereira Lima, no opúsculo *O que é livro-reportagem* (Brasiliense: 1993), Cecília Lima oferece, ao leitor, uma fotografia ampliada e vertical do personagem, ao mesmo tempo em que descortina, a partir de sugestivos dados analíticos, o contexto no qual se formou, conectando os elos entre experiência vivida e experiência transfigurada pelo artesanato da palavra.

Entre o trem, o rio e a rua, percorremos o itinerário humilde do escritor, suas primeiras vivências de menino pobre, órfão de pai, nos becos do bairro de Cruz das Armas, sob o ar acinzentado da Ilha do Bispo e pelas ladeiras solitárias do Varadouro, explorando, com seu espírito inquieto e sua intuição criativa, “as veias e artérias” da cidade baixa, à época, o pulmão econômico, social e boêmio da velha capital.



FOTO: JOÃO LOBO

Publicado no Brasil e no exterior,  
Políbio Alves é tema do livro da  
jornalista Cecília Lima



▶ Ao conhecermos traços específicos e situações particulares da vida de Políbio Alves, em meio às dificuldades e sofrimentos da infância e da adolescência, e, sobremaneira, ao depararmos a presença de algumas criaturas referenciais no recorte de sua sensibilidade e no tecido de sua memória, evoca-se, na linha narrativa, o processo de transição econômica e urbanística por que passa a cidade, à beira do rio Sannhauá, se alongando e crescendo na direção do litoral, entre os anos 40, 50 e 60.

A mãe, Dona Luíza Alves; Dona Nice, a primeira professora; o avô Zé da Luz, a cafetina Berta, a professora Castorina, o pai Samuel e Zefinha da Jurema, entre tantos outros personagens, compõem o mosaico humano de que vai se alimentar a elaboração poética e ficcional que faz de Políbio Alves a voz mais característica da captação literária do reino boêmio e misterioso dos antigos cabarés da Rua Maciel Pinheiro e do glamour do Hotel Globo e do hotel Luzo-Brasileiro, em seu fastígio social e financeiro.

E é precisamente este movimento discursivo, que oscila entre o individual e o coletivo, entre a subjetividade pautada pelo sonho e a objetividade das forças históricas, que a autora desenvolve e manipula com o devido domínio técnico, certamente haurido nos seus estudos do *New Journalism*, e com a leveza e a precisão de um estilo que, sem presunção cabotina, procura aproveitar as lições singulares de um Tom Wolfe, de um Norman Mailer, de um Truman Capote, de um João Antônio, de um Júlio Ribeiro, de um Joel Silveira e de muitos outros jornalistas-escritores ou escritores-jornalistas, cujo escopo central é fazer da reportagem uma forma de humanização da realidade.

Para tanto, Cecília Lima explora a variação do ponto de vista narrativo, ora focalizando os fatos e ações a partir de uma visão de fora, com voz em terceira pessoa, isto é, a do repórter, ora

colando a perspectiva ao olhar do protagonista – Políbio Alves – que narra em primeira pessoa. À construção cena-a-cena, presentificando os acontecimentos e, simultaneamente, evitando a linearidade factual e histórica, sobretudo no primeiro capítulo, associam-se os diálogos e os chamados “símbolos do status de vida”, ou, dito de outra forma, “os símbolos do cotidiano”, que, numa estratégia quase romanesca, tendem a tornar o texto mais dinâmico e mais flexível em seus aspectos estruturais.

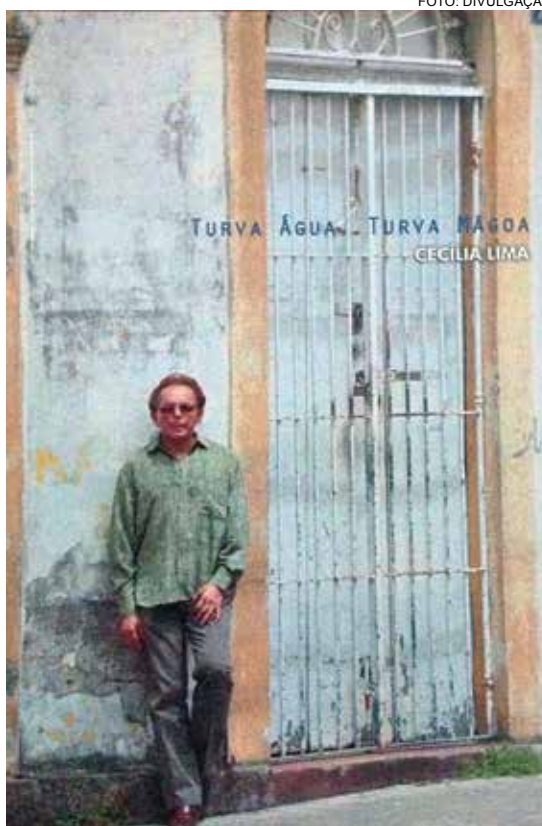
Escritor do Varadouro, escritor da cidade baixa, não escapa ao cuidado da jornalista o período em que Políbio Alves, na busca de realizar seu sonho de se tornar escritor, passa no Rio de Janeiro – diríamos, o tempo do exílio -, de resto, fundamental para o processo de sua maturação existencial e literária. Neste particular, devem-se destacar, no corpo desta rica reportagem, as alusões acerca das primeiras leituras, dos primeiros interesses literários,

dos primeiros contatos com escritores e dos primeiros escritos, no sentido de que se possa entender a inserção e a legitimação do autor paraibano em determinados campos simbólicos da produção cultural.

Não encerraria este comentário crítico, sem chamar a atenção dos leitores para o fato de que este livro-reportagem é resultado de um trabalho de final de curso, na habilitação de jornalismo da UFPB, precisamente para louvar a escolha do objeto de investigação, na medida em que se valorizam as ofertas cognitivas da realidade local, em função da qual se produzem novos conhecimentos e se abrem e ampliam os horizontes da pesquisa acadêmica. Com seriedade, disciplina e criatividade. ■

Hildeberto Barbosa Filho  
é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

FOTO: DIVULGAÇÃO



Capa do livro traz referências ao universo literário de Políbio

# Homem ao mar

THIAGO ANDRADE MACEDO PÕE UMA MÁSCARA NOIR EM SEU ROMANCE DE ESTREIA, O SILÊNCIO DAS SOMBRAS, CUJA TRAMA OCULTA A "DISCUSSÃO" SOBRE O DILACERAMENTO EXISTENCIAL DO HOMEM MODERNO

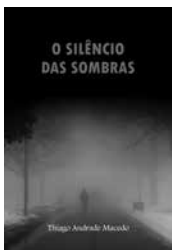
**William Costa**

Editor do *Correio das Artes*

**A** coragem de ousar, no plano da estética, e, consequentemente, de se expor, é aceita como uma das condições não fundamentais, mas necessárias, para quem pretende seguir a carreira de escritor. Após

a leitura de *O silêncio das sombras* (A União Editora, 2014), romance de estreia de Thiago Andrade Macedo, percebe-se que o escritor apresenta esse qualificativo, o que estabelece um diferencial positivo em relação a muitos autores brasileiros da geração à qual pertence.

O lançamento de *O silêncio das sombras* está previsto para o dia 13 de agosto, às 20 horas, no Zarinha Centro de Cultura, localizado na Av. Nego, 140, Tambaú. A apresentação da obra será feita pelo psicanalista Humberto Vicente de Araújo, da Academia Paraiibana de Medicina.



*O silêncio das sombras* não é um livro fácil. De início, sim. O leitor sente-se novamente frente a uma trama policial

comum: a partir de uma criteriosa seleção, feita pelo chefe e seu assessor direto, na capital do país, três agentes federais são convocados para elucidar o desaparecimento da filha de um senador e o namorado dela. Há dez anos, eles teriam sido assassinados dentro do carro, à beira de um rio, na capital de um estado de fronteira.

De acordo com “pistas” fornecidas pelo autor, o leitor afeito à literatura detetivesca, porém desatualizado, sentir-se-á adentrando “o universo da tradicional ficção policial”. Imagina que vai se deparar com crimes e casos misteriosos, decalcados de Agatha Christie (1890-1976) e Conan Doyle (1859-1930), ou então dar na praia de um “mar de lama”, no qual estão submersas personagens “caras limpas”, na linha *pulp fiction* de Dashiell Hammett (1894-1961) ou Raymond Chandler (1888-1959).

No que diz respeito ao conteúdo, *O silêncio das sombras* apresenta vínculos mais estreitos com o mineiro Rubem Fonseca (Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra) e o cario-

ca Luiz Alfredo Garcia-Roza (do emblemático *O silêncio da chuva*, Prêmio Jabuti). Os dois, embora não sejam considerados “genuínos” autores de literatura policial, pelo critério de estilo estão à frente de muitos autores estrangeiros e “clássicos”, do gênero.

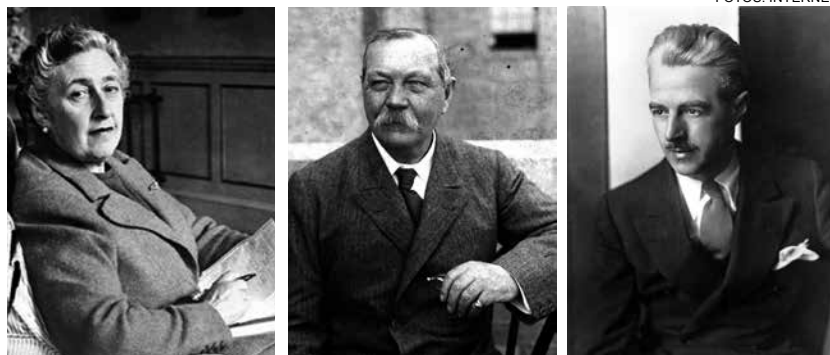
Pois bem. O senador Otto Hasek Steiner, à época dos supostos assassinatos, era uma forte pilastra regional da base de sustentação política do presidente da República. O parlamentar – poderoso chefe político e empresário da região – teria “abafado” o caso pelo fato de terem sido encontradas cartas de sua filha (Milena), endereçadas ao namorado (Karel Rot), nas quais ela acusava o pai de ameaçar matá-los, por não concordar com o relacionamento entre os dois.

Na trama geral, vem à tona o submundo do tráfico de influências, mortes encomendadas e

consumo de drogas, habitado por políticos, jornalistas, empresários e policiais corruptos. A essa altura, o leitor deve estar comparando o que lê com certos enredos da vida real, principalmente nesses tempos de “mensalões”, “petrobombas” e “lamborghini”, articulando uma operação contrária de transfiguração, para descobrir os verdadeiros nomes dos bois.

Para lançar mão de um jargão policial, é aí que a casa cai, para o leitor. Thiago faz hábeis manobras narrativas, para confundi-lo, subtraindo-lhe referências espaço-temporais que, de outro modo, o levariam a pensar que a trama acontece no presente, entre o Planalto Central e o Sul do Brasil, por exemplo. Se estiver atento, perceberá que o que está lendo é um “romance psicológico”, inteligentemente travestido de “romance policial *noir*”.

FOTOS: INTERNET



Os britânicos Agatha Christie e Conan Doyle e o norte-americano Dashiell Hammett são autores que representam escolas específicas, na literatura policial

FOTO: INTERNET



Franz Kafka é uma das chaves de *O silêncio das sombras*

## O ESPECTRO DE KAFKA SURGE NA Densa NEBLINA DE GRENZE

Thiago Macedo intercala vozes, inverte perspectivas e combina instâncias narrativas, de maneira a intrincar a trama e aumentar o suspense, pressionando o leitor a manter-se sempre atento à leitura. O clima de inquietação se percebe já na epígrafe de *O silêncio das sombras* – versos da poetisa norte-americana Emily Dickinson (1830-1886) que remetem a um rosto desaparecido, cujo fulgor afetaria quem o visse, surgindo, de re-

pente, em uma tarde deserta.

As palavras “som” e “fúria” se repetem nos capítulos iniciais do romance, e a construção da trama e dos perfis é feita a partir dos pontos de vistas das personagens, facilitando o acesso ao que se passa em suas mentes. Imagina-se, então, em um primeiro momento, que Thiago estaria homenageando um dos autores que o teria influenciado, no caso, o norte-americano William Faulkner (1897-1962), precisamente de *O som e a fúria*.

O romance começa com a narração onisciente e poética da personagem Agente Carcereiro. Ela é uma espécie de “coringa” da trama, sendo responsável pela confusão proposital que se estabelece: os fatos são reais, ou fru-

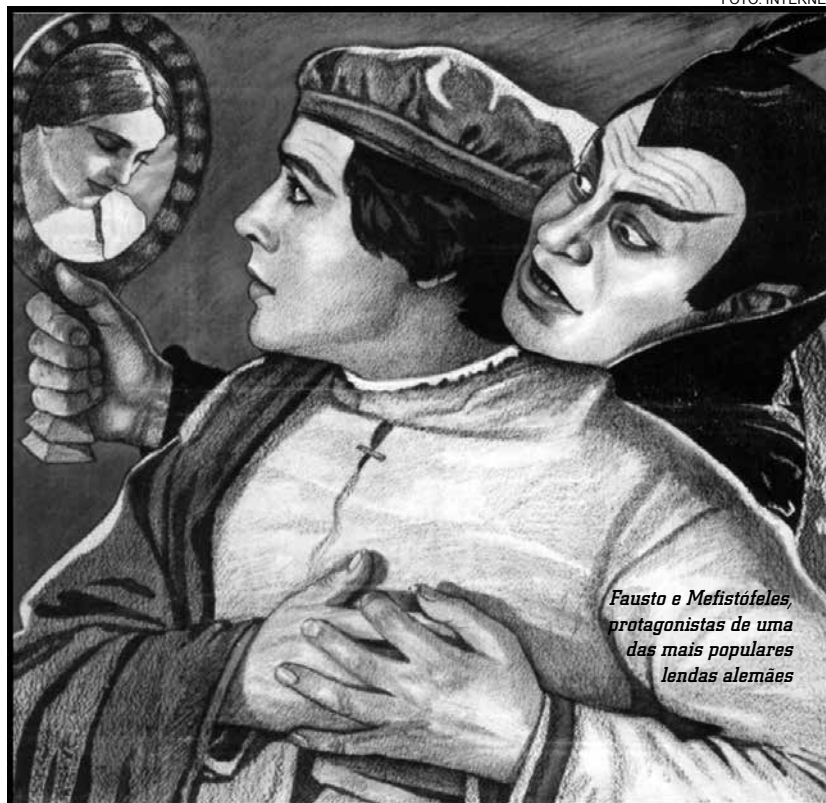
► tos de seus sonhos e devaneios? Aqui também se pode incorrer em erro, caso o leitor a compare a Quaderna, o protagonista-narrador de *O Romance d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna (1927-2014), que também narra sua história dentro de uma cela.

Para dar ênfase à natureza psicológica do romance, o autor não revela o nome do estranho país no qual estão confinadas suas “dilemáticas” personagens, apenas os das cidades-cenários do livro: Zentrum (a capital federal), Ufer (no litoral) e Grenze – esta, a fria e nebulosa capital do Estado Fronteiriço, onde manda e desmanda Otto Steiner – agora na oposição, tentando eleger seu candidato a governador, motivo da reabertura do “Caso Milena”.

As personagens têm nomes tchecos, germânicos e hebraicos, a exemplo dos quartetos formados por Otto, Sofie, Milena e Karel (pai, mãe, filha e namorado) e Petrus Hammer, Ivan Brod, Jan Pollak e Saul (os três primeiros federais e o último, da polícia estadual) e o trio de chefões Samuel Volgemann (da Agência Federal de Investigação - AFI), Pavel Tzara (da Divisão de Homicídios da AFI) e Edgar Schlange (o *kaiser* da polícia do Estado Fronteiriço).

Se alguém apostou as fichas no Franz Kafka (1883-1924) de *O processo*, aí sim, pode se dirigir ao caixa, para receber o prêmio. Essa é a primeira grande homenagem que Thiago faz aos seus autores prediletos. A atmosfera kafkiana está presente, por exemplo, neste trecho do romance: “Ademais, o horizonte de Grenze era cinza. Parecia que um enorme nevoeiro havia tomado conta da cidade e nunca mais sairia de lá. (...) Tudo era frio, névoa, neblina”.

Os nomes de três personagens centrais de *O silêncio das sombras* estão diretamente relacionados à biografia de Kafka: os agentes federais Ivan Brod e Jan Pollak homenageiam os dois grandes amigos do autor tcheco, no caso, o escritor Max Brod (que salvou os trabalhos inéditos de Kafka do fogo) e Oskar Pollak. Já Milena é um mimo que Thiago dedica à Milena Jesenska, uma das namoradas do autor de *O desaparecido* e *A metamorfose*.



*Fausto e Mefistófeles, protagonistas de uma das mais populares lendas alemãs*

## O RETORNO DE ODISSEU E A PELEJA DE FAUSTO COM GABRIEL

Olhos sensíveis vislumbriam traços clássicos na tessitura de *O silêncio das sombras*. Os temas universais estão ali: êxtase e angústia ante a beleza e o absurdo; solidão e medo frente à morte inexorável etc. A ação se passa dez anos depois, tempo que durou a Guerra de Tróia. Petrus está longe da família e erra pelo mundo (como Odisseu), com uma foto de Milena (bela como Helena) no bolso. Já a fala do Agente Carcereiro soa tão profética quanto a de Tirésias.

Há um momento reservado para o sobrenatural, o terror demoníaco, numa reverência contida aos escritores norte-americanos Edgar Allan Poe (1809-1849) e H. P. Lovecraft (1890-1937): a descida de Petrus ao porão da casa do jornalista Mathias Zorn. Entra em cena a personagem mais assustadora do romance: Crotabus (cujo nome é formado com sílabas dos nomes do Duque Crocell [de *A chave menor de Salomão*], de Satanás e de Incubus).

A narrativa aí se adensa e toma seu ritmo mais vertiginoso, lite-

ralmente, dantesco. *O silêncio das sombras* foi roteirizado em 34 capítulos. Petrus desce 34 degraus, para chegar ao porão da casa do “maquidiabólico” Mathias, onde um dos mistérios centrais da obra é esclarecido. Portanto ao leitor atento não escapa a referência explícita aos 34 cantos que estruturam o “Inferno”, na *Divina comédia*, do poeta florentino Dante Alighieri (1265-1321).

O mito de Fausto, que tem no longo poema homônimo, de Goethe (1749-1832), uma de suas maiores expressões cênico-literárias, também está presente em ►



*Odisseu e as sereias, uma das passagens famosas da Odisseia*

► *O silêncio das sombras*, na forma do embate “intelectual” que travam, entre si, Petrus Hammer (Fausto) e Otto Steiner – embora este, em vez de Mefistófeles, reivindique o papel de Gabriel, do conto “Os mortos”, de James Joyce (1882-1941), por ser uma personagem mais “humana”.

Aliás, a “cena” em que Petrus acerta o título do conto de Joyce, a partir da referência de Otto, bem como outros jogos de “erro e acerto” protagonizados, por exemplo, pelo agente e Jimmy, dono de uma loja de discos em Grenze, são os momentos vacilantes do livro, pois comprometem a verossimilhança. Thiago talvez tenha tentado contornar isso na “cena” em que Petrus estranha o fato do senador citar o escritor norte-americano Charles

Bukowski (1920-1994).

Se “soa” artificial em algumas citações que “enxerta” no pensamento ou fala de personagens, Thiago acerta a mão ao fazer referências a “clássicos” do jazz e do blues - Miles Davis, Dizzy Gillespie, Benny Goodman etc. -, na forma de frases de ritmos intensos ou cadenciados, bem como reproduzindo a “atmosfera” e o “tema” das músicas em alguns ambientes e situações da trama.

Acima da trama, pairam as digressões filosóficas, os conflitos psicológicos e os dramas existenciais das personagens. Somados aos vícios e à dificuldade de se relacionarem amorosamente, no caso de Petrus (Klara) e Ivan (Alice, a fêmea fatal *noir* por excelência), esses dilemas simbolizariam o dilaceramento



FOTO: INTERNET

Miles Davis, uma das referências musicais de *O silêncio das sombras*

do homem moderno; a crise de identidade e a falta de perspectiva diante de um mundo reduzido a mercado e o ser humano, a produto. “Quando tudo está perdido”, não resta outra alternativa a não ser botar o pé na estrada e sair em direção ao mar. ✦

## SOBRE O AUTOR

Thiago Andrade Macedo nasceu em março de 1977, na cidade de Viçosa (MG), e está radicado em João Pessoa (PB). É formado em Direito, atuando depois da conclusão do curso em tribunais e na área de segurança pública, mais especificamente no âmbito do Ministério da Justiça.

Autor criterioso e leitor assíduo e seletivo, a literatura, para ele, além de ser uma forma de se expressar, também é uma oportunidade de criar mundos, de ir além da vida cotidiana, que, na sua opinião, “muitas vezes, é mesquinha, arrastada e não basta”, parafraseando o poeta Ferreira Gullar.

Na adolescência, dedicou-se a escrever poesia e pequenas crônicas. Por essa época, leu bastante literatura brasileira. Um pouco depois, passou a ler mais literatura estrangeira e a escrever os primeiros contos, partindo, na casa dos trinta anos de idade, para uma empreitada maior: o romance.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

A primeira experiência literária, de fato, foi um livro que o autor considera hoje uma espécie de esboço de *O silêncio das sombras*. Editado de forma artesanal, foi distribuído apenas entre seus amigos. Já a ideia de escrever o romance partiu de um conto que produziu, chamado “O guarda-costas”.

Thiago escreveu outros pequenos contos, estabelecendo um liame entre eles. Foi então que teve a ideia de escrever um romance, dando voz a cada uma das personagens. Como, no iní-

cio, “parecia um quebra-cabeças a ser montado”, decidiu adotar o formato de “romance policial”, para o texto.

Ele confessa que nunca foi muito metódico ao escrever, mas gostaria de poder escrever todos os dias, o que a rotina profissional impede. Já o processo de escrita de *O silêncio das sombras* levou cerca de um ano e meio, dois anos. A partir desse ponto, tinha um esboço do livro, que foi reescrito várias vezes.



# Dez anotações sobre

O DIA EM QUE COMEMOS MARIA DULCE,

## de Antônio Mariano

1. **Contar histórias não deve ser tarefa fácil... como roubar doce de criança...** Menos ainda se a história que se conta faz confundirem-se criança e doce, numa metáfora brutal, que nos lança no território imprevisível do fantástico. Antônio Mariano, que me acostumei a ver como o poeta dos *Guarda-Chuvas esquecidos* e de *Sob o Amor*, ou como o militante cultural, editor, promotor de eventos literários etc., passeia com a mesma destreza pelo domínio dessa outra arte. Foi o que descobri há pouco – eu que não conhecia essa sua habilidade – quando recebi os originais de *O dia em que comemos Maria Dulce*.

2. Dizem alguns que a prosa é maior do que a poesia: eu nem sei se a comparação é pertinente, e também não saberia opinar. Mas desconfio de duas coisas: (1) que a figura literária de Antônio Mariano ganha um novo contorno com sua afirmação como prosador – um contorno que deve interferir, inclusive, na apreensão de sua já bem apreciada poesia. E (2) que a

maioria dos poetas de ofício, quando narra, vai deixando pelo caminho, aqui e ali, uns rastros de construções e de invenções verbais, um voltar-se do código linguístico sobre ele mesmo – que denunciam a presença subliminar do poético. E a narrativa só pode ganhar, com isso.

3. Vejamos, por exemplo, o que ocorre com os nomes dessa protagonista do conto de Mariano. A personagem do título, por razões óbvias, não poderia ter um nome mais expressivo: Maria Dulce não é apenas referência à doçura afetiva, metafórica, da personagem que se entenece com o drama pessoal e social do narrador, de seus amigos. Ela não traz no nome apenas o traço que caracterizaria um comportamento (como se pode dizer, por exemplo, do José Amaro de Zé Lins, ou da Soledade de José Américo de Almeida). Ela é a menina >



Capa do livro de contos de Antônio Mariano, publicado pela Editora Ficcões

FOTO: DIVULGAÇÃO



Antônio Mariano, autor de *O dia em que comemos Maria Dulce*

- ▶ que, literalmente doce, porque feita dessa matéria, será devorada por uma multidão faminta.
- 4. Trata-se então de uma questão de gêneros literários. Note-se que, enquanto essa aparição do inverossímil nos conduziria ao terreno do maravilhoso, as referências objetivas à condição social das personagens nos sugerem, como escreveu Todorov, “um mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos”, no qual se “produz um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar”.
- 5. Curioso observar como a teoria do formalista Vítor Chklóvski continua a explicar tão bem a função da arte. Desfamiliarizar, desautomatizar, surpreender, provocar estranhamento. Desautomatizar sobretudo a linguagem, porque é através dela que se representa o mundo. Se a palavra que se gastou em seu sentido literal, vem a literatura e a utiliza com novo sentido, metafórico. Se a metáfora tornou-se o seu uso mais óbvio, vem o poeta e a emprega no antigo sentido, literal, e surpreende a todos. É o que se dá com o verbo comer, no título de Mariano.
- 6. Mas a transição desse sentido metafórico (que também persiste) para o literal é feita estratégica e lentamente, mediante antecipações ambíguas e presságios. Já nas primeiras descrições, Ma-

ria Dulce tem “olhos de ameixa seca”, que ficam “diminuídos, uvinhas passas” quando ela entristece. O corpo, em certa ocasião despido, revela “dois pequenos sonhos que cresciam no lugar dos peitos”. Até à revelação do sentido denotativo dessa doçura – que é o gatilho para a eclosão do fantástico, e que resultará na cena brutal de canibalismo – o conto vai nos municiando com elementos suficientes para que se mantenha ativo o sentido primeiro, talvez fossilizado, automatizado em nossa língua pelo

uso de “dulce” como nome próprio. Mariano cuida para o significado venha à tona, para que “Dulce” seja lido também como adjetivo. Não por acaso, seu narrador acena com uma provável origem estrangeira da menina. “Não era do bairro. Nem da cidade, nem da região, talvez nem do país...”.

- 7. Prevalecendo essa última leitura, ao final do conto, o verbo “comer”, que poderia sugerir uma conotação sexual (até certa medida também justificada pela amoralidade cruel que domina todo o enredo, para não dizer todos os contos do volume) – digo, o verbo “comer” também se definirá pelo sentido literal. E assim o conto de Maria Dulce se emparelha a outras passagens de canibalismo que pontuam a literatura brasileira – a mais famosa dela, a que o texto me remeteu diretamente, é a do menino macaco, comido pelos jagunços no Grande Sertão: Veredas [que transcrevo:

Só não acabamos sumidos dextraviados, por meio do regular das estrelas [...] os homens tramavam zuretados de fome – caça não achávamos – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. Diadorim não chegou a provar. Por quanto – juro ao senhor – enquanto estavam ainda mais assando e manducando, se soube, o corpo não era bugio não, ▶

› não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves! Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era criaturo de Deus, que nu por falta de roupa... Isto é, tanto não, pois ela mesma ainda estava vestida com uns trapos; mas o filho também escapulia assim pelos matos por da cabeça prejudicado. Foi assombro. A mulher, fincada de joelhos, invocava. Algum disse: 'Agora, que está bem falecido, se come o que alma não é, modo de não morrermos todos...' Não se achou graça. Não, mais não comeram, não puderam. Pra acompanhar, nem farinha não tinham. E eu lancei. Outros também vomitavam. A mulher rogava. Medeiro Vaz se prostrou, com febre, diversos perrengavam. – Aí, então, é a fome?" (ROSA, 1995, p. 40).

Com a devida distinção: é pela condição miserável (pobreza e insanidade) que o José dos Alves, de Guimarães Rosa, primeiro se confunde com bicho, e depois se torna alimento. Enquanto Maria Dulce encarna (literalmente) a fartura. O que dá ao relato da menina destrocada e devorada uma nota sutil de revanche – evidentemente alegórica, exagerada e cruel – dos desvalidos e esfomeados contra essa dessemelhança. Assim, o desfecho do conto é tragicamente dialógico. Porque o crime dos famintos fica embutido no contexto

de desespero, de calamidade, de que todos são vítimas. Aquilo que já seria brutal se lido em sentido metafórico (sexual, no caso), produz perplexidade no leitor, quando o canibalismo literal "acontece".

8. Além de Maria Dulce, há o personagem chamado Jailson, que protagoniza (ao que parece) todas as narrativas do livro, sempre arrastado por forças que lhe determinam o destino. Forças invariavelmente opressivas e destinos trágicos. Jailson está sempre exposto a situações-limite. E, mais de uma vez, o que se lhe projeta como percurso narrativo envolve crime (dele ou de outros), culpa (real ou presumida) e castigo – este dado como certo. Mesmo quando tenta agir como herói, é tomado como bandido. Em qualquer época da vida que os relatos vão encontrá-lo, lá está ele, na iminência de sofrer violência, muitas vezes como punição. Sua condição humana, seu estar no mundo, seu destino são, portanto, claustrofóbicos. Pelo menos em dois contos ("Herói interrompido" e "O poeta") vemos Jailson fisicamente privado de liberdade. Mas ainda que não se vejam os muros do manicômio ou as algemas dos policiais, não há qualquer hipótese de libertação para essa personagem: reparem que, paralelamente à origem bíblica, Jailson traz o signo da prisão ("jail") no nome. É filho dela e, portanto, alguém

que possivelmente teria nascido dessa condição e que a carrega como uma espécie de *premonição metalinguística*.

9. A presença desse protagonista em tantas histórias justapostas me traz à lembrança uma observação que tenho feito há algum tempo, no campo da teoria da narrativa, e que se refere às diferentes técnicas que envolvem o conto e o romance. Tenho visto contistas talentosos e experientes, nesse gênero, estrear na arte do romance. E, não sei se por saber que são contistas, entrevejo em seus romances o emprego (com eficácia) das técnicas do conto, em histórias que poderiam ser curtas, mas se entrelaçam, prolongando-se para que o ritmo da narrativa se ajuste à extensão do romance. Algo inverso ocorre com *O dia em que comemos Maria Dulce*. O protagonista de Mariano funciona como fio condutor de um proto-enredo fragmentário, mas que pode ser lido como o de uma mesma história que se esgarça, de modo a produzir várias histórias menores, independentes.
10. **Criar histórias não deve ser tarefa fácil...** Com *O dia em que comemos Maria Dulce*, Antônio Mariano acaba de contribuir para tornar ainda mais difícil a tarefa dos próximos que se arriscarem nessa aventura. ✦

Exedito Ferraz Jr. é poeta e professor de Teoria Literária da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).





# A chorona

**Archidy Picado Filho**

Especial para o *Correio das Artes*

*Para Pedro Osmar*

**E**lza vivera cento e dois anos, oito meses, três semanas, sete horas e dois minutos, tempo que ela havia contado segundo a segundo desde que, aos sete anos, começara a chorar e, até pouco antes de seu último suspiro, nunca parara. A não ser quando dormia durante a noite. Mesmo assim, graças aos pesadelos, constantemente acordava soluçando e reiniciava a choradeira.

Claro que nem sempre tinha sido um choro convulso, característico daqueles que sofrem grandes perdas em suas vidas – embora os choros de Elza tivessem sido desse tipo quase sempre. Principalmente nos momentos em que ela ficava sem a companhia de ninguém; ou seja, na maior parte do tempo, já que, depois que começara a chorar, não tivera condições de frequentar maioria dos ambientes sociais, quer fossem reuniões em família, em festas, na Escola ou na Igreja – momentos quando sua mãe podia descansar os ouvidos da constante tortura que o eterno chororô de

Elza em casa a submetia.

E era na Igreja que Elza mais sofria suas crises de choro – de onde sua mãe era obrigada a se retirar com ela, que não suportava a imagem de Jesus crucificado; antes de começar sua choradeira, nada mais que uma estátua feia sem grande significado para Elza, transformada num espetáculo de horror depois que, aos sete anos, ela soubera da Morte ao participar de seu primeiro velório e apreendera que, a despeito de ter ouvido sobre a possibilidade da ressurreição – nunca aceitando o que tinham lhe dito que seria assim como outras formas de perpetuação das vidas depois das investidas da Morte – apreendera que aquela imagem de Jesus era a condição do Senhor morto crucificado. Tão morto quanto vira que sua avó materna ficara, petrificada dentro de um caixão forrado com seda lilás escuro “ao agrado da Morte” – o que dissera ao ver o fundo da tampa aberta do ataúde, que lhe deixara o defunto à mostra a altura do rosto com as narinas entupidas de algodão e o maxilar inferior amarrado com uma fralda a não

▶ permitir que nada pudesse entrar ou sair pela boca morta, estando o corpo da avó atolado em flores tão mortas quanto ele.

Sim. Porque, embora já tivesse extraído muitas rosas e margaridas dos jardins, tratadas como se fossem *coisas*, sem vida, Elza nunca percebera com tanta clareza quanto depois dos funerais da avó que, como tudo momentaneamente vivo no mundo, as flores também morrem.

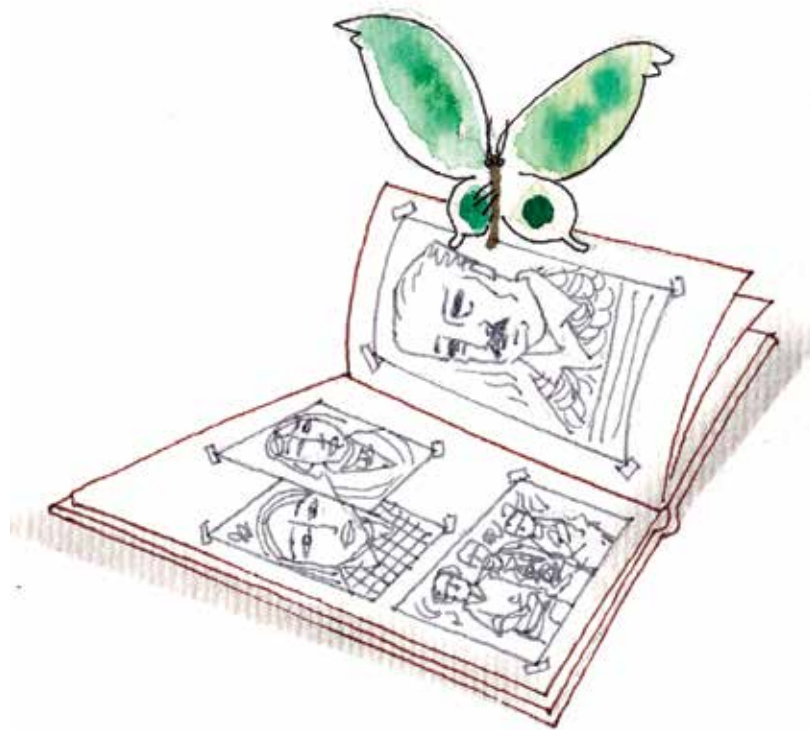
Por causa de seu conhecimento sobre a existência da morte de tudo, então, de estrelas como de formigas e seres menores, invisíveis, a partir de sua participação no funeral da avó Elza começara a amargar um pranto contido que, eventualmente abafado no coração, lhe provocava caretas que duravam horas e que a deixavam mais feia do que se sentia – o que também contribuía para a iniciação de seu pranto, tendo tido muitas crises de incômodos soluços quando sua estressada mãe lhe ordenara engolir choros ininterruptos e, segundo sua avaliação, “sem motivos”.

Porque, mesmo com a Morte contida na Vida, nem Elza ou sua vida eram tão feias e inúteis quanto passaram a lhe parecer – garantia-lhe a mãe, sem que, depois da morte do marido – que morrera antes que Elza pudesse conhecê-lo, falecimento sobre que sua mãe nunca lhe falara – ela tivesse plena convicção do que garantia à filha, e então Elza engolira choros aos montes. Mesmo que, vindos dos recantos mais profundos de seu coração sofredor, os choros não fossem para ser engolidos, Elza os engolira mais do que qualquer um seria capaz de fazer; dezenas, centenas deles que ela deveria ter chorado a plenos pulmões e que, depois de sofrer o desconforto de seu bucho cheio de choros, os vomitava em qualquer lugar, a qualquer momento.

Para maior desespero de sua mãe, estranhamente Elza chorava mais quando assistia comédias na TV, no cinema, no teatro ou quando ia a um circo arrastada pela mãe que, a despeito da resistência da menina a sair de casa para qualquer lugar – o que, muitas vezes, lhe rendia as palmadas que

lhe eram desesperada e irracionalmente desferidas por sua mãe a fazê-la *parar de chorar* e acompanhá-la aonde tivesse que ir – dona Maria tinha esperança de que os palhaços e suas palhaçadas dessem razões para que Elza recuperasse a alegria que havia perdido depois da morte da avó. Que os palhaços pudessem curá-la daquela estranha doença que nenhum médico do corpo ou da mente tinha conseguido diagnosticar, então – era o que pedira inu-

se desesperam ao saber dela. Não sou uma pessoa tão inteligente quanto muitas que existem por aí, doutor, mas sei o porquê de a maioria das pessoas trabalharem e se divertirem: procuram “preencher” o tempo que poderiam passar sem fazer nada, com a “mente desocupada” a pensar “bobagens”. Ou seja: exatamente para *não lembrarem* de que vão todas morrer! Também sei quanto isso é assustador e quanto também eu já chorei por isso, principalmente



tilmente a Deus em intermináveis orações noturnas que dona Maria fazia antes de dormir entre chorrinhos secretos e que, a despeito de sua sempre anunciada fé nas coisas do Céu, denunciavam suas desconfianças de que, crescendo em consciência e conhecimentos sobre as desventuras presentes no mundo, a filha somente pudesse piorar suas crises de choro.

- Isso às vezes acontece com as crianças, dona Maria – dissera-lhe um psicólogo, que a mãe de Elza consultara depois da primeira semana de seu ininterrupto chororô. – Elas choram por qualquer bobagem que a imaginação lhes suscitar: medo da morte, fantasmas e outras assombrações; são coisas da infância.

- O senhor há de convir que não são somente crianças que têm medo da Morte, ou que às vezes

depois da morte de meu marido. Mas o senhor pensa mesmo ser normal que uma criança chore durante sete dias e, às vezes, durante toda noite?! – argumentara e perguntara-lhe dona Maria, a quem o psicólogo esclareceu não pensar ser aquilo normal, já que, segundo suas observações sobre normalidades, nunca tivera conhecido um caso como o de Elza, embora toda aquela choradeira fosse *natural* na menina – observara o profissional – pois Elza tinha temperamento ultra-sensível, o que certamente seria um problema com o qual dona Maria e a filha teriam de conviver durante toda vida. E mesmo que ele garantisse que aquela primeira crise de Elza passaria logo, a menina sempre seria uma pessoa chorona.

E o doutor dissera parte da verdade. ▶



► Depois da morte da avó, e de depois prantear desesperadamente a morte da mãe – que morreria de ataque cardíaco num sanatório, para onde tinha sido levada depois que Elza completara vinte e cinco anos de suas choradeiras – durante toda sua longa vida Elza havia chorado ao saber da morte de estrelas e animais, sem que naturalmente tivesse adotado nenhum; pois certamente sofreria mais pela morte deles se a eles se afeiçoasse – como, pela mesma razão, evitara as amizades que a ela se insinuavam. E chorara pela morte de rios como de mares, quando descobriu que havia um “Mar Morto” no mundo; pela morte de florestas e pela morte de todos os tipos de pássaros, flores, insetos e pessoas, quer as mortes de completos desconhecidos ou de seus eventuais amigos, que tinham se aproximado dela a fim de procurar ajudá-la a terminar seu pranto, sem que demorassem muito a deixá-la só.

E Elza chorara até mesmo pela morte dos inimigos da Vida, terroristas e outros assassinos, como de seus próprios inimigos, pes-

soas de todas as idades e sexos que a haviam desprezado, ridicularizado e excluído de seus círculos de atividades – embora Elza nunca houvesse nutrido mágoa, rancor ou ódio por alguém. Pois que, diante da Morte de tudo, todos eram dignos somente de piedade e consolação – pensava Elza, cuja básica fonte de renda à sustentação de sua modesta e solitária vida de lamentações a espera de seu definitivo encontro com a Morte tivera sido a de carpideira; mesmo que nunca assinasse um contrato que lhe obrigasse a chorar acompanhando o defunto até o cemitério ou ao crematório – para onde, se tivesse podido, evitaria ir mesmo depois que morresse – recebendo muito mais por suas *sinceras* choradeiras pelas mortes de pessoas que tinham sido cruéis em vida o suficiente a não terem ninguém, nenhum membro da família a se dispor a chorar por suas mortes.

E então, depois de ter testemunhado milhares de todos os tipos

de mortes durante seus cento e dois anos, oito meses, três semanas, sete horas e dois minutos de vida em lamentosos prantos, Elza finalmente morreria.

Sozinha – como morre tudo e todos – trancada no claustro de um mosteiro cristão para onde ela tivera decidido ir a passar seus últimos dias e onde, depois de haverem suportado o ininterrupto prantear de Elza por anos – com o qual somente Deus, com Sua paciência infinita, nunca parecera ter-Se importado – as freiras que dela haviam cuidado ouviram finalmente a sonora e intensa risada que dera Elza, durante três longos minutos, antes de dar seu último suspiro. ◀

Archidy Picado Filho é artista plástico, músico e escritor. Coordena, atualmente, o setor de Literatura e Memória Cultural da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc). Mora em João Pessoa (PB).



# Espectadores (11)

## Maria Adette Wanderley

**V**ocê conta que a primeira vez que foi ao cinema tinha quinze dias de idade. É fato? Que estória é essa?

Pois é, na ocasião estava sendo lançado no antigo Cinema Rex, que pertencia a nossa família, o famoso filme *E o vento levou*, um sucesso estrondoso de público. Na ocasião, naturalmente, eu não tive consciência disso, mas soube depois, já crescidinha, que meu pai me levou, nos braços, até o cinema, abriu a cortina da sala de projeção e falou: “Eis o seu mundo! O mundo do cinema!”. E foi... Para você ver, tive um batismo honroso.

**Filha de exibidor (Sr. Múcio Wanderley, na época, o proprietário da Companhia Exibidora de Filmes, com sede em João Pessoa, Paraíba), você foi uma espectadora de muitos privilégios. Só para nos fazer inveja, relate alguns.**

Na infância e adolescência eu era aluna do Colégio Lourdinias, e tinha muitas amigas. Pois em ocasiões especiais eu tomava a iniciativa de levá-las ao Cinema Rex, para assistir ao filme em cartaz, em regime de cortesia. É claro que elas adoravam entrar “de graça” e ver um bom filme, tudo isso no clima animado de colegas juntas. Outro privilégio meu era trocar fotogramas de filmes por gibis, na calçada do cinema. Os fotogramas eu con-

seguia facilmente com o operador, até porque eu mesma tinha acesso livre à cabine de projeção. Outro privilégio: meu bisavô, conhecido como o “Velho Leal”, gostava de me paparicar e, durante as sessões, levava sanduíches e guaraná para mim e meu irmão Marcos, no salão de projeção, isto numa época em que comer no cinema não era comum, ou nem existia.

**Entre esses privilégios estavam também as traquinagens de adolescente. Relembre as mais engraçadas.**

Uma vez dancei no salão de projeção do Rex. Foi na exibição do filme *Ao balanço das horas*, de Bill Halley e seus Cometas. Foi o maior barato! A plateia vibrou, foi uma alegria geral. Diante da bagunça, Seu Etelevino, famoso porteiro do Rex, não sabia que providências tomar. Enquanto meu pai brigava comigo, meu avô Olavo deu gargalhadas. De outra feita, assustei o pessoal com uma aranha de borracha preta, pendurada num cordão. Era um filme de terror, não lembro qual, mas era apavorante, e assisti ao filme na parte superior do cinema, no balcão, só para poder, lá de cima, manipular a aranha e assustar quem estivesse embaixo. Foi muito divertido.

**De suas preferências fizeram parte filmes tão diferentes entre**

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO



*Maria Adette Wanderley em foto do tempo que frequentava as salas de cinema do pai, Múcio Wanderley*

## imagens amadas

si quanto: seriados, faroestes, comédias, policiais, suspense, dramas, chanchadas, etc., mas não ouvi menção especial a filmes românticos. Alguma razão para isso?

Se não mencionei foi puro esquecimento, pois adoro filmes românticos. Vi muitos e ficaram no meu imaginário para sempre: *A ponte de Waterloo*, *Sabrina*, *Férias de amor*, *A fonte dos desejos*, *Tarde demais para esquecer*, *Quando o coração floresce*, e muitos outros mais... São filmes inesquecíveis.

**Ao ser indagada sobre suas predileções em cinema, você retruca que gosta de “bons filmes”, sem se importar com gêneros. Para você o que é um bom filme?**

Um bom filme para mim significa: um excelente diretor, um roteiro magnífico e um elenco com vontade de ganhar Oscar.

**Você destaca direção, enredo e interpretações, porém, um filme tem bem mais componentes. A música, por exemplo. O que você pensa da música no cinema? Dê exemplos, se possível.**

Realmente, a música é importantíssima num filme. Não pode ser deixada de fora. Em muitos casos, música e filme se tornam indissociáveis. Veja o caso da trilha sonora, belíssima, de *E o vento levou*, que ajuda a eternizar o filme. E a canção tema de *Suplício de uma saudade*, “Love is a many-splendored thing”, filme que vi muitas vezes. E o “Que será, será”, de Doris Day, em *O homem que sabia demais*. Os exemplos a dar são muitos e nem sei mais o que citar. Louis Armstrong em *Alta sociedade?* “Singing in the rain”, com chuva ou sem chuva, cantada tantas vezes em *Cantando na chuva?* Agora mesmo estou vendo na minha mente de espectadora saudosa William Holden e Kim Novak dançando às margens do rio ao som encantador de “Moonglow”, em *Férias de amor*...

**Pelo visto, você curtiu com intensidade o período chamado**

de Hollywood clássica. Quando, nos anos sessenta, chegaram por aqui as vanguardas europeias, qual foi sua reação pessoal a filmes “difíceis” como *Oito e meio*, e outros nessa mesma linha?

Curti Hollywood, sim! E muito. Mas também recebi, de braços abertos, as vanguardas europeias e filmes que marcaram essa época, como *A doce vida* e *Oito e meio*, de Fellini, e muitos outros... *Rocco e seus irmãos*, *Acosado*, *Os incompreendidos*, *Hiroshima meu amor*, *O ano passado em Marienbad*, *Os companheiros*, *Blow up*, *Teorema*... vi tudo. E não posso deixar de citar *Morangos silvestres*, de Ingmar Bergman, que minhas amigas detestaram e eu amei, e amo até hoje.

**Uma atividade habitual na João Pessoa dos anos cinquenta e sessenta foi o cineclubismo. Você frequentou cineclubes, e, em caso afirmativo, que lucro tirou disso?**

Frequentei muito. Com jornalistas, cinéfilos e amantes da sétima arte como eu. Foi um ponto positivo na minha vida de espectadora de bons filmes. Aprendi a entender melhor o cinema em si. Fui muito às sessões na Sede da API (Associação Paraibana de Imprensa). Os críticos locais me olhavam enviesado, como se dizendo “o que é que está fazendo aqui uma filha de exibidor?” Mas pelo menos dois deles me acolhiam de bom grado e até com carinho: Geraldo Carvalho e o



*Férias de amor (Picnic, EUA, 1955), de Joshua Logan, com Kim Novak e William Holden*

professor José Rafael de Menezes, que eram amigos de meu pai. Também acompanhava as discussões críticas nos jornais, que lia sistematicamente e com interesse. Quando não concordava com os pontos defendidos, discutia com meu pai, e sempre aprendia, com ele e com os outros.

**Nessas sessões de cineclubes, você deve ter visto *Cidadão Kane*. Quais suas impressões desse filme que a crítica considerava o mais perfeito já feito em todos os tempos?**

Bem, ninguém tem dúvidas de que Orson Welles era um gênio e o seu filme é inovador, anticon-



*Morangos silvestres (Smultronstället, Suécia, 1957), de Ingmar Bergman, com Victor Sjöström e Bibi Andersson*



▼ vencial, extremamente bem construído, etc. Agora, de minha parte, se me coubesse apontar o melhor filme de todos os tempos não seria ele, mas *E o vento levou...*, um épico grandioso sobre a derrota do Sul na guerra civil americana, uma produção impecável, com interpretações marcantes e música sublime, um filme que agradou a crítica e público. Eu mesma vi dez vezes, e isto em tela de cinema, pois naquela época os grandes sucessos eram reprisados muitas vezes. *Cidadão Kane*, de alguma maneira, é um filme de crítica, não é?

**Muita gente acha que a televisão afastou os espectadores do cinema. Você concorda?**

Creio que os verdadeiros amantes da sétima arte jamais deixarão de assistir a um filme no cinema para vê-lo na televisão. Quem vai a cinema exclusivamente para comer pipoca com coca-cola, talvez possa dar mais valor a filmes na televisão, porque é mais cômodo e confortável. Agora, se você é cinéfilo mesmo, ver em casa, só quando se torna impossível a ida ao cinema. Infelizmente, esse impossível é mais frequente do que a gente pensa, ou quer. Ou porque nem tudo é exibido localmente, ou porque as reprises, hoje em dia, não acontecem mais. Se você quer rever um grande clássico do passado, como *Casablanca*, tem que ser em casa. Não há o que fazer.

**Sem esconder um certo desalento, você confessa que os “cinemas de shopping” não lhe atraem. Por quê?**

Os cinemas de shopping não têm o mesmo “glamour” dos cinemas de calçada. Acho que

eles pedem mais um espectador casual, desatento, que compra o ingresso como uma opção entre as muitas que o shopping lhe oferece; diferente do espectador de antigamente, que geralmente ia ao cinema convicto do que queria ver. Ao sair das salas de shopping, você se depara com um mundo alheio ao clima do filme, disperso, barulhento, e tende a ficar disperso também. Diferente de antigamente quando as calçadas eram ponto de encontro e discussão dos filmes. Talvez se trate de um pouco de saudosismo de minha parte, quem sabe...

**Para não perder o glamour de antigamente, vamos voltar ao nosso querido Cinema Rex. Por acaso, você se lembra de incidentes ocorridos durante as sessões?**

Lembro que uma vez foi preciso chamar a polícia, pois um “tariado” estava incomodando uma espectadora nas filas lá de trás. Não lembro os detalhes, mas o caso foi sério: se acenderam as luzes, houve confusão e a polícia foi chamada. Por outro lado, devo dizer que naquelas sessões do Cinema Rex muitos namoros começaram e, não estou autorizada a mencionar nomes, mas conheço muitos casais da nossa distinta sociedade, ainda hoje casados, com filhos e netos, que começaram a namorar no escurinho do Rex. Sei tudo do Rex porque, para mim, era uma espécie de segunda casa. E nele não fui só espectadora: eventualmente desempenhei o papel de porteira, de projecionista, e até a baldeação da Semana Santa eu fiz. Ajudei a Seu Etelvino em lançamentos de grande bilheteria, como *Os dez mandamentos* ou *Ben Hur*, e, quando necessário, manuseei o proje-

Da esquerda para a direita, cenas de *Casablanca* (EUA, 1942), de Michael Curtiz, com Humphrey Bogart e Ingrid Bergman; *A noviça rebelde* (*The sound of music*, Reino Unido/EUA, 1965), de Robert Wise, com Julie Andrews, Christopher Plummer e Richard Haydn) e *Testemunha de acusação* (*Witness for the prosecution*, EUA, 1957), de Billy Wilder, com Norma Varden, Ruta Lee e Tyrone Power

tor, na cabine de projeção, colando fita quebrada com acetona e tudo mais. A “baldeação” sempre ocorria na Semana Santa, quando o mesmo filme, *A paixão de Cristo*, era mostrado em vários cinemas da Companhia, com uma única cópia, e a gente tinha que ir, rua afora, de cinema em cinema (Rex, Sto. Antônio, Jaguaribe) carregando os rolos das fitas. Em *Cinema Paradiso* isso é mostrado, só que de bicicleta e eu, meu pai e o gerente Sr. Miguel Grisi fazíamos o trabalho de carro. Outro trabalho que fazíamos era afixar, nos postes da cidade, os cartazes dos filmes, quase todos pintados à mão.

**Chegou o momento de você nos fornecer sua lista de filmes mais amados. Por favor, mencione apenas sete.**

Gostaria de poder mencionar mais, mas se tem que ser apenas sete, eles são: *No tempo das diligências* (Stagecoach, John Ford, 1939), *E o vento levou* (Gone with the Wind, Victor Fleming, 1939), *Casablanca* (Michael Curtiz, 1942), *Matar ou morrer* (High noon, Fred Zinnemann, 1952), *A um passo da eternidade* (From here to eternity, Fred Zinneman, 1953), *Testemunha de acusação* (Witness for the prosecution, Billy Wilder, 1957) e *A noviça rebelde* (The sound of music, Robert Wise, 1965). ❖

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB)

## Ícaro Medeiros de França

### Carboidrato

Comprei a massa mais burra  
 Porque era a mais barata  
 Mais fácil de ser cozida  
 Mais fácil de ser servida  
 Engolida, digerida e excretada  
 Só comprei porque era fácil  
 Odeio gosto de massa

### “Chão”

Sou normal  
 Me encaixo no padrão  
 Cabelo sempre igual  
 Sonho com os pés no chão  
 Não tive trauma de infância  
 Obedeço os meus pais  
 Respeito as leis de trânsito  
 Não ando na contramão  
 To estudando pra concurso  
 Sonho com os pés no chão  
 Nunca fui no exterior  
 O salário não é tanto  
 Quando dá vou à praia  
 Aproveito a família  
 Tenho a vida sossegada  
 Tomo café com pão  
 As contas formam uma pilha  
 Sonho com os pés no chão  
 Durmo depois da novela  
 10h já to na cama  
 Gosto de gente de bem  
 Que aceita e não reclama  
 Amanhã acordo cedo  
 2,20 a condução

Espero o fim de semana  
 Sonho com os pés no  
 chão  
 Nunca fiz tatuagem  
 Não gosto de aparecer  
 Outros falam por mim  
 Escuto na multidão  
 E a vida é assim  
 Sonhar com os pés no  
 chão  
 ...  
 Sonhava com os pés no  
 chão  
 E do chão nunca saí  
 Sempre fui normal  
 E hoje me arrependi

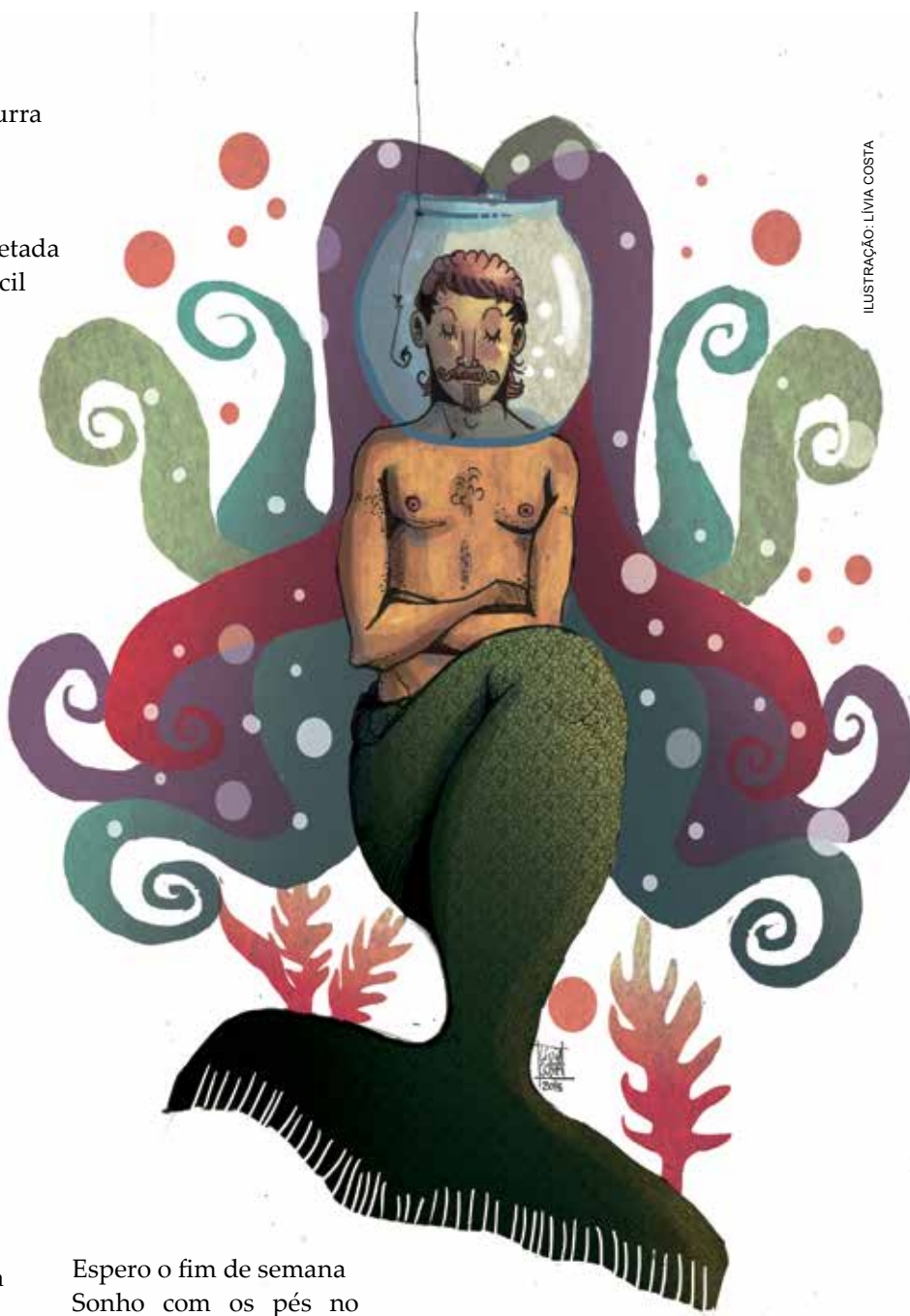
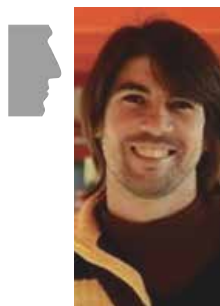


ILUSTRAÇÃO: LIVIA COSTA



ÍCARO MEDEIROS DE FRANÇA nasceu em João Pessoa (PB), onde reside. É formado em Publicidade e Propaganda. Atualmente trabalha como designer freelancer e sempre que se sente inspirado se põe a escrever.

## Carlos Alberto Jales

### Inutilidade

Inúteis os gestos  
aos olhos redimidos

Inúteis os antigos caminhos,  
os bosques ilusórios,  
as fontes que secaram

Inúteis as mãos postas  
que agradecem o pão de cada dia

Inúteis as horas seculares  
que não conseguimos viver

Inúteis os desejos  
das almas alimentadas pelos êxtases

Inúteis os cântaros  
que levamos aos lábios em inúteis desertos

Inúteis as efêmeras ressurreições,  
as pálpebras feridas pela escuridão das noites

Inúteis os gestos  
aos olhos redimidos

Inúteis como a vida  
e seus dias mutilados

### Chegada

O poema chega  
todas as manhãs

Vem de longas caminhadas noturnas,  
de antigos corredores assombrados

O poema tudo vê:  
velhos abandonados,  
crianças aborrecidas,  
rostos visionários nas janelas

O poema tudo escuta:  
temporais derrubando a veemência das coisas,  
músicas atravessando névoas,  
lágrimas das mulheres subornando a dor

O poema chega  
todas as manhãs

Silente,  
corre desesperado num campo de urzes,  
para mergulhar depois em lúcidos abismos

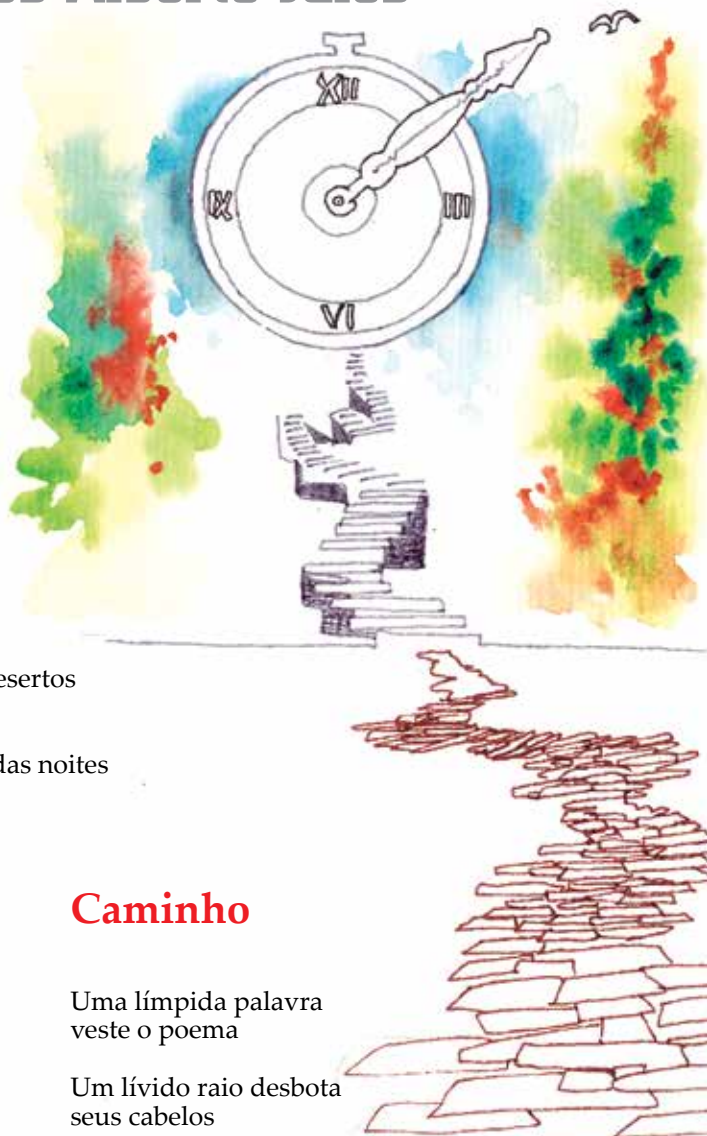


ILUSTRAÇÃO: TONIO

### Caminho

Uma límpida palavra  
veste o poema

Um lívido raio desbota  
seus cabelos

Uma imponente catedral  
é sua casa

Uma leve brisa carrega  
seus desejos

Calado,  
o poema agradece e  
segue o rumo que traçou desde o início,  
fazendo de cada passo a procura do eterno



CARLOS ALBERTO JALES COSTA é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade

Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. *Vindimas da solidão* (poesia) é o mais recente.



## Eliza Araújo

### Flor e ser

Ser flor  
é segurar a dor do parto no caule.  
Ter tronco de lágrima caída  
tão doída que jamais se foi.

Ser flor é também ser fruta  
fruta fresca sem tempero  
cheiro e sabor  
que se medra e não se entende.

É ter olhos fundos da noite  
e balançar na manhã que avisa.  
É boca seca:  
silêncio afoito  
calado na beleza.

Ser flor  
tem um pouco de tristeza  
da antecipação de figurar o amor de outrem  
de morar em vasos de água fria  
postos no alto  
de um lar alheio ao ar  
e ao chão de terra.

É ter vida curta  
e relevância de pétalas.  
É não saber-se completa  
no meio de um buquê.  
É ser sem porquê  
a serviço de quem  
não se presta a olhar o não-belo.

Ser flor é mero  
presente.  
Ou mora  
em memória  
ou em  
jardim  
ou em cima  
da gente.

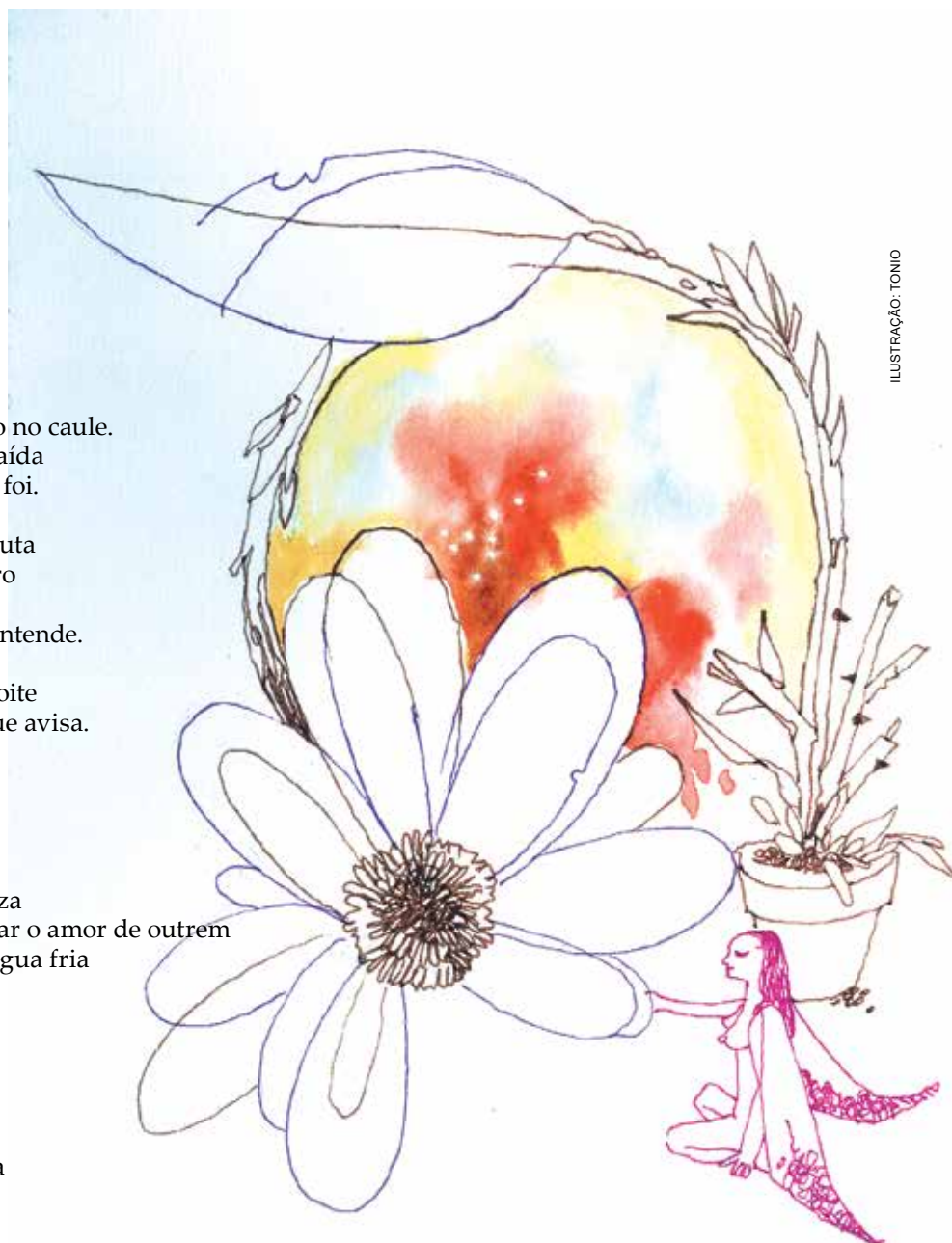


ILUSTRAÇÃO: TONIO



ELIZA ARAÚJO é poeta, radicada na Paraíba há 10 anos. Teve seu primeiro livro de poemas, *Segredo de estado de espírito*, publicado em 2014 pela Editora LiteraCidade. Pesquisa literatura de mulheres negras em língua inglesa como aluna do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e alimenta o blog vinculado à página "Prosa e Poesia em Exercício", no Facebook. Mora em João Pessoa (PB).

## Félix Di Lásccio

### Atos falhos

- Mãos e os atos!  
Ignorem os laudos  
E os alfarrábios!

### Haicai erótico

Fiquei hesitante  
Ao ponto que ele  
Cedeu.  
E aí, não teve  
Escolha.  
Caí no sono.

### Mar abraço

Nadei  
Até cair nas encostas  
Do seu rio.

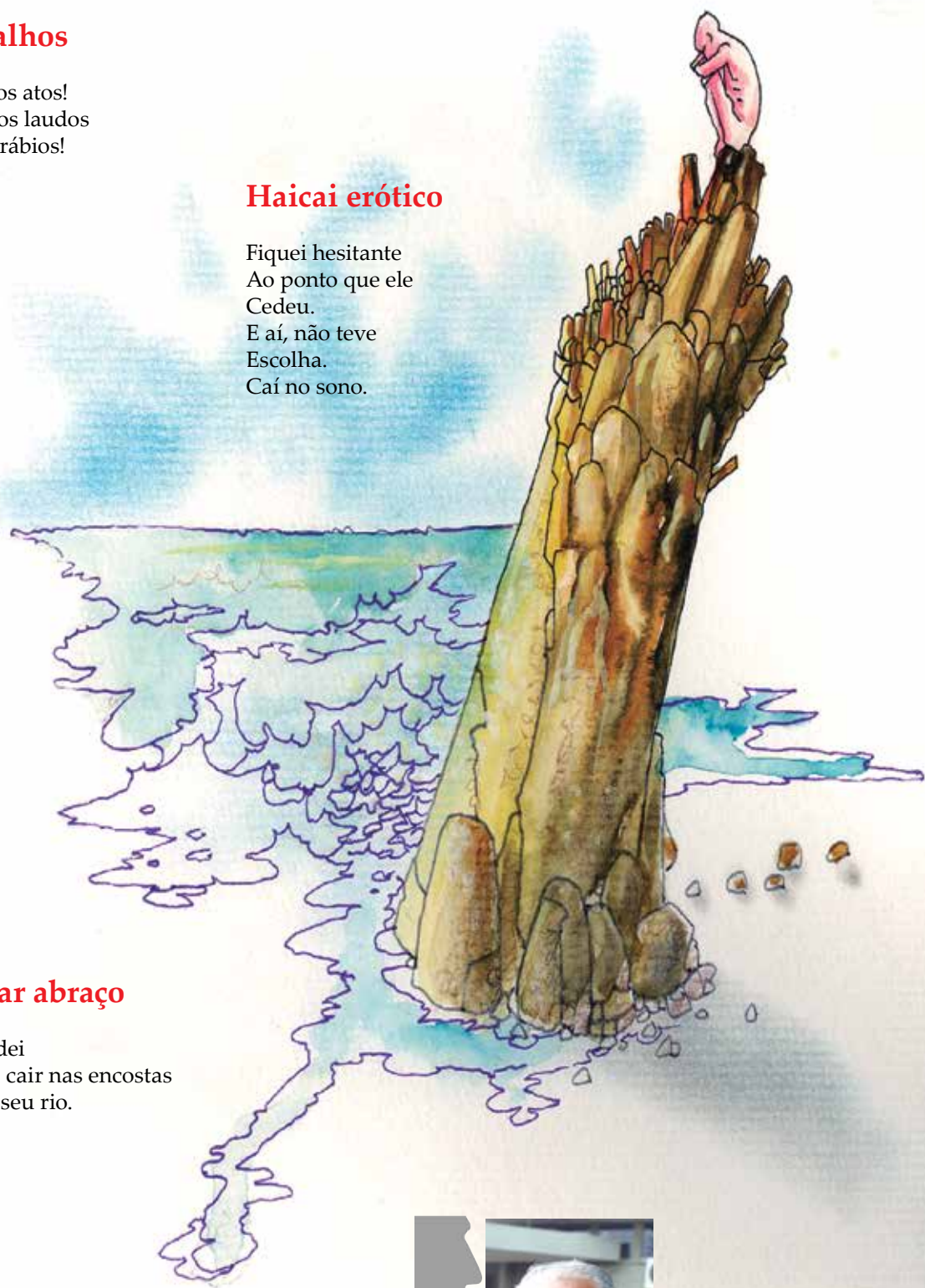


ILUSTRAÇÃO: TONIO



FÉLIX DI LÁSCIO (pseudônimo de Arnaldo da Silva Félix) tem 57 anos e é natural de João Pessoa (PB), onde reside. Integrou o grupo Oficina Literária (1982) através do qual publicou seu único livro, *Discurso panfletário*. Tem poemas publicados em diversas antologias. Atualmente, edita o blog [www.napoltrona.net](http://www.napoltrona.net), onde publica toda a sua produção.



# “No último minuto”

## – futebol e invenção

**A** nossa proposta de estudar (ou discutir) a arte da literatura quando vinculada à arte do futebol – propósito da minha gratificante intervenção como ensaísta aqui no *Correio das Artes* – tem considerado vários aspectos técnicos destes dois campos de expressão humanos.

Desde a relação mais direta entre a bola e a palavra por meio da perspectiva lúdica em que tanto o jogador de futebol como o escritor se irmanam na maneira de criar ou produzir beleza até as formas diferenciadas com que cada um deles maneja o material de que dispõe para tocar a sua arte – a instauração da realidade ficcional por parte de um e a peripécia fugidia inventada pelo contato do corpo com a bola por parte do outro –, tudo, mas tudo mesmo, nesse campo, se estabelece como que realizado pelo poder radiante da invenção. Ou da inventividade, por assim dizer.

É isso que vamos conferir, precisamente, nesse conto de futebol do escritor carioca, Sérgio Sant’Anna, um verdadeiro craque na arte da invenção literária. Sant’Anna talvez seja o nosso “Neymar” da literatura brasileira contemporânea, tão amplo é o seu repertório de jogadas geniais com a palavra ficcional. Um daqueles craques para quem a palavra – assim como a bola, tornada tema literário – se entrega sem receio e sem reservas como a pedir que lhe chutem em direção à meta, ao gol, ou mesmo ao agrado de uma firula ou de um drible desconcertante dado na cara do adversário.

A bola aqui é a palavra e o jogador aqui

é o nosso Sérgio Sant’Anna que a domina como poucos, no campo da literatura. É só conferir o que eu estou dizendo lendo o texto abaixo, uma análise comentada, feita por mim, de um dos seus contos futebolísticos mais geniais.

### FUTEBOL COMO METÁFORA LINGUÍSTICA DA VIDA

“O último minuto”, de Sérgio Sant’Anna, é um texto ficcional muito inventivo que revela o domínio das formas de narrar em ficção e que se debruça sobre aspectos relevantes do futebol quando entendido como metáfora linguística da vida em alguns dos seus aspectos essenciais. O elemento do imponderável, presente tanto na vida quanto no jogo; a força das circunstâncias na definição de situações que parecem revelar certa autonomia dos objetos sobre os seres; a impotência destes diante de fatos consumados que informam a existência; a sensação de um tempo decisivo na configuração de estados sem volta na permanente mudança dos entes e das coisas são, enfim, alguns desses aspectos colocados em pauta por essa história.

Mais uma vez a linguagem televisiva é requisitada como elemento formal e o que sobressai nessa narrativa, por conseguinte, é a capacidade que a televisão tem de potencializar os efeitos dos fatos decorridos sobre a consciência e o psiquismo dos que deles participam. Seja diretamente, ampliando a repercussão desses efeitos no íntimo dos seus pro- ➤

▶tagonistas; seja indiretamente, reapresentando para nós espectadores (e, agora, leitores) dimensões múltiplas desses fatos em função da sua recorrente e sistemática repetição através das imagens que os configuram – passam e repassam – nesses tempos de modernidade.

O caso aqui é o de um goleiro que conta a história de um lance imprevisto que o envolveu numa partida de final de campeonato e que, justamente por ser previsível o seu desenrolar, torna imprevisíveis e duros os impactos do seu desfecho no âmbito humano desse jogador de futebol. A história nada mais é do que o reviver, por parte do goleiro personagem e narrador, o drama em que tomou parte e que, dadas as circunstâncias do seu momento decisivo, tenta, por este recurso narrativo, compreendê-lo no que ele tem de mais incompreensível e de imponderável.

### “CANAL 5”.

Começa assim a narrativa:

*É uma rebatida de defesa deles. A bola vem alta e cai pro Breno, nosso médio-apoiador. Ele a mata no peito, põe no chão e aí perde o domínio da pelota. Mas ninguém vai se lembrar disso: que a primeira falha foi do Breno. A bola fica, então, para o meia-armador deles: o Luiz Henrique. É o momento do desespero, o último minuto.*

Esse trecho, explique-se – como, ademais, todos os que vão ser transcritos aqui – é a descrição, pelo narrador, do lance capital que protagonizou e a que ele assiste depois pelas câmeras de TV de um dos canais que o transmitiram. Note-se o recurso da descrição imagética da TV como a conferir objetividade plena a algo que, no interior do personagem-narrador, é vivido de forma intensamente subjetiva.

*(...) É um chute rasteiro, um centro chocho... E eu grito: ‘deixa’. Eu fechei o ângulo direitinho e caio na*

*bola. Eu sinto a bola nos meus braços e no peito. E sei que a torcida vai gritar e aplaudir, desabafando o nervosismo, naquele último ataque do jogo. Eu tenho a bola segura com firmeza no meu peito e, de repente, sinto aquele vazio no corpo. Eu estou agarrando o ar. A bola escapando e penetrando bem de mansinho no gol. A bola não chega nem alcançar a rede; ela fica paradinha ali..., depois da linha fatal.*

Como a não acreditar no que acontecera, tudo é literalmente repassado pelo narrador outra vez, agora através de um utilíssimo recurso da televisão.

### “EM CÂMARA LENTA”.

*(...) O ponta esquerda deles, o Canhotinho, está tão longe da bola que parece impossível que consiga alcançá-la. (...) O passe foi tão longo [refere-se ao passe que o adversário Luiz Henrique fizera a esmo: ‘É um desses lançamentos de arques na afobação de fim de jogo, só pra ver o que acontece’] que mesmo em vídeo-tape, já sabendo do jogo, a gente custa a se convencer que ele chegará a tempo de tocar na bola. Então me vem agora, essa sensação absurda de que ainda pode acontecer tudo diferente, e corrigir minha falha.*

Para conseguir um efeito cumulativo do seu drama – efeito que vai se ampliando à medida que a história avança –, o narrador conclui assim, a descrição do que via pelo canal 5:

*E agarrei a bola, ela está segura nos meus braços e no meu peito. Nós vamos ser campeões. Eles param o tape só para mostrar isso: como eu estou tranquilo com a bola. Neste instante, nós ainda somos campeões do Brasil.*

Os trechos seguintes da narrativa fazem a ligação entre a sua dimensão puramente intrínseca ao futebol e a repercussão humana, já, do ocorrido. Daí ser funcionalmente interessante, o narrador mudar a sua perspectiva de visão através da mudança do canal de TV.

### “CANAL 3”

*São vinte e dois minutos do primeiro tempo. Minha mulher senta ao meu lado e diz pra eu desligar a televisão e me esquecer daquilo tudo. ‘Amanhã é outro dia’, Ela diz. Amanhã é outro dia, eu penso. Eu vou sair na rua e ver o meu retrato em todos os jornais dependurados nas bancas: eu me preparando para defender aquele chute; eu com a bola nas mãos; eu com a bola perdida e já entrando no gol. Eu, o culpado da derrota. Eu, frangueiro, se não falarem pior: que eu estava vendido.*

*Quando vai começar o segundo tempo, minha mulher aperta a minha mão e fica me olhando assim meio de lado. Eu digo para ela ir dormir, não quero a piedade de ninguém.*

*O tempo passando, minuto por minuto. Eu ouço aquele barulho todo da torcida e é incrível como a alegria pode se transformar em tristeza tão de repente. Eu penso, também, como a vida se decide às vezes num centímetro de espaço ou numa fração de segundos. E me volta aquela loucura, a sensação de poder modificar um destino já cumprido, fazer tudo diferente. Ir naquela bola de outro jeito, espalmá-la para correr, mesmo sem necessidade.*

Novamente o recurso da câmara lenta e do vídeo-tape para intensificar ainda mais a sensação do drama vivido e, diante do incompreensível, tentar compreendê-lo ao divisá-lo sob os mais diferentes ângulos:

*Tape parado: Eu estou com a bola segura e escondida nos braços e sob o corpo.*

*Tape rodando lentamente: a gente percebe, a princípio, apenas que a bola se deformou: ela parece um ovo, com a ponta aparecendo entre os meus braços. É como se a bola inchasse e por isso se despregando do meu corpo e escorrendo mansamente pela grama. Até parar, caprichosamente, um pouco depois da linha fatal.*

► “POR DETRÁS DO GOL”

*No meio daquele inferno todo, eu me viro para trás e estou de cabeça baixa diante dos fotógrafos e cinegrafistas. Eu tenho vontade que o mundo desapareça ao meu redor. O mundo não desaparece. Eu cubro o rosto com as mãos e é assim que aquela câmera me focaliza. Eu cubro o rosto com as mãos aqui sentado diante do televisor, que me mostra cobrindo o rosto com as mãos lá dentro do gramado.*

Aqui fica concluída a mixagem dos três planos que envolvem a ocorrência vivida pelo personagem-narrador: o do jogo em si, quando o goleiro constata desolado o gol improvável que tomou; o do homem em jogo, quando ele sente o impacto do fato sobre os seus ombros e reage impotente, literalmente indefeso, e do jogo espetáculo, quando sua dor subjetiva é mostrada objetivamente pelas impiedosas objetivas das câmeras de TV.

Daí que o narrador, para ressaltar todos esses elementos envolvidos num jogo de futebol moderno, e para compor uma mimese adequada a sua transfiguração pela palavra literária, tenha inteligentemente escolhido o suporte da linguagem da televisão e com ela fixado a maneira pela qual, através da lógica do espetáculo, um momento que é de experiência individual, torna-se de vivência coletiva.

E para expandir ainda mais o âmbito de repercussão da sua falha de goleiro, e com isso expor mais precisamente a dimensão da sua dor interior, o narrador encerra a sua história a partir de mais um ângulo de observação em que a imagem cede lugar ao som, como a evidenciar, para o caso narrado, a eficácia da natureza tátil do veículo televisão, conforme preconizava deste meio de comunicação, o pensador Marshal McLuhan.

O recurso de tirar partido do efeito cumulativo é o mesmo com as repetições da cena capital levadas ao paroxismo.

SOBRE O AUTOR



**Sérgio Sant'Anna** nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1941. É contista, romancista

e poeta. Sua obra é notória pelo caráter experimental, abordando temas urbanos de várias formas diferentes, algumas bastante transgressivas e inovadoras. Embora já tenha publicado poesia, peças de teatro, novelas e romances, Sant'Anna se considera primeiramente um contista. Seu romance mais célebre é *As confissões de Ralfo*, publicado em 1975. O livro é a história de um escritor que decide escrever uma “autobiografia imaginária”, narrando vários fatos extraordinários numa sucessão inverossímil. Além de *O sobrevivente* (1969), publicou *Notas de Manfredo Rangel, repórter – A respeito de Kramer* (1973), *Simulacros* (1977), *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (1982), *Amazona* (1986), *Senhorita Simpson* (1989), *Breve história do espírito* (1991), *O monstro* (1994) e *Contos e novelas reunidos* (1997). Ganhou por duas vezes o Prêmio Jabuti e também, por duas vezes, foi agraciado com o Prêmio Status de Literatura. A narrativa, acima, “No último minuto”, foi publicada no livro *Contos brasileiros de futebol*, editado em 2005, por Cyro de Matos, sob os auspícios da Editora LGE, de Brasília, e 22 contistas em campo, reunião de textos organizada por Flávio Moreira da Costa e publicada pela Ediouro, do Rio de Janeiro, em 2006.

“CANAL 8”

*Eles abriram os microfones e a gente escuta nitidamente os gritos da nossa torcida: ‘É campeão, é campeão’. Um grito que ecoará durante a noite inteira na cidade. Só que a torcida adversária que irá comemorar. ‘É campeão, é campeão’, o grito apenas mudando de um lado para o outro das arquibancadas”.*  
(...)

EM CÂMERA LENTA

*(...) Eles voltam à câmara uma porção de vezes. Aquela bola que sai de dentro do gol e volta aos meus braços e daí ao Canhotinho e dele de volta ao Luiz Henrique. Aquela bola que sai de novo dos pés de Luiz Henrique e rola para a ponta esquerda e até a linha de fundo, onde o Canhotinho bate nela todo torto e de esquerda e daí aos meus braços e depois para dentro do gol.*

*Eles repassam uma porção de vezes a jogada. (...) Como se fosse repetir-se para sempre, igual a um pesadelo.*

De temática simples, um evento relativamente comum em jogos de futebol (o lance em que o goleiro é traído pela bola, deixando passar um gol que todos – inclusive ele – asseguravam defendido: o chamado “gol frango”), o grande lance desse conto de Sérgio Sant'Anna é a forma de narrá-lo. Um caso típico em que a forma ilumina o conteúdo. Conteúdo esse, o leitor pôde notar, tecido aqui por uma fabulação que é ela mesma rica em significados extras, e que por consequência disso salta da categoria de um mero evento de jogo para a dimensão de um daqueles pequenos dramas humanos que, mais do que as câmaras de TV, só as lentes da boa literatura sabem captar. ✦

Edônio Alves é jornalista, poeta e professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

# Dez dias

## COM ELENA EM Havana

**Analice Pereira**

Especial para o *Correio das Artes*

QUINTO DIA:

VESTIDO DE NOVIA

**A**quele lugar não era um só. Era mais de um. Era múltiplo, diverso. No comportamento, nas preferências, era mais de um, como tantos outros lugares. No mínimo três: o que a mídia exibia; o que ela (a estrangeira) via; o que Elena mostrava. Essa tríplice visão revelava muita diversidade, para surpresa dela (da estrangeira), que pensava que é preciso assentar a diversidade que há, em qualquer lugar onde há gente; e que esse era, talvez, o mal maior de qualquer regime totalitarista: não (re)considerar individualidades.

Aquele dia já amanheceu nublando o coração dela. Chovia dentro dela. Era saudade já? Talvez, aquele tenha sido o dia em que ela mais conversou com Elena, pois entraram na intimidade uma da outra e, sabe como é, quando duas mulheres se encontram e se dão à liberdade de serem confessionais, a conversa se torna interminável. Lembrava de um trecho de um livro de Saramago: *Quando Baltasar entra em casa, ouve o murmúrio que vem da cozinha, é a voz da mãe, a voz de Blimunda, ora uma ora outra, mal se conhecem e têm tanto para dizer, é a grande, interminável conversa das mulheres, parece coisa nenhuma, isto pensam os homens, nem eles imaginam que esta conversa é que segura o mundo na sua órbita, não fosse falarem as mulheres umas com as outras, já os homens teriam perdido o sentido da casa e do planeta, Deite-me a sua benção, minha mãe, Deus te abençoe, meu filho, não falou Blimunda, não lhe falou Baltasar, apenas se olharam, olharem-se era a casa de ambos.* (Memorial do convento)

Naquele dia, tanto ela quanto Elena falou de dores, desafetos, princípios humanistas em crise. Perguntavam-se: o que une, ou deveria unir, duas pessoas num matrimônio? Pareciam anacrônicas, pois para responder a essa pergunta não dispunham de uma ideia que pudesse ser contemporânea ao tempo de amor de hoje: tempo da prática de vários amores ao mesmo tempo (poliamor); da falta de disposição de unir-se a alguém e seguir junto, no amor, sobretudo. Falava amor! Pensavam juntas e mitigavam juntas na busca de uma resposta que vinha a contrapelo, que colocava a estrangeira numa zona de desconforto que, cada vez mais, aumentava a chuva dentro dela. No entanto, Elena se convencia: as pessoas hoje em dia não querem mais amar. A estrangeira questionava: *será?*

Aquele filme que veria naquele dia não aplacaria sua (momentânea) tristeza. Pelo contrário. Mas até começar o filme, ou mesmo, até uma boa parte do filme, estava inocente do que veria naquela imensa tela/sala do Cinema Acapulco. O título – *Vestido de novia* – a fez perguntar a Elena se aquela não seria uma produção fílmica a partir de uma peça produzida no Brasil, pelo dramaturgo Nelson Rodrigues, pois nada sabia do que iria ver. Elena tampouco sabia responder. Apenas falou que se tratava de um filme cubano que fora premiado no último festival de cinema latino-americano ▶





Laura de la Uz e Luis Alberto García em uma cena de *Vestido de noiva*, de Marilyn Solaya

► ocorrido em Havana e que era sobre homossexualidade. Mas era mais do que isso. E veja que, ver um filme cubano, em terreno cubano, sobre homossexualidade, já era coisa demais para a cabeça da estrangeira, avalie quando ela viu o que a esperava.

Naquelas palavras de Solaya, diretora do filme, lidas um tempo depois, poderia ver alguma explicação para o que a incomodava tanto naquele dia: *La película pasa por el tema transexual, pero va más allá. Habla de la sociedad que me ha tocado vivir y enfrentar, de esos tres países en que vivimos: el país en el que dicen que vivimos, ese otro en el que vivimos la gran mayoría, y por último en el que viven algunos.*

Aquela ideia dela sobre as três visões diferentes de um mesmo lugar se coadunava com as palavras de Solaya. Analogicamente, seria mais ou menos assim: para a estrangeira, o país que a mídia exibia (el país el que dicen que vivimos); o que ela via (ese otro en el que vivimos la gran mayoría); o que Elena mostrava (y por último en el que viven algunos).

Aquele país em que vivem alguns era o que mais interessava

àquela estrangeira. E era o que se representava no filme. Estes “alguns” que agora surgem nas telas e nos palcos cubanos, graças a iniciativas de pessoas que veem a importância de cuidar com zelo da diversidade no seio de uma igualdade (mesmo que social); estes alguns, cujas máscaras feitas de maquiagens berchantes mais os revelam do que os escondem; estes alguns que circulam não se sabe por onde, sabendo-se; que arriscaram suas frágeis vidas em botes igualmente frágeis em busca de apoio justamente no chão daqueles que um dia se declararam seus maiores inimigos. Quanta ironia (por falta de palavras melhor)!

Assistir ao *Vestido de noiva*, naquele dia nublado, não a deixou mais alegre nem mais triste. Talvez mais confortável mediante a exibição de um tema proibido por tantos anos naquele lugar; talvez mais triste por reparar na

ficção a representação de uma realidade cruel, naqueles piores anos de crise econômica que tanto castigou Havana.

E, para além do tema da homossexualidade, o filme trata da diversidade que existe em algumas maneiras de amar que o ser humano é capaz de experimentar. Voltava à conversa com Elena e reiterava a pergunta: *será mesmo que as pessoas não querem mais se amar?; ou, ainda, de quais pessoas estamos falando?* No filme, transexualidade é foco central, sim, mas traz em sua esteira outros temas tão importantes quanto: homofobia, machismo, deslealdade, vida dupla, dupla moral, violência, desrespeito, mentiras etc.

Saíram do cinema – ela e Elena – em silêncio. Assim se mantiveram até chegarem em casa e mesmo enquanto tomavam um café na cozinha de Elena. O silêncio foi rompido apenas por algum *buenas noches*, de uma das duas, e nada mais. Deitou-se pensando naquelas pessoas do filme, que são representações de uma realidade cubana vivida nos difíceis anos 1990. Pensava, também, nas gentes de seu país que lutam por uma sociedade sem tanta violência, sem tanto desrespeito às escolhas bem como às individualidades que nem sempre são uma questão de escolha, de opção. Mas pensou, também, no duplo sentido da palavra “vestido”. No título do filme, poderia ser verbo e/ou substantivo, dada a possibilidade de diversidade de gênero nela (na palavra) representada? ❖

Analice Pereira é crítica de literatura, ensaísta, contista e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mora em João Pessoa (PB).



# O poeta do mínimo e do vasto

**A**demir Assunção, nascido em Araraquara (SP), 1961, e radicado na capital paulista, além de poeta é prosador, músico, jornalista e editor da renomada revista literária *Coyote*.

Recentemente lançou dois livros de poesia: *até nenhum lugar*, de poemas curtos, e *Pig Brother*, formado por um só poema em sete partes e 66 cantos. Ambos pela editora Patuá, que tem se especializado em poesia contemporânea, em especial.

Os dois livros, embora distintos na forma, conservam a mesma carga de densidade poética: açulam, instigam, provocam e surpreendem o leitor. O primeiro é marcado pela ternura. O segundo, pela atrocidade. Um, pelo sublime. O outro, pela corrosão. Se o primeiro pode ser comparado a uma sinfonia para flautas doces, o segundo é um *rock heavy metal* para guitarras distorcidas, gritos desesperados e desesperadores.

*Pig Brother* é, desde o título, um grande achado que nos remete ao universo igualmente violento e apavorador de George Orwell, enquanto *até nenhum lugar* deslinda-se em filigranas de pequenas jóias da mais pura reflexão zen. Não é, pois, gratuita a ilustração dos rostos que se completam ao unirmos as capas dos dois livros. Um livro é o yin e o yang do outro. Ponto para Leonardo Mathias, autor do projeto gráfico e das ilustrações.

Como observa a orelha de *Pig Brother*, “o Irmão Porco tomou conta do pedaço, as colunas que sustentam o mundo estão prestes a desabar e as saídas de emergências se encontram lacradas. A isto podemos chamar de terra devastada”.

Ao contrário, em *até nenhum lugar* o leitor está diante de um livro-canção, soprado por Anfion. Não é por acaso que um dos haicais enuncie: “muralha de pedra / o som da cascata / o sol na água”. Na mitologia, Anfion ao tocar sua flauta, fez com que as pedras erguessem, por si mesmas, a muralha de Tebas. A poesia de Ademir Assunção constrói, palavra a palavra, ora um muro, ora uma cascata. O sólido e o líquido tornam-se evanescentes como a leveza da flor ou da neblina na asa da borboleta.

Falando em leveza, o livro inicia-se com um poema à la Leminski: “alguém explique / como persiste / uma memória tão vívida // de uma pessoa / que já não existe?”.

Ademir Assunção adentra a linguagem leminskiana para cair fora dela e gerar o seu próprio poema. Dialoga com o polaco curitibano, mas numa dicção própria. A constatação da presença de quem “já não existe” é apresentada em versos que intercalam rimas toantes abertas e fechadas com rimas consoantes. Neste vaivém rímico de música e antimúsica, a interrogação final projeta o poema para o infinito. E o leitor sente-se imerso nas muitas galáxias que são a vida e a linguagem de Leminski.

A natureza, referência primeira do mundo zen, e espinha dorsal dos haicais, está presente numa gama semântica que repete alguns vocábulos entre três e quatro vezes ao longo do livro. E integram todos eles o universo da natureza: sol, lua, noite, dia, água, chuva, vento, cascata, nebli- ▶

FOTO: LEONARDO VALLE



Ademir Assunção, editor da revista *Coyote* e autor de *até nenhum lugar* e *Pig Brother*



na, tempo. Outros aparecem duas vezes: mar, praia, nuvens, tarde, outono, borboleta.

O poema habita o poeta que, por sua vez, tematiza a vida pela via da linguagem. Há um despojamento do eu que o lança “num tempo sem tempo / na praia deserta / só eu e o vento”. O mesmo vento que, ao fim da festa, “entra pelas frestas”, num mo(v)im(ento) anagramático que adentra os versos e é iconizado pelo deslocamento do segundo verso, que se projeta para fora do haicai, (vent)iland(o) o poema.

Mesmo morrer, nesta poesia, é nobre. E é limítrofe a nascer. Em “filme mudo”, o poeta parece dialogar com Haroldo de Campos de “nascemorre”. Enquanto o poema concreto opera o par vida-morte em mescla que germina um no outro visualmente, as duas estrofes de Ademir, um terceto e um dístico, operam o *yin* e *yang* na delicadeza absoluta de “casulo na neblina”, cuja imagem rarefaz-se minuciosamente em “fina teia azulada” para depois anunciar “primeiro e último // voo / da borboleta”. Os enquadramentos cinematográficos vão do close, ao superclose e depois abrem-se em plano médio que, ao invés de dar amplitude à ação, tolhem-na para compor a cena “muda” da morte.

Na canção “Outras palavras” Caetano Veloso, dialogando com o poema “vidavid” de Augusto de Campos, cria o neologismo “ciumortevida”. Tema e forma reaproximam e reciclam-se via língua(gem). Ademir, Haroldo, Augusto e Caetano encontram-se no instigante enigma da vidamorte, da mortevida. Na mesma esteira, e antes de todos, o Cabral de Morte e vida *severina*. “Viver é negócio muito perigoso”, diz o narrador de *Grande sertão: veredas*. Mas é gostoso, parece completar Ademir Assunção com os poemas de *até nenhum lugar*.

A borboleta, suas asas e o outono estão presentes em “o sol / dissolve / o orvalho” em que o olho entranha-se em OrvaLHO, e o sol em disSOLve. A fragilidade do orvalho na asa da borboleta encontra na *finesse* da linguagem poética

FOTO: INTERNET



Eric Arthur Blair (George Orwell), autor de 1984 (Nineteen eighty-four, no original em inglês)

o objeto representado como matéria concreta.

Dentro do mundo urbano, o vocábulo casa aparece duas vezes. Na primeira, relacionado à natureza: “a lua invade a casa” para iluminá-la. Na segunda, como espaço indefinido na geografia do mundo: “tão longe, tão perto / onde fica minha casa?”. Se o eu lírico desconhece o lugar onde fica sua casa é porque sabe que depois de “caminhar / tantas luas tantos sóis” ele vai dar em “nenhum lugar”. Não há lugar certo, fixo, determinado para o caminhante zen. Seu lugar é o não-lugar. O tempo, todos os tempos.

Já o termo cidade aparece uma única vez. E mesmo assim, citado obliquamente, através da metonímia: “pés miúdos (...) / as crianças / dobram a esquina”. Há resquícios de civilização em “asfalto molhado”, mas logo vem o que interessa de fato: a natureza: “um rouxinol / cantando na chuva”.

No entanto, o eu lírico de *até nenhum lugar* é um solitário. Sua companhia só na aparência é a na-

tureza. No fundo ele é um exilado que só encontra abrigo na linguagem. Ela é sua parada. Seu lance. Seu muro. Seu dado.

Há referências a Bashô, tanto em temas como nos modos de formular certos haicais. Como há conversas entrelaçadas com poemas de haicaístas contemporâneos. Todavia, opto por ater-me aos poemas em si. Deixo ao leitor o deleite de traçar estas teias de tramas apaixonantes.

É genial a sequência das vogais *a-e-i-o-u* em “limpeza todo dia: /// passar na alma / o perfume / da vida /// e ir passando” no qual os dois pontos apontam para o disseminar e reunir, no último verso, de vocábulos com estas vogais, que configuram como sendo “o perfume da vida” e do poema. Lembro-me de Leminski chamando a atenção para o *a-b-c* no verso inicial do poema “Antífona” de Cruz e Sousa: “Ó Formas alvas, brancas, Formas claras”.

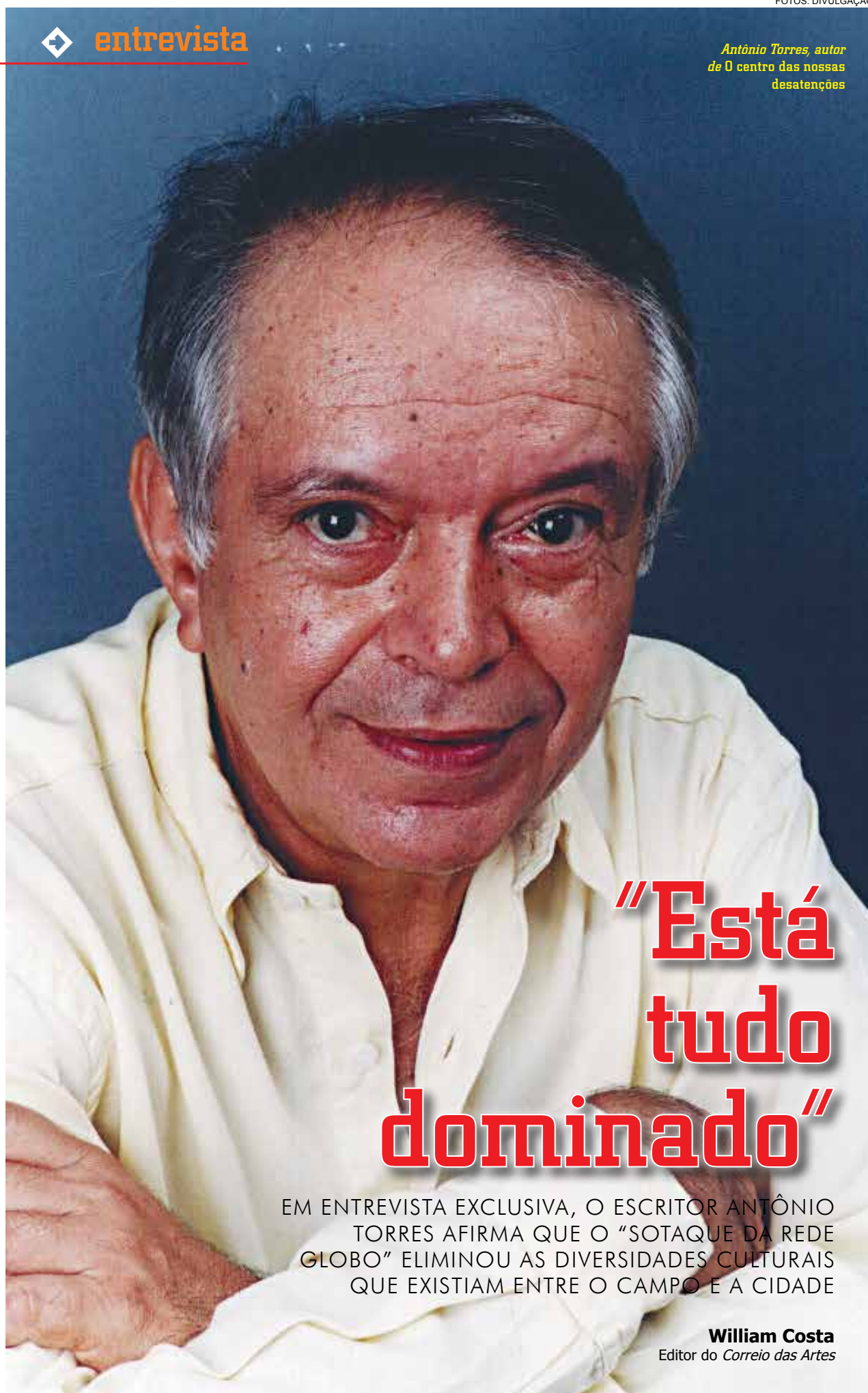
Os poetas embebedam-se uns dos outros, uns nos outros. Não há tempo e espaço na dimensão da poesia. Nem do zen. E quando um poeta junta as duas linguagens, temos maré, onda, praia e mar de armações ilimitadas.

Em “lance de dedos” (há apenas dois poemas intitulados em todo o livro, e este é um deles) Mallarmé aparece erotizado num vaivém de humor e alumbramento. Monossílabos e dissílabos reverberam ritmos alternados umas nas outras. Cópula de corpos e palavras: “pelo sim / pelo não / quem sabe um dia / uma noite / pelo menos”.

*até nenhum lugar*: jogo entre a presença e a ausência. O estar e o desaparecer. O ser e o não ser. A matéria e o evanescente. Poesia. Música. Zen. Tudo ao mesmo tempo. De agora até o futuro presumido. O futuro de nenhum lugar. Para sempre: *poezen*. ✦

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

*Antônio Torres, autor  
de O centro das nossas  
desatenções*



# “Está tudo dominado”

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, O ESCRITOR ANTÔNIO TORRES AFIRMA QUE O “SOTAQUE DA REDE GLOBO” ELIMINOU AS DIVERSIDADES CULTURAIS QUE EXISTIAM ENTRE O CAMPO E A CIDADE

**William Costa**  
Editor do *Correio das Artes*

► De êxodos e cidades entende muito Antônio Torres. Afinal, além de observador perspicaz do cenário social de seu país, que, habilmente, transfigura para seus romances, é também ele próprio um migrante. O escritor nasceu no povoado do Junco (atual cidade de Sátiro Dias, no interior da Bahia), porém, de seu roteiro de morador constam Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Petrópolis - onde mora atualmente -, além de uma “estadia” em Portugal.

Nascido no dia 13 de setembro de 1940, Antônio estreou no romance em 1972 com *Um cão uivando para a Lua*, a partir do qual mantém em construção uma das mais sólidas bibliografias de autor de língua portuguesa. Para quem ainda desconhece o seu talento narrativo, recomenda-se preencher tão grave lacuna, iniciando pela leitura da trilogia formada pelos romances *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006).

Grosso modo, dois pêndulos fazem vibrar realidades distintas, porém indissociáveis, nos romances de Antônio: passado e presente, campo e cidade. É como se o autor estendesse o olhar para o horizonte mais distante, onde estariam situados os “continentes das causas possíveis”, para em seguida encurtá-lo como uma lupa para as contemporâneas “ilhas dos efeitos sociais”, habitadas por seres enredados em dramas muito parecidos com os nossos.

As cidades também são personagens de crônicas e romances de Antônio. O Rio de Janeiro, principalmente, que fundamenta a tetralogia formada por *Um táxi para Viena d’Áustria* (1991), *O Centro das nossas desatenções* (1996), *Meu querido canibal* (2000) e *O nobre sequestrador* (2003). O relançamento, este ano, pela Record, de *O Centro das nossas desatenções*, em virtude dos 450 anos de fundação da “Cidade Maravilhosa”, motivou esta entrevista exclusiva com o autor.

*O Centro das nossas desatenções* é uma delícia de crônica. Mostrando-nos o que, aparentemente, seriam apenas recortes da história



da cidade do Rio de Janeiro, como a Era Pereira Passos, um Antônio bem-humorado e irônico resgata episódios emblemáticos da história do Brasil, a exemplo da França Antártica, a chegada de D. João VI e sua Corte, a sagração e coroamento de D. Pedro I, o Grande Baile da Ilha Fiscal, a Proclamação da República etc.

Mas não ficamos apenas no livro que conta a história do Rio de Janeiro. O progresso e a destruição da cultura, civilização e barbárie, jornalismo impresso e novas mídias eletrônicas, vida e literatura foram outros assuntos abordados. Sobre a vida, respondeu-me com outra pergunta: “Se fosse fácil, que graça teria?” Na área da literatura, revelou que tentará retomar um romance que está parado há mais de um ano,

por causa de quefazeres variados. Vamos à íntegra da entrevista:

**O que leva um escritor a transformar uma cidade em personagem, a exemplo do que você fez em livros como *Um táxi para Viena d’Áustria*, *Meu querido canibal*, *O nobre sequestrador* e *O centro de nossas desatenções*?**

Tudo começou com um sonho, no qual eu matava um amigo, num apartamento em Ipanema. Isso me levou de volta à psicanálise, para saber que violência era essa que carregava dentro de mim. Paralelamente, fui escrevendo *Um táxi para Viena d’Áustria*. Nele, há uma cidade que encanta e apavora, rimando esplendor com horror. Foi publicado pela Companhia ►

› das Letras, em 1991. No ano seguinte o *táxi* atravessava o Atlântico e chegava a Paris, pela Gallimard. Hoje, se encontra na 5ª edição nacional, pela Record. Não o imaginei como o primeiro de uma tetralogia carioca. Mas foi o que aconteceu.

**E a gênese de *O centro das nossas desatenções*? O livro foi projetado, a ideia surgiu por acaso ou é fruto de antigas memórias e anotações?**

Foi uma encomenda de um livrinho para uma coleção chamada *Cantos do Rio*, bancada pela prefeitura dessa cidade, e cuja primeira leva contava com as participações de Carlos Heitor Cony (que escreveu sobre a Lagoa), Aldir Blanc (Vila Isabel), Geraldo Carneiro (Leblon) e José Almino Arraes (Baixo Gávea). A mim, coube o Centro. Um presentão! Pois caiu em minhas mãos o centro da história do próprio país. Passou-se isto em 1996. Pouco depois, virou filme, produzido por Paulo Thiago para a TV Cultura, de São Paulo. Agora, as comemorações dos 450 anos do Rio levaram a Record a fazer um relançamento de *O Centro das nossas desatenções*, numa edição ilustrada, que ficou bem bacaninha.

**O autor não corre o risco de ser considerado passadista, nostálgico, pelo fato de sair em busca de uma espécie de “paraíso perdido” nos recônditos de uma grande cidade?**

O que eu temia era outra coisa. Como se tratava de uma história do Rio, ainda que breve, contada por um baiano, imaginava que ela podia não ser bem aceita pelos cariocas. Aconteceu exatamente o contrário: receberam-na com entusiasmo, o que continua agora, aliás. No meu relato, passado e presente se intercambiam. E se há algum toque de nostalgia, aqui e ali, isso faz parte dos sentimentos dos habitantes da cidade. Mas, diga-se: em nenhum momento descrevo-a como um “paraíso perdido”. Procuo não romantizar o seu passado, pleno de mazelas. E



Para Antônio, a paisagem urbana atual se compara a “caixotes empilhados”

algum heroísmo, o que também houve.

**O que torna o centro do Rio de Janeiro tão especial? Não haveria vestígios de “vida” semelhantes em cidades baianas, como Ilhéus e Salvador?**

Sim, temos cidades de histórico muito rico, de Sul a Norte. No Nordeste, então... O Rio, porém, esteve no centro da nossa história em alguns períodos decisivos para o país, como o da era do ouro, que ali era embarcado para Lisboa, ao tempo dos seus vice-reis, e o da corte de D. João VI, quando a cidade passou a ser a sede do império lusitano. E muitos mais.

**Observando o que restou do Rio antigo não há como fugir a uma comparação entre os estilos de vida de hoje e o de décadas passadas. Como você analisa a**

**vida não só dos cariocas, mas a dos brasileiros que moram em áreas metropolitanas, de um modo geral?**

Como na letra de uma bela música do baiano José Carlos Capinan, hoje, nas nossas metrópoles, teme-se morrer de susto, bala ou vício.

**E a arquitetura? É flagrante o descompasso entre as “paisagens urbanas” de ontem e de hoje, nesse particular. O que um escritor, de olhar sensível como o seu, teria a dizer sobre isso?**

Já no meu romance de estreia, *Um cão uivando para a Lua* (1972), nossa paisagem urbana é descrita como a de “caixotes empilhados”. De lá para cá, o empilhamento só aumentou, de forma descontrolada, com imitações desastrosas pelo interior do país, cujas cidades vêm perdendo suas marcas de origem, para dar lugar a uma arquitetura monstruosa. Tudo com cara de corrupção eleitoreira, que vai permitindo assentamentos irregulares, sem qualquer planejamento ou controle. Um horror.

**A “desumanização do homem contemporâneo” já foi apontada como um dos “pecados capitais” da modernidade contra a qual você se bateria, em seus romances. Há luz no fim do túnel ou chegamos ao fundo do poço, nos transformando em uma espécie de “novos bárbaros” no mundo maravilhoso da ciência e da tecnologia?**

Recorro a apenas um exemplo da barbárie que nos assola: o tal som automotivo, cheio de tecnologia, para infernizar os nossos ouvidos, a todo volume, e ao arrepio da lei e da ordem.

**Embora seu grande sucesso editorial ainda hoje seja considerado *Essa terra*, de 1976, no qual aborda o êxodo rural, você evitou se fechar em uma única temática, e explorou também o universo urbano. De que maneira você pensa hoje essas duas realidades (campo e cidade) e a “interação” entre ambas?**

Sim, é verdade, tenho procura- >

do não ficar o tempo todo batendo na mesma tecla, como se fosse um sambista de uma nota só. Agora, devo dizer que, se o *Essa terra* (que rendeu uma trilogia, com *O cachorro e o lobo* e *Pelo fundo da agulha*), continua nas paradas (acaba de chegar à 27ª edição, com mais duas em livro de bolso, outra em e-book e traduções em 15 países), hoje, o meu livro que mais vende é o *Meninos, eu conto*, que é de 1999 e já vai para a 13ª edição. No mais, diria que a distância entre campo e cidade ficou reduzida, nessa realidade globalizada que vivemos. Está tudo dominado. Pelo sotaque da Rede Globo.

**Como nasceu o gosto pela pesquisa histórica, que resultou em pelo menos dois grandes romances: *Meu querido canibal* (vida do líder tupinambá Cunhambebe) e *O nobre sequestrador* (invasão do Rio de Janeiro comandada pelo corsário René Duguay-Trouin)?**

Foi correndo atrás de material para escrever *O Centro das nossas desatenções* que tropecei nos dois personagens acima citados por você. E aí parti em busca da história deles. Foram muitos anos de pesquisas, recorrendo aos alfarrábios da história, viagens etc. Tudo muito trabalhoso. Hoje, porém, sinto-me recompensado por todo, digamos, esforço de reportagem: o *Meu querido canibal* – que acaba de ser publicado na França, em tradução de Dominique Stoenesco – e *O nobre sequestrador* ganharam novas edições, com o Selo Oficial dos 450 anos do Rio. La nave vá.

**Antes de projetar-se como romancista, você atuou como jornalista, iniciando-se, ainda muito jovem, no *Jornal da Bahia*. O advento das chamadas novas mídias, principalmente as chamadas “redes sociais”, pode levar os jornais impressos à extinção?**

Parece que esse é o destino inescapável da velha e boa imprensa: ser superada pela mídia virtual. O leitor aqui, porém, continua com as assinaturas anuais de dois jornais impressos,



*“A literatura corre o risco de ficar reduzida a um nicho, de poucos, porém fiéis, leitores”, diz Antônio*

que leio diariamente.

**Em setembro você completa 75 anos de idade. A essa altura, o que você teria a dizer da vida?**

Que é difícil. Mas, se fosse fácil, que graça teria?

**E da Literatura?**

Que corre o risco de ficar reduzida a um nicho, de poucos, porém fiéis, leitores.

**Traduções, reedições, prêmios, condecorações... O resumo, até agora, de sua trajetória literária lhe basta?**

Claro que não. Como dizia o finado William Faulkner, você começa a escrever um livro pensando que vai contar tudo. No fim descobre que não contou nada. E aí parte para outro, que termina com a mesma sensação. E assim vai, até morrer, achando que não contou tudo. Bom, espero ainda ter o que contar.

**Para “fechar o firo”, o que há de novo?**

Um romance, que está parado há mais de um ano, em função dos quefazeres variados, viagens pra lá e pra cá, solicitações de montão, agenda cheia, e cadê tempo para escrever? Mas o romance existe. Só precisa ser continuado, urgentemente. ✖

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

**Um cão uivando para a lua - 1972**  
**Os homens dos pés redondos - 1973**  
**Essa terra - 1976**  
**Carta ao bispo - 1979**  
**Adeus, velho - 1981**  
**Um táxi para Viena d'Áustria - 1991**  
**O cachorro e o lobo - 1997**  
**Meninos, eu conto - 1999**  
**Meu querido canibal - 2000**  
**O nobre sequestrador - 2003**  
**Pelo fundo da agulha – 2006**

William Costa é colunista de **A União** e editor do *Correio das Artes*. Mora em João Pessoa (PB).



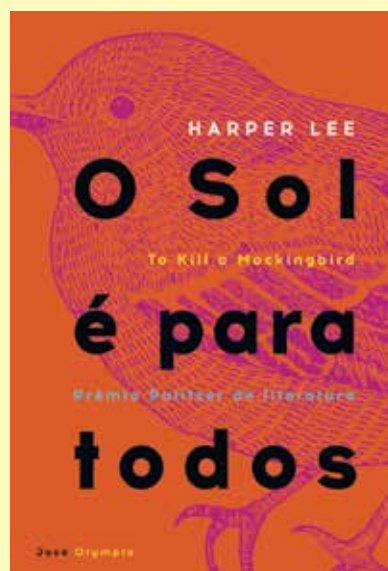
# Alguns motivos para ler **O sol é para todos**



FOTO: INTERNET

Harper Lee, autora de *O Sol é para todos*, terá livro inédito publicado, este ano, pela José Olympio

IGNORADO PELA CRÍTICA, O ROMANCE DA NORTE-AMERICANA HARPER LEE É UM DOS LIVROS MAIS LIDOS NOS PAÍSES DE LÍNGUA INGLESA. NO BRASIL, A EDITORA JOSÉ OLYMPIO LANÇA EDIÇÃO COM NOVA TRADUÇÃO E PROJETO GRÁFICO, PARA IMPULSIONAR VENDAS



Charles Dexter Ward, além do tcheco Franz Kafka (1883-1924), de *A metamorfose*.

A história de *O sol é para todos* (To kill a mockingbird), da escritora norte-americana Harper Lee, registra outra curiosidade. Embora em alguns momentos ela tenha pensado em desistir de continuar escrevendo o romance, não teve dificuldade para publicá-lo (em 1960) e tornar-se uma “autora best-seller” – o livro até hoje é um dos mais vendidos no mundo. O “problema” com ele foi o descaso da crítica, que praticamente continua ignorando-o.

Vencedor do Prêmio Pulitzer, em 1961, e incluído nas rubricas de “clássico da literatura norte-americana moderna” e de “um dos romances mais importantes do século 20”, *O sol é para todos* vende em média um milhão de exemplares por ano em língua inglesa – só nos Estados Unidos já foram vendidos mais de 30 milhões de cópias. Sua leitura foi recomendada pelo presidente Barack Obama, que o considera “o melhor livro contra todas as formas de racismo”.

Em 1962, *O sol é para todos* iniciou uma carreira de suces- ▶

**T**odo livro tem uma história, além da trama que encerra, embora a história da maioria deles fique circunscrita aos vilarejos ou cidades onde habitam seus autores. Há casos de livros que só vieram fazer sucesso muito tempo depois de lançados, alguns, inclusive, quando seus autores já haviam falecido, assim como existem inúmeros relatos sobre obras-primas que foram rejeitadas por mais de uma dezena de editoras, antes de encontrar um editor sensível e sensato.

De uma extensa lista de autores cujo sucesso só teria ocorrido após a morte, destacamos os brasileiros Augusto dos Anjos (1884-1914), do *Eu*, Lima Barreto (1881-1922), de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, e Oswald de Andrade (1890-1954), de *Memórias sentimentais de João Miramar*; os estadunidenses Edgar Allan Poe (1809-1849), de *O corvo*, e H. P. Lovecraft (1890-1937), de *O caso de*

► so também no cinema, ao ser levado às telas pelo diretor norte-americano Robert Mulligan (1925-2008). O elenco principal traz Gregory Peck (Atticus Finch), Mary Badham (Louise Finch), Phillip Alford (Jeremy Finch), John Megna (Dill Harris), Brock Peters (Tom Robinson) e Robert Duvall (Arthur Radley). No ano seguinte, o filme ganhou o Oscar de Melhor Roteiro Adaptado (Horton Foote).

Em junho deste ano, a Editora José Olympio lançou a 5ª edição de *O sol é para todos*, com nova tradução e novo projeto gráfico. “Embora *O sol é para todos* já faça parte do catálogo da José Olympio há anos, ao renovarmos seu contrato recentemente, percebemos que o livro não havia alcançado no Brasil o estrondoso sucesso que ele faz no exterior, especialmente nos Estados Unidos e na Europa”, comentou a editora da José Olympio, Elisa Rosa, em entrevista ao *Correio das Artes*.

Para Elisa, a história de *O sol é para todos* é atemporal e se relaciona imensamente com a realidade do Brasil, portanto precisava ser encontrada e lida pelo público brasileiro. “Achamos inadmissível que este clássico moderno que tanto nos diz respeito não tivesse o reconhecimento que merece. Por isso, investimos em uma edição renovada, mais de acordo com os lançamentos importantes atuais”, acrescenta a editora.

Elisa ressaltou que a José Olympio investiu também em uma nova campanha de marketing e em parcerias com as livrarias, para tornar *O sol é para todos* um sucesso. “Com isso, esperamos que ele possa suscitar paixões, instigar debates e ser ainda mais amado aqui também”, completou. Ela anunciou, para agosto, o lançamento do livro inédito de Harper Lee, *Go set a watchman*, de 1950, uma continuação de *O sol é para todos*, mas ainda sem título em português.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Para Elisa Rosa, editora da José Olympio, a história de *O Sol é para todos* é atemporal e se relaciona com a realidade brasileira

## MAIS QUE UMA HISTÓRIA SOBRE RACISMO

Não é necessário “entender” de literatura, para saber por que *O Sol é para todos*, da escritora norte-americana Harper Lee, é um dos melhores romances publicados no século 20. Basta ler o livro. Ao final, constatar-se-á que saber contar uma história continua sendo um dos fundamentos da arte de escrever.

O romance de Harper Lee é um poderoso libelo contra o racismo, mas está muito distante do tipo de literatura que se convencionou chamar de “engajada”. É arte em seu sentido mais puro. Portanto, além de reflexão crítica sobre uma determinada sociedade, é puro deleite estético o que se obtém de sua leitura.

É possível isolar dois núcleos centrais em *O Sol é para todos*: a casa da família Finch – formada pelo advogado Atticus e seus filhos Jeremy (Jem) e Jean Louise (Scout) – e a cidade de Maycomb, sede do condado homônimo, no Alabama, sul dos Estados Unidos, década de 30, portanto ainda na Grande Depressão.

A história é contada em *flashback* por Scout. Ela e seu irmão Jem têm, respectivamente, cerca de nove e 13 anos, são órfãos de mãe e vivem com o pai, o advogado Atticus, a quem tratam pelo prenome, e a empregada negra Calpúrnica. A relação entre eles é informal e afetiva, o que gera críticas na comunidade. (W.C.) ►

► As paisagens natural e arquitetônica e o universo das relações sociais de Maycomb são pintados com as tintas infantis de Scout. Corajosa e irreverente, ela não foge de uma boa briga, inclusive com garotos, e já manifesta sua relutância em se enquadrar nos padrões conservadores estabelecidos para as mulheres, à época.

Os principais fatos da história acontecem no verão, como a chegada do garoto Charles Baker Harris, o Dill. Ele, Scout e Jeremy formarão um trio que permanecerá unido até o fim do livro e cuja maior travessura é tentar fazer sair de sua obscura casa o vizinho introspectivo Artur Radley, o Boo.

As alternâncias de vozes narrativas são tão sutis, que o leitor se deixa levar facilmente pela falsa “onisciência” de Scout. O primeiro sinal de que as coisas não vão acabar bem é a anotação de que os dois últimos condenados à força por assassinato, no condado, foram os dois primeiros clientes de Atticus.

As peripécias vão acontecendo até que Scout percebe um tom acusatório na voz de algumas pessoas, notadamente relacionado a duas palavras: “defesa” e “negro”. A partir daí os indicadores de uma sociedade marcadamente intolerante e preconceituosa começam a se tornar, paulatinamente, mais fortes e ameaçadores.

O fato é que Atticus fora designado pelo Tribunal de Maycomb para defender um negro (Tom Robinson) da acusação de espancar e estuprar uma moça de família pobre e desregrada, porém branca. Dessa missão ele não fugirá, tanto por imperativos legais quanto pelas cobranças de sua consciência moral.

Atticus sabe que defende uma causa perdida – embora o desfecho do caso não aconteça de acordo com a vontade dos jurados. Mas teme perder o respeito dos filhos a partir do momento que renegasse sua consciência e os valores morais que adotou para nortearem a formação de Jem e Scout.

*O sol é para todos* é mais que uma história sobre o racismo. Os ritos de passagem da infância para a adolescência, os embates entre lei e costumes, determinismo histórico *versus* destino, vontade ou acaso, por exemplo, também são temas abordados, o que torna a leitura do romance indispensável. ✦



FOTO: INTERNET

À esquerda, Atticus Finch (Gregory Peck) e Tom Robinson (Brock Peters) na cena do julgamento de *O Sol é para todos* (1962), de Robert Mulligan

## TRECHO

— Todo advogado defende os, hum, negros, Atticus?  
— Claro que sim, Scout.  
— Então por que Cecil disse que você defende pretos? Ele falou como se fosse ilegal.

Atticus suspirou.

— Estou só defendendo um negro... ele se chama Tom Robinson. Ele mora naquele pequeno assentamento atrás do lixão da cidade. Frequenta a igreja de Calpúrnia, que conhece bem a família dele. Cal diz que eles são boa gente. Scout, há coisas que você não tem idade para entender, mas estão comentando pela cidade que eu não devia defender esse homem. É um caso muito peculiar... Só vai a julgamento no verão. John Taylor foi muito atencioso em nos conceder um adiamento...

— Se você não devia defender esse homem, por que está fazendo isso?

— Por vários motivos — respondeu Atticus. — O principal é: se eu não fizesse isso, não poderia andar de cabeça erguida na cidade, não poderia representar o condado na Câmara, nem poderia exigir que você e Jem fizessem alguma coisa.

— Quer dizer que se você não defendesse esse homem, Jem e eu não teríamos mais que obedecê-lo?

— Mais ou menos isso.

— Por quê?

— Porque eu não poderia exigir isso. Scout, por causa da natureza da função que exerce, todo advogado assume pelo menos um caso que o afeta pessoalmente. Tenho a impressão de que esse é o meu. Você provavelmente vai ouvir coisas horríveis sobre isso na escola, então me faça um favor: levante a cabeça e abaixe os punhos. Não importa o que digam, não deixe que eles a façam perder o controle. Tente lutar com as ideias, para variar... mesmo que seja difícil.

— Atticus, nós vamos ganhar?

— Não, querida.

— Então, por que...

— Ainda que tenhamos perdido antes mesmo de começar, não significa que não devamos tentar — ponderou Atticus.



# Dicas para renovar sua estante

## Cem vezes *O quinze*

JOSÉ OLYMPIO LANÇA CENTÉSIMA EDIÇÃO DO ROMANCE DE RACHEL DE QUEIROZ COM NOVO PROJETO GRÁFICO E PREFÁCIO DE NÉLIDA PIÑON

FOTOS: INTERNET



**R**achel de Queiroz (1910-2003) tinha menos de 20 anos de idade quando estreou na literatura com o romance *O quinze*, em 1930. O livro, de imediato, chamou a atenção dos críticos, a exemplo de Augusto Frederico Schmidt. Segundo ele, tratava-se de “um livro verdadeiramente brasileiro”, escrito por uma pessoa “simples, grave e forte, para quem a vida existe”, conforme registrou em artigo publicado no dia 18 de agosto de 1930, dedicado à obra.

Para comemorar a 100ª edição e os 85 anos de lançamento de *O quinze*, a Editora José Olympio caprichou no projeto gráfico. O livro, com 168 páginas, ao preço de R\$ 42,00, acaba de chegar às

livrarias em formato especial, com capa dura. Nélida Piñon, que assina o prefácio, assinala que o romance “é um marco na literatura brasileira”, vez que “seus efeitos estéticos perpassam a criação literária do século XX e se instalam ainda hoje no emotivo coração brasileiro”.

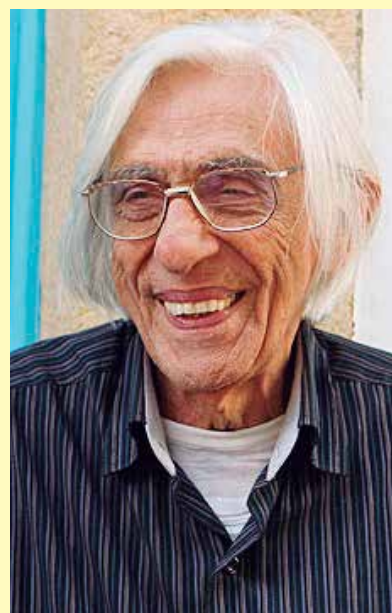
O drama de amor vivido pela

jovem e culta professora Conceição e o rude e solitário Vicente tem como cenário a seca que assolou o Sertão brasileiro há exatos cem anos. As dores dos que têm que abandonar a terra, ou nela permanecer para morrer de fome, vão se somar às dos amantes que não conseguem estabelecer um canal de comunicação através do qual flua a paixão que os consome. Eis um resumo do romance de Rachel de Queiroz. ▶

**TODA** POESIA DE  
FERREIRA GULLAR  
**EM EDIÇÃO**  
REVISTA E AMPLIADA



*Rachel de Queiroz escreveu O quinze quando não tinha ainda 20 anos de idade. Acima, capa da centésima edição da obra*



*Ferreira Gullar acompanhou pessoalmente a revisão da nova edição de Toda poesia*

Os leitores de Ferreira Gullar têm vários motivos para se debruçar novamente sobre o conjunto da obra poética do autor maranhense. Um deles é que a vigésima primeira edição de *Toda poesia* (José Olympio, 664 páginas, R\$ 70,00) foi revista e ampliada e emoldurada com capa dura e design moderno. Outro é que a nova edição, que começou a chegar às livrarias no início deste mês, inclui o título mais recente de Gullar, *Em alguma parte alguma*.

*Toda poesia* passou por um minucioso trabalho de curadoria e de revisão dos poemas. “Para o estabelecimento do texto dos poemas, com assistência do autor, cotejamos todas as edições da José Olympio com as primeiras edições dos livros publicados por outras editoras. Assim, tivemos a oportunidade de corrigir erros que, por razões diversas, ao longo do tempo, foram se acumulando”, explica o curador Augusto Sérgio Bastos.

Entre os erros apontados por Augusto Sérgio Bastos figuram “ausência ou troca de palavras, equívocos de estrofação e deslocamentos de versos no corpo do poema”. Os textos da obra foram também consolidados segundo as regras ortográficas vigentes. Além disso, as seções “Dados biográficos” e “Obras do autor”, segundo o curador, foram atualizadas para o novo volume, que ganhou um novo índice alfabético de poemas.

## AS INFINITAS ESTAÇÕES POÉTICAS DE RUY ESPINHEIRA

Ruy Espinheira Filho chega aos 70 anos de idade e 39 de publicações, mas quem ganha presente são os seus leitores, na forma do livro *Estação infinita e outras estações* (Editora Bertrand Brasil, 588 páginas, R\$ 59,00).



Ruy Espinheira Filho (foto), o “poeta da memória” na poesia brasileira contemporânea, segundo Alexei Bueno

Nele, o autor baiano reúne poemas escritos a partir de 1966, mas que só começaram a ser publicados em livro a partir de 1973. Segundo os seus editores, trata-se de “uma obra que mostra a carreira admirável e ilustre de um grande poeta”.

Para se ter ideia da dimensão poética de Ruy, basta lembrar a definição de sua obra por Carlos Drummond de Andrade, para quem ele faz uma “poesia concentrada e de sutil expressão”. Isto ao ler o segundo livro de Ruy, *Heléboro*, sua estreia em volume individual. Trata-se de um autor muito premiado. Entre as lúreas, o Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa, o Prêmio Ribeiro Couto da UBE-RJ e o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras.

## PARA “CARPINEJAR” O AMOR

Um “conto de fados”. Ou “crônicas de fossa”. O leitor escolhe o melhor subtítulo depois de ler *Para onde vai o amor?* (Bertrand Brasil, 176 páginas, R\$ 28,00), do escritor Fabrício Carpinejar. Ele mesmo provoca, nas “orelhas” da obra: “Você que abriu este livro com dúvida se precisa dele, precisa de si, vive caçando uma palavra que confirme o que deseja, está atrás de um fiador, de um escritor que possa lhe recomendar de volta para quem brigou”.

Sobre a obra, a jornalista e poeta Juliana Krapp escreveu: “Em tempos de amores líquidos, é fácil se separar. Difícil é se desligar, de verdade, da ex — e talvez futura de novo, quem sabe? — cara-metade. Com essa premissa, Fabrício Carpinejar endereça as 58 crônicas de *Para onde vai o amor?* ao leitor desiludido não pelo fim do casamento, do namoro ou da paixão, mas sim pela incapacidade de enterrar, de vez, o sentimento que ainda resiste, engasgado”.



Fabrício Carpinejar faz da desilusão, entrega e devoção amorosas temas de suas crônicas

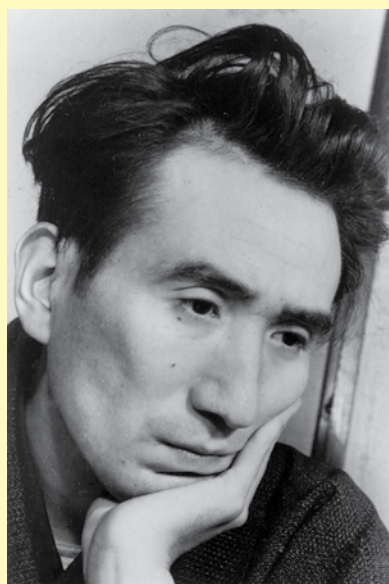
## OS DILEMAS DA ESCRITA EM A SUAVIDADE DO VENTO



*Cristóvão Tezza afirma que este é o formato definitivo do romance, cuja 1ª edição foi lançada em 1991*

Entre outras qualidades, o escritor Cristóvão Tezza ganhou fama pela habilidade na construção de perfis psicológicos complexos. Em *A suavidade do vento* (256 páginas, R\$ 35,00), que a Record relança em edição definitiva, ele conta a história de J Matozo, um misterioso professor de português de uma pequena cidade paranaense que dedica as horas livres à produção literária. O posfácio do autor esclarece melhor sobre a gênese da obra.

De acordo com informações da Record, Tezza aborda os conflitos de Matozo, confrontando a aspiração do personagem a se tornar um escritor renomado com sua dificuldade de se integrar aos círculos sociais. Desconfortável nos ambientes, o professor procura em todos os espaços um ponto ótimo para se estabilizar. Em uma prosa dinâmica, o autor traça a trajetória do personagem entre a difícil escolha de seguir ou renunciar a investida na literatura.



*A literatura foi um dos poucos refúgios para o atormentado autor japonês Osamu Dazai*

## OS CADERNOS DO SUICIDA OSAMU DAZAI

O escritor japonês Osamu Dazai faz parte daquela “categoria” especial de autores que “desistem” muito cedo do mundo - suicidou-se aos 38 anos de idade. Mas seu relativamente pouco tempo de vida foi suficiente para que ele se transformasse em um autor popular. Por exemplo: o romance *Declínio de um homem* (Estação Liberdade), editado pela primeira vez no Brasil, vendeu mais de 10 milhões de exemplares desde sua publicação original, em 1948.

Segundo informações da Estação, “a obra sintetiza em cenas e passagens notoriamente biográficas muitas das angústias que tanto alimentavam a personalidade autodestrutiva do autor, a saber: a dificuldade de entendimento com seus familiares, sua antissociabilidade niilista, seu patológico apego ao álcool, sua autoestima inexistente, enfim, sua evidente sensação de deslocamento em relação ao mundo”.

## RETRATO SENTIMENTAL E POLÍTICO DE D. LEOPOLDINA



*O pintor austríaco Joseph Kreutzinger assim retratou a imperatriz Leopoldina*

Para quem adora conhecer os bastidores da “história íntima do Brasil”, uma boa dica de leitura é *A biografia íntima de Leopoldina – A imperatriz que conseguiu a independência do Brasil* (Editora Planeta, 304 páginas, R\$ 39,90), de Marsílio Cassotti. A biografia romancada de Leopoldina, segundo a Planeta, “revela vertentes de uma imperatriz ainda pouco conhecida dos brasileiros” e a “força feminina em uma época dominada por homens”.

O autor revela, ainda, como a imperatriz “usou a fé católica como ferramenta de sobrevivência para superar um casamento repleto de infidelidades”. Mulher de opiniões fortes, Leopoldina era cunhada de ninguém menos que o todo-poderoso Napoleão Bonaparte, e teve papel decisivo na independência do Brasil. “Apesar de sua importância em todo contexto histórico da época, a vida íntima de Leopoldina ainda era velada, por isso a relevância da obra”, assinalam os editores.

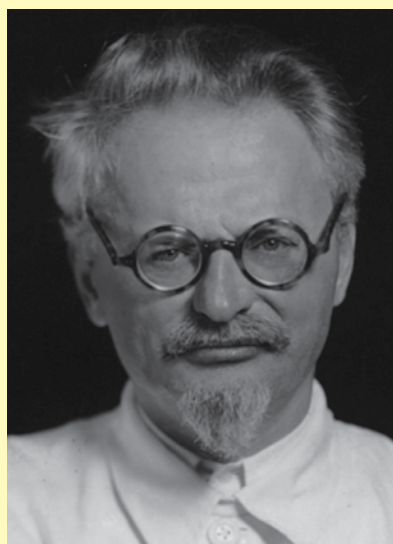
## › O HOMEM A SERVIÇO DA EVOLUÇÃO

Existem alma e vida após a morte? Qual a natureza da relação entre consciência e corpo físico? É possível mensurá-la? Essas são questões inerentes à noética, um dos novos ramos da ciência, embora o método lance mão de práticas experimentais milenares. Para entender mais do assunto, uma boa dica é a leitura de *A era do conhecimento - Princípios e reflexões sobre a revolução noética no século XXI* (Editora Unesp, 347 páginas, R\$ 50,00), de Marc Halévy.

A sinopse divulgada pela editora explica que a “revolução noética” marca o fim da visão moderna e antropocêntrica do mundo e impõe uma mudança radical de olhar, em que o espírito, a inteligência e o conhecimento suplantam o econômico e o político. O homem não é mais o centro do mundo - ele está a serviço de sua evolução - e tem como missão fazer essa revolução. “Este livro é uma potente ferramenta de leitura do mundo e do sentido de nossa existência”.



Marc Halévy defende que o mundo está caminhando para uma “economia do conhecimento”



Trotsky criticou a orientação de formas e conteúdos da expressão artística, pelo Partido Comunista

## REVOLUÇÃO E LITERATURA, SEGUNDO TROTSKI

Outro livro com selo da Zahar que interessa a estudantes de Letras, escritores e críticos, em particular, é *Literatura e revolução* (256 páginas, R\$ 54,90), de Leon Trotsky. De acordo com dados fornecidos pela editora, o intelectual e militante político marxista escreveu a obra nos verões de 1922 e 1923, depois de um período de guerra civil intensa e permanente na Rússia, para sedimentar o poder dos socialistas.

Nessa obra, embora concentrado na produção literária de seu país, Trotsky estende seu olhar crítico sobre as manifestações artísticas dominantes na Europa de seu tempo. A análise da relação entre arte e política já revela nesse livro as divergências de Trotsky com referência aos rumos que o Estado iria seguir na União Soviética ao recusar a ideia de que o Partido Comunista deveria orientar formas e conteúdos da expressão artística.

## SABER É PODER? PODE SER QUE NÃO

Em *A sabedoria dos antigos* (Editora Unesp, 99 páginas, R\$ 22,00), ver-se-á a face menos conhecida de Francis Bacon, vez que o filósofo inglês, segundo informações da editora, está mais associado às origens do método científico e à crença na capacidade da ciência de controlar o mundo, espelhada pelo conhecido lema “saber é poder”. A obra busca uma inusitada conexão entre o conhecimento e o aperfeiçoamento do homem.

Bacon reúne trinta personagens do rico universo simbólico da mitologia grega, cujo significado é analisado por uma ótica que privilegia os ensinamentos morais e práticos de cada um deles. “Aqui, no entanto, vereis (se não nos enganamos) que, embora os temas sejam velhos, o tratamento é novo. Afastamo-nos das planícies abertas e avançamos rumo a alturas mais distantes e mais nobres”, sublinha o autor.

## PARA ESCAPAR DAS CILADAS DA PALAVRA

Uma obra que interessa aos chamados “operadores da palavra escrita”. Assim é *Truques da escrita - Para começar e terminar teses, livros e artigos* (Zahar, 256 páginas, R\$ 49,90), de Howard S. Becker. O autor compilou suas valiosas dicas e considerações nesse livro, que já se tornou um clássico da sociologia, e que agora está disponível, em edição revista e prefaciada pelo autor com exclusividade para o leitor brasileiro. ✦

Fontes consultadas: Editoras José Olympio, Bertrand Brasil, Record, Zahar, Unesp, Planeta e Estação Liberdade0

# Coração sitiado

1ª PARTE

**Rodrigo Caldas**  
Especial para o *Correio das Artes*

ILUSTRAÇÕES: TONIO

**O**som da corda vibra e emana poesia, os acordes da balalaica se expandem e conferem um ar de esperança àquele ambiente infernal em que Aleksei Andreiévitch estava imerso. Por alguns momentos aquele ar de paz e música o fez esquecer que ele agora integrava o sexagésimo segundo exército soviético, que estava à margem do Volga e que Stalingrado era uma cidade em ruínas diariamente bombardeada pela Luftwaffe. Os soldados usando aquele uniforme pardo por um instante esqueciam suas agruras, enquanto a divisão panzer estava a alguns poucos quilômetros com seus tanques a rugir fogo e espalhar a morte.

A balalaica é um instrumento de corda dedilhado, de corpo triangular levemente curvo e feito de madeira, composto por três cordas. Nenhum instrumento musical traduz melhor o espírito do povo russo do que a balalaica. O músico, acompanhado de um acordeom, cantava aqueles versos que estavam nos ouvidos e mentes de todos os russos: “Cresciam as maçãs e peras; pairava a névoa sobre o rio; e surgia na margem katyusha; na alta encosta da margem;

ela surgia cantando uma canção; sobre a cinzenta águia das estepes; sobre aquele que amava, sobre aquele cujas cartas guardava.”

A musicalidade da balalaica e a poesia dos versos entravam nos ouvidos de Aleksei e o transportaram para um outro mundo, um mundo que ele bem conhecia, a pradaria, a areia, o feno, o orvalho das manhãs de sua pequena aldeia em Nijni Nóvgorod, sua província natal no centro-sul da mãe Rússia. Aleksei era um lenhador e vivia em uma pequena vila com seus pais, mulher e uma filha. Seus pais eram descendentes de mujiques, homens rudes do campo que viviam uma vida agrária e simples. Revive, por breves e inebriados instantes, aquela atmosfera idílica de sua pequena aldeia onde o único perigo era o urso que vivia na mata, cuja única preocupação era cortar lenha e cuidar da criação, uma vida imemorial que se repetia de gerações a gerações em sua família desde os tempos dos Czares. Sente a falta do cheiro da sua terra natal, da areia, dos pinhais, das madeiras que desciam pelo grande rio Volga. Sente a falta dos seus... O seu velho pai que ▶

► tudo lhe ensinara sobre a vida e a arte de ler os sinais daquela natureza bruta e encantadora. Da expressão séria de Pelágia, uma mãe severa e trabalhadora, de sua fé ortodoxa cristã. Da mulher jovem e cheia de vida, a mulher com quem ele vivia desde sempre, aquela que dava sentido ao seu existir. Nina era sua filha... De um rosto corado e feliz, uma felicidade pura que emanava um ar de alegria que transcendia e parecia se fundir àquela atmosfera feliz de natureza abundante e viva.

Em junho de 1941, Adolf Hitler deflagra a operação Barbarossa, com o objetivo de invadir a União Soviética e destruir o regime comunista de Stalin. O exército nazista, superior tecnicamente, esperava realizar seu intento em poucos meses, afeitos à tática de guerra da Blitzkrieg, com ataques rápidos e contundentes que abatiam o moral de seus inimigos. O exército alemão, na operação Barbarossa, era constituído de cento e cinquenta e três divisões, três milhões de homens, seiscentos mil caminhões, mais de

três mil tanques, sete mil canhões, três mil aviões compondo o arsenal de terror nazista. Tudo parecia estar sob controle, pois Ucrânia, Letônia e Lituânia não ofereceram resistência ao avanço das tropas de Hitler. Por onde o exército passava, restava um rastro de terror e destruição, nada sobrava em pé, nenhuma vida era poupada. Assim também foi com a vila de Aleksei, onde nenhuma casa ficou intacta, onde nenhum habitante, com exceção de Aleksei teve sua vida poupada. Naquele dia ensolarado, quando Aliocha voltava da floresta ele encontrou sua casa em chamas, seu pai, mãe, mulher e filha todos mortos, sua vila foi apagada do mapa. Sua vida morreu ali, Aleksei era só uma sombra que teve o seu céu e sua poesia destruídos, sua alma ficou sepultada ao lado de seu pai, mãe, mulher e filha, na sua pequena vila incinerada em Nijni Nóvgorod.

Agora, diante daquela fogueira, ao som de Katyusha, o lenhador se converteu em um soldado do exército vermelho, estava em uma cidade na qual nunca tinha

estado antes, uma cidade de escombros, cheirando a pólvora e carne humana queimada. Onde a sinfonia era composta de tiros, gritos e explosões. A decoração era tecida por pedras, restos de muros e edificações demolidas, por barricadas, metralhadoras e corpos humanos estilhaçados. Assim transcorriam os dias na

vida de Aleksei, uma vida sem nenhum sentido. As cordas da balalaica vibram e a poesia que sai dela dissolve aquele manto de tristeza que envolvia Aleksei e todas as vidas aflitas que teimosamente habitavam a cidade de Stalingrado e resistiam aos ataques ferozes e a carnificina perpetrada pelo sexto exército alemão.



## II

A batalha de Stalingrado foi seguramente a maior carnificina da história da humanidade. Com um total aproximado de dois milhões de baixas de ambos os lados. Durando cento e noventa e nove dias. No tabuleiro das estratégias militares coube a missão de invadir e destruir Stalingrado ao sexto exército alemão que já vinha de uma campanha gloriosa na França. O sexto exército era o maior do mundo, duas vezes maior do que um exército regular e contava nessa empreitada com a ajuda da quarta divisão panzer. Friedrich Paulus era o oficial que estava à frente do sexto exército germânico, formado em Kassel, era de origem humilde e antes tinha tentado seguir uma carreira naval sem sucesso. No Reichswehr foi professor de tática e história militar, tendo ministrado cursos para oficiais do exército vermelho antes da guerra, estes o tinham como um grande mestre. O general Paulus tinha a responsabilidade de conduzir à vitória o maior exército nazista, um militar disciplinado e que seguia estritamente ordens superiores. Sob seu comando mais de um milhão de russos foram mortos ou feridos, oitocentos mil integrantes do eixo compunham as baixas do lado nazista entre alemães, romenos, italianos e húngaros. Paulus, após ser nomeado marechal por Adolf Hitler, tendo a ele e suas tropas sido abandonados à própria sorte pelo alto comando de Berlin, após a virada do exército vermelho na batalha de Stalingrado, foi o primeiro marechal da história da Alemanha a se render e declarou que não cometeria suicídio nem levaria mais à morte seus comandados, pois isso não

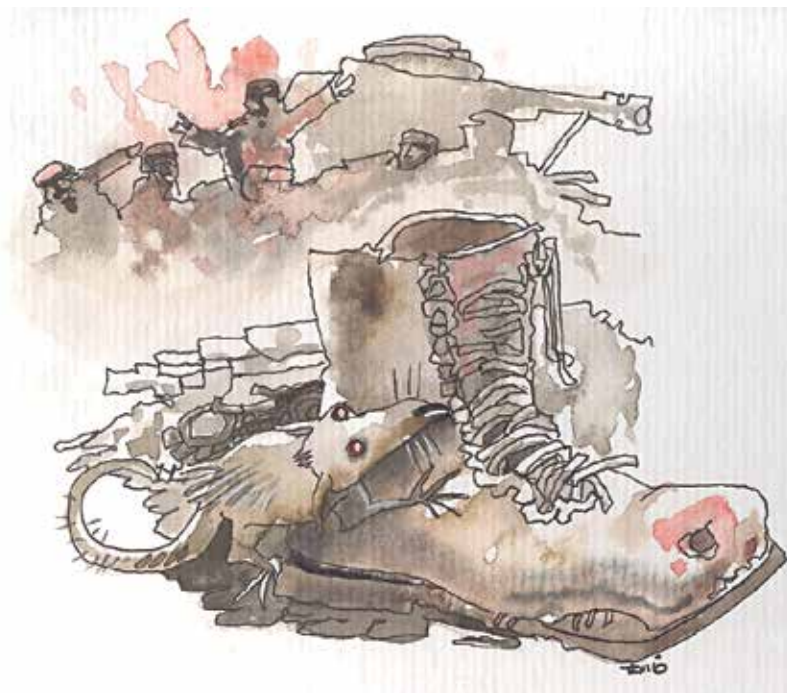
► valeria a pena em prol daquele cabo da Baviera, Adolf Hitler. Ao se render, fraco e abatido, Paulus tinha a esperança de que as vidas dos noventa e um mil soldados restantes sob o seu comando seriam poupadas, ele tinha desenvolvido um tique nervoso nos olhos que afetava a face esquerda do seu rosto. Dos noventa e um mil soldados do sexto exército e da quarta divisão panzer, apenas cinco mil voltaram vivos para a Alemanha dez anos mais tarde, vinte e sete mil deles morreram logo nas primeiras semanas após a rendição, na longa e brutal travessia para os campos de concentração na Sibéria. O comandante Friedrich Paulus faleceu alguns anos depois, na Alemanha oriental, deprimido e com uma metade do seu corpo paralisado, em uma grotesca paródia do que foi aquela campanha militar, onde ele rompeu com suas convicções em nome da disciplina militar ao se submeter aos caprichos de Hitler, Paulus levou a destruição e a morte aos seus comandados e após, foi abandonado à própria sorte por seus superiores.

Vassili Ivanovitch Chuikov era o comandante em chefe do sexagésimo segundo exército soviético na batalha de Stalingrado. Filho de camponeses, uniu-se ao exército vermelho na época da revolução russa, posteriormente vindo a estudar na academia militar de Frunze. Coube a ele organizar as forças de resistência em Stalingrado, sofrendo pesadas perdas em seu efetivo e na população civil que fora impedida de abandonar a cidade por ordens expressas de Stalin. Chuikov era um militar experiente desde os tempos de embates entre o exército vermelho e o exército branco na guerra civil russa. Aquelas vivências de guerrilha lhe seriam muito úteis em Stalingrado, pois em campo aberto as forças germânicas lhes eram superiores, em campo limpo não teriam chances. Sua estratégia seria atrair as forças do sexto exército para dentro de Stalingrado, sua luta seria uma luta suja e de guerrilha, aproveitando a destruição da cidade pelos bombardeios aéreos da Luftwaffe, ele construiu o cenário de terror para as tropas

nazistas que não eram afeitas ao embate corpo-a-corpo, homem-a-homem. Ali, em meio a escombros, demolições, sujeira e lama a tecnologia germânica desapareceria, o que preponderaria seria o vigor, a vontade de superar o inimigo. Assim Chuikov foi oprimido e teve noventa por cento da cidade de Stalingrado ocupada pelas forças nazistas, comprimido pelas tropas do sexto exército, tendo atrás de si apenas as caudalosas águas do milenar rio Volga, o general soviético liderou uma resistência heroica, onde cada homem que entrava naquele embate por cada sala, cada quarto de um resto de prédio demolido na cidade de Stalingrado não tinha uma expectativa de vida superior a um só dia de luta. Os russos definhavam aos milhares... O inverno, os erros estratégicos de Paulus e a falta de provimentos para as tropas alemãs que terminaram sendo cercadas e morrendo de frio e inanição, levaram Chuikov a reverter um quadro catastrófico e liquidado em favor das tropas alemãs, sua virada histórica o alçou à condição de herói nacional. Chuikov não apenas venceu o sexto exército em Stalingrado como liderou as tropas soviéticas por toda a Rússia e Europa oriental até as portas do Reichstag em Berlin, em maio de 1945. Feito herói nacional, Vassili Chuikov faleceu vários anos depois como membro do comitê central do

partido comunista da União Soviética.

Aleksei Andreiévitch andava como um sonâmbulo em meio àquelas explosões, uma cortina de poeira se erguia diante de seus olhos, o frio se impregnava em seus poros e congelava sua alma, enxergava poucos metros à sua frente, caminhando com dificuldade entre escombros e lama. Ao seu lado os soldados do exército vermelho rugiam, a sua frente os fuzis e metralhadoras alemãs cuspiam rajadas de um fogo mortal. Ao seu lado, companheiros da noite passada, de cânticos e versos, caíam como moscas. Um soldado russo gritava caído ao chão, segurando seu cotoco de perna decepada por uma granada. Outro, em desespero, foi atingido por uma bala na virilha, um pequeno furo que fazia esguinchar sangue a mais de um metro, onde a vida se esvaia do corpo daquele combatente, cuja face pálida encontrou a morte em poucos minutos. Suas botas sujas pisavam cadáveres de soldados alemães e russos envoltos em lama e escombros. O frio era atroz e Aleksei, não raro, via ratos parrudos devorando aqueles corpos inertes, ensanguentados e já sem vida. O canibalismo naqueles dias em Stalingrado não era raro e qualquer coisa que nutrisse as vísceras de um ser vivente eram bem-vindas. A ração estava em falta e homens e mulheres se ►



▶ alimentavam de sabão, óleo, gordura e tudo o mais que pudesse nutrir um corpo vivo. Os soldados alemães, que não estavam preparados para aquele frio de trinta graus centígrados a baixo de zero, cerravam as pernas dos soldados russos mortos para retirar suas botas. Aleksei Andreievitch não sabia nem como estava vivo, nem mesmo por quê.

Um Unteroffizier era um suboficial que normalmente liderava um pelotão de nove a dez homens. O uniforme típico de um Unteroffizier era constituído de um capacete de aço M-35, uma jaqueta de campo M-35 verde acinzentada, blusão camuflado M-31, calças, cinto de couro, botas, manta anti-gás de mostarda, máscara de gás M-38, granadas M-24, porta munição, cantil de alumínio M-31, baioneta e um rifle 98k mauser 792 mm. Os soldados da infantaria germânica, assim, tinham aquele tom verde acinzentado, portando capacetes de aço e trazendo o símbolo de uma águia em seus uniformes. Esgueiravam-se pelas ruas em ruínas de Stalingrado, escondendo-se por entre escombros, atirando, matando e sendo mortos pelos soldados do exército vermelho. Para os combatentes soviéticos todo soldado alemão se chamava Frietiz...

Vassili Grigoryevich Zaitsev era um soldado do sexagésimo segundo exército soviético. Natural de Eliniski, nos montes Urais, Vassili Zaitsev era neto de pastores e desde os cinco anos de idade aprendeu a caçar. Zaitsev era um caçador desde sempre e com a invasão da Rússia pelas tropas da Wehrmacht de Hitler, ele se converteu em um caçador de soldados alemães. Zaitsev é o maior sniper da história, um atirador de elite que com um único tiro abate mortalmente o seu alvo. Em Stalingrado contabilizou duzentas e quarenta e duas mortes entre soldados e oficiais alemães. Ao fim da guerra seriam, ao todo, mais de quatrocentas mortes. De cima de um prédio ele fixa a mira de seu fuzil Mosin-Nagant modelo M-91, seu fiel companheiro de caça e abate das tropas nazistas. Em silêncio e pacientemente espera que um capacete de aço se eleve entre os escombros para

fazer mira. Uma tropa inadvertidamente se aproxima, o atirador desfere um único tiro que acerta em cheio a cabeça do soldado alemão que tem o capacete de aço atravessado por uma bala certa que lhe subtrai aquela vida agonizante de frio, lama e

cadáveres fétidos. É mais um Frietiz na contabilidade de Zaitsev. Próximo ao fim da guerra, Zaitsev fica cego, vítima da explosão de um morteiro, vira herói nacional e falece já velho em Kiev muitos anos depois, mas no decorrer do restante de sua longa vida só enxergava aquela cortina escura e repleta de fantasmas envoltos naqueles trajes verde-acinzentados e usando os capacetes de aço que o caçador dos Urais tanto abatera.

Hans Müller era natural de Leipzig, no leste da Alemanha. Estudou no conservatório de música local, um dos mais prestigiados do mundo, mas viu no exército alemão a oportunidade de viver uma vida de aventuras. Hans Müller voluntariamente se alistou no exército alemão, não porque tivesse afinidades com a doutrina nazista, nem advogava teses antisemitas... Hans tinha apenas dezenove anos, devorava os livros de poesia de Goethe e Schiller e tinha na música a sua maior paixão, mas sentia também um enorme tédio naquela cidade fria e burocrática que era a cidade de Leipzig. Desde que passou a integrar as fileiras do exército de Hitler, Hans descobriu o quanto uma guerra não tem de poética. Se, no início, tudo era de fato uma enorme aventura com aqueles uniformes militares, insígnias, marchas e todo aquele fabuloso arsenal de tanques, caminhões, canhões em uma escala astronômica a invadir as fronteiras e cortar o interior da grande Rússia, por outro lado, aquelas distâncias colossais, aliadas às mortes de seus companheiros o tinham dissuadido do seu sonho aventureiro. Se no começo a marcha militar era regida pelas Valkírias de Richard Wagner, com sua sonoridade épica e titânica... O frio, a lama e a morte faziam o seu espírito clamar por uma outra sinfonia. Desde o início de sua marcha rumo a um banho sangrento de carnificina, Hans sentia sua

humanidade lhe abandonar... Era como um pássaro que só queria colher um pouco de liberdade e aventuras, mas que só encontrou mesmo foi o medo e a solidão em uma vida tênue que ameaçava se esvaír a cada instante naquele redemoinho de mortes. A cada dia se questionava se sairia vivo daquele local, se voltaria a ver o céu da sua bela e distante Leipzig, que ele voluntariamente havia abandonado para estar ali, naquele inferno. Os seus ouvidos, no meio do terror daquela guerra que já se arrastava por meses na cidade industrial de Stalingrado, só clamavam por um pouco de vida, não adorava Wagner, muito menos Adolf Hitler, por quem criou uma verdadeira aversão por ter lançado tantos jovens como ele naquele morticínio, mas antes sonhava com as melodias de Johan Sebastian Bach nos Concertos de Brandenburgo.

A noite estava fria e Aleksei Andreievitch já não tinha forças para caminhar, as explosões e clarões tomam de assalto as trevas que cobrem as ruas da demolida cidade de Stalingrado que nem de longe lembra a cidade pujante de antes da guerra. Suas mãos estão frias e o fuzil que carrega tem um peso desconunal. Mas o que mais o incomoda são os piolhos e percevejos que cobrem o seu corpo... É a lama e a neve, são aqueles corpos destroçados e empilhados aos milhares em meio a tijolos e restos de edificações. É quando Aleksei Andreievitch se depara com aquele soldado alemão que puxa um fuzil para ele, mas, curiosamente, a arma não dispara, o frio polar que caía sobre Stalingrado tinha congelado o cano da arma e Aleksei, sem pestanejar e no impulso, desfere um tiro sobre o soldado alemão que cai morto, como uma tábua podre, sobre o chão frio.

Aleksei avança sem olhar para trás e no passo seguinte vê um clarão de fogo que tudo encobre e apaga. ❖

---

Rodrigo Caldas é advogado com atuação em direitos humanos e mestrandando em direitos humanos, cidadania e políticas públicas da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).





ILUSTRAÇÃO: TONIO

# Hospital Terminal

**Luiz Roberto Guedes**

Especial para o *Correio das Artes*

*Para o Dr. Ricardo Bento Terres*

**P**RONTO-SOCORRO É O INFERNO DE DANTE, DIA E NOITE. Meu plantão de sábado começou com uma mulher idosa, desacordada, com o coração acelerado num “galope”, como dizemos. Quase duzentos batimentos por minuto. Sem pulso na carótida. A palidez indicava insuficiência hemodinâmica. Teria sofrido uma hemorragia? Não havia tempo para investigar a causa.

O jeito era tentar uma manobra extrema. Pressionei as órbitas da mulher, enquanto massageava o seio carotídeo, junto à mandíbula.

— Não é melhor mandar a paciente pro choque?

— falou Emiko, a japonesinha residente, branca feito papel.— Não dá tempo. Ela morre no caminho.

É muito difícil fazer medicina pra pobre, neste país. Se o cidadão tem algum convênio ou pode pagar pelas tecnologias, o especialista pede mil exames, evita correr qualquer risco. Já em hospital público, a miséria é crônica. Falta medicamento, gaze, algodão, estetoscópio.

O único recurso é apelar para experiência, intuição e até mediunidade. Talvez a grande tarefa de um médico seja a de controlar o pânico de sua equipe.

Auscultando a mulher, o residente Moacir informou que o coração voltara ao ritmo normal. A manobra tinha dado certo.

— Mantenham a paciente em observação — recomendei à equipe.

Nesse instante, as enfermeiras Carmo e Valdira chegaram fazendo alarido.

— Doutor João! O senhor tem que ver uma coisa incrível! — Carmo intimou.— Lá na radiologia. Agora! ▶

— É um milagre! — Valdira arregalou os olhos.

O homem estava estendido na maca, de olhos fechados.

Um negro corpulento, de cabeça raspada, com salpicos de sangue na camiseta verde-amarela da seleção. Tinha um ferimento na testa, a pele chamuscada de pólvora. Arfava como quem viu a cara da morte — e escapou por um triz. Carmo me apresentou as radiografias do crânio.

Tiro à queima-roupa. Calibre 22, decerto. O projétil entrou pela têmpora esquerda e saiu pelo meio da frente, ali na chamada “área de silêncio” do cérebro. Passou pela região supratentorial, e através do lobo frontal, sem causar nenhum dano ao cérebro. Sujeito de sorte. Um ferimento desses é *um* em 1 milhão. Bati no ombro dele:

— Amigo, está me ouvindo? Como é seu nome?

— Deodato.

— Muito bem, Deodato. Abra os olhos. Está me vendo? Está com a vista embaçada?— Espalmei a mão:— Quantos dedos você vê aqui?

— Cinco.

— Bom. Sente dificuldade pra engolir?

— Não, senhor.

— Dificuldade pra respirar?

— Não.

—Você comeu hoje?

— Sim, senhor, comi uma feijoada.

— Você defecou hoje?

— Hein?

— Você cagou hoje?

— Sim senhor.

— Levante o braço direito. Agora o esquerdo. A perna direita. A esquerda. Muito bom. Tá tudo certo com você, camarada. Parabéns. Escapou por um fio de cabelo. Nasceu de novo. Pode comemorar.

Tirando o susto, o homem não tinha nada. Eu disse à Valdira para fazer um curativo e dispensá-lo. Deodato soltou um gemido quase infantil.

— Tá sentindo alguma coisa, camarada?

— Tô cum a puta de dor de cabeça, doutor.

— Hum. Uma cefaleia normal, nesse caso. Qualquer analgésico resolve. Carmo, dá duas aspiri-

nas pra ele e manda embora.

O chinesinho Liu Chih Yam já me chamava da porta, aflito:

— Doutor! Homem baleado! A PM acabou de trazer. Diz que é o cara que atirou nesse aí. Tá em estado crítico!

Mais um plantão infernal. Normal. Tem noites em que o pavor da equipe quase me afeta, e então me lembro que meu coração também disparava num galope, quando eu era apenas um jovem residente.

— *Corta!* — *comanda o diretor Toni Diniz.*— *Parabéns, gente! Ficou muito bom! Vocês me arrancam lágrimas!*

— *Pausa de dez minutos, pessoal!* — *avisa a diretora assistente.*

Sim, querida, podemos conversar uns minutinhos. É, eu considero *Hospital Nacional* uma das melhores séries já feitas pela TV brasileira.

Gosto de fazer o Dr. João Bueno. Ele ainda carrega uma grande amargura, por conta de sua impotência para salvar a humanidade. É um personagem que cresceu muito ao longo desses catorze programas.

Pena que este seja o último episódio da série. O elenco já sabe que não teremos uma segunda temporada. Embora a série seja muito bem escrita — e tenha um teor maior de dramaturgia que os outros produtos da emissora —, *Hospital Nacional* nunca saiu do rodapé do índice de audiência. Significa que o público não gosta de ver nossa miséria refletida na telinha? Não sei.

Devem preferir as promessas dos eternos vendedores de esperança: os pastores e animadores de programas de auditório. No entanto, temos uma audiência cativa de hipocondríacos, que enviam cartas e e-mails para a emissora, reclamando que os roteiros “falham na descrição de patologias mais complexas”, e que devíamos “informar melhor o público sobre doenças raras”. Como se fosse algum privilégio sofrer de uma “doença rara”.

Ironicamente, vão fechar o nosso *Hospital Nacional* no momento em que o país está recebendo médicos de Cuba, e de outros lugares, para atender à

população dos cafundós, onde nossa juventude de jaleco branco não quer pisar com seus sapatinhos imaculados.

No mais, parece que um tsunami de ignorância se abateu sobre este país. Gente da minha geração, que foi torturada, massacrada ou exilada pela ditadura, nunca poderia imaginar que hoje veríamos nas ruas essa horda de analfabetos políticos clamando por “intervenção militar”. Nem essa corja de deputados-pastores, essa praga obscurantista que ataca o estado laico a golpes de bíblia, pregando a homofobia, demonizando o candomblé, açulando explosões de ódio e intolerância. E o mais escandaloso é que, exatamente como há cinquenta anos, essa histeria fascista é insuflada por uma mídia reacionária, aliada à direita mais jeca, mais vira-lata e lambe-botas.

Aliás, esta nossa emissora também está engajada nessa campanha de desestabilização de um governo eleito. Estão chocado o ovo da serpente. A farsa se repete como pesadelo. Meu consolo é que não vou assistir por muito mais tempo a esse espetáculo de estupidez.

Você se espanta de me ouvir falar assim de meus empregadores?

O que eu penso não importa mais, querida. Sabe por que? Porque vou morrer em breve. Este velho ator, que encarnou o doutor João Bueno, tem um câncer terminal. Sim, pode publicar isso na sua revista.

Diga lá pro seu editor que ele já pode ir preparando o meu obituário. Gostou da entrevista? Eu só dou entrevista boa.

Bem, com licença, é hora de gravar meu monólogo final. ✘

Luiz Roberto Guedes é escritor, autor, entre outros livros, de *Calendário Lunático/Erotografia de Ana K* (poemário, 2000), *O mamaluco voador* (novela histórica, 2006) e *Alguém para amar no fim de semana* (contos, 2010). Letrista sob o pseudônimo de Paulo Flexa, tem parcerias com Luiz Guedes & Thomas Roth, Beto Guedes e César Rossini, entre outros artistas. Mora em São Paulo (SP).

# Eu sei, doutor...

**Claudio Lacerda**  
Especial para o *Correio das Artes*

**"No balcão de checkin, o médico explicou a situação à supervisora, argumentando que uma vida dependia daquela vaga no avião."**

**U**m dos grandes desafios da sociedade moderna é incorporar e consolidar a cultura da solidariedade humana. No transplante de órgãos, por exemplo, para que vidas sejam recuperadas, tem que haver doador. E para haver doação, tem que haver solidariedade humana, não apenas da família do doador, senão de outros atores sociais.

Em meados de 2014, a Unidade de Transplante de Fígado, que atua nos hospitais Oswaldo Cruz, Jayme da Fonte e IMIP foi informada de que havia um doador em Aracaju. Era um fígado muito bom e um paciente da lista, aqui de Recife, precisava urgentemente dele. Primeiros contatos feitos, a exiguidade do tempo não ajudava. Havia apenas um voo para aquela capital, partindo do Recife às 16 horas. Ocorre que, ao chegar ao aeroporto, o cirurgião Bernardo Sabat, da nossa equipe, encarregado de captar aquele órgão, recebeu a notícia de que o avião estava lotado e, para piorar as coisas, havia sete pessoas na fila de espera.

Por telefone, Sabar transmitiu-me a má notícia, dando aquele fígado por perdido e o transplante abortado. Respon-di que não desistisse ainda, que uma vida espera em jogo, que falasse com o supervisor de embarque da empresa de aviação, expondo-lhe a dramaticidade do caso, e que acreditasse na boa fé e na grandeza das pessoas.

No balcão de checkin, o médico explicou a situação à supervisora, argumentando que uma vida dependia daquela vaga no avião. Formou-se uma roda em torno dele, com a presença de outras atendentes da companhia aérea. Os passageiros da lista de espera estavam próximos e ouviram a conversa. O primeiro da lista identificou-se e falou em voz alta e tranquila: "Eu cedo o meu lugar". Imediatamente, o segundo da lista arrematou: "Eu também cedo o meu". Ato contínuo, o terceiro, com o pragmatismo que caracteriza os líderes, fechou a questão: "Alguém aqui não cede?" Fez-se silêncio total.

Acostumada a ver as pessoas se agredirem por vagas de aviões, a supervisora, visivelmente emocionada, agradeceu às pessoas da lista de espera, mas informou a Sabar que todos os passageiros estavam fazendo o checkin e não havia surgido nenhum lugar naquele voo. Nesse momento, uma das atendentes, que trabalhava ao lado, pediu permissão para explicar a situação aos que chegassem para o checkin, na esperança de que alguém cedesse o lugar. A supervisora concordou e sugeriu ao médico que voltasse em 15 minutos.

Sabar foi a um café no andar superior do aeroporto. Quando retornou, percebeu, de longe, um clima de euforia entre as funcionárias, no balcão. Pulavam de alegria e gritavam que tinham conseguido a vaga. Enquanto apressava o checkin, o cirurgião, feliz e agradecido, reafirmava a importância da sua viagem, quando uma das funcionárias, ainda comemorando, exclamou, com os olhos úmidos:

"Eu sei, doutor... também estou feliz. Já passei por isso. Meu pai foi transplantado por vocês". ✶

Claudio Lacerda é escritor e médico cirurgião, chefe da equipe de transplante de fígado dos Hospitais Oswaldo Cruz e Jayme da Fonte, em Recife (PE), professor da UPE e da UNINASSAU. Mora em Recife (PE).



# Encantação de Ariano Suassuna

“As pessoas não morrem, ficam encantadas” – afirmou João Guimarães Rosa em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. No caso de um grande artista, essa encantação não possui hora exata para acontecer; desdobra-se no tempo, num processo que se inicia, a rigor, com a própria obra. Na medida em que a obra é construída, o artista vai lhe transmitindo a sua seiva vital, materializando, em cores, sons, palavras, a sua intuição criadora, que é a essência mais profunda e enigmática de si mesmo. Chega o momento em que o processo se completa: o artista dobra a curva da estrada, deixa de ser visto e a obra passa a falar por ele.

Um ano após a sua encantação, concluída a 23 de julho de 2014, Ariano Suassuna, como grande escritor e artista que foi, sem dúvida um dos maiores do Brasil e do mundo, permanece vivo na sua obra. Procuremos por ele nos seus livros – nos poemas, nas peças de teatro, nos romances e nos ensaios. Procuremos por ele nas suas pinturas e nos seus desenhos. Procuremos, ainda, nas suas ilumiaras, desde a ilumiar “A Coroada”, no bairro de Casa Forte, no Recife, até a ilumiar “Pedra do Reino”, em São José do Belmonte, Pernambuco. Jamais o encontraremos em carne e osso. Seus rastros, porém, estão por toda a parte. Sua personalíssima e fecunda visão de mundo, suas ideias sobre o nosso país e o nosso povo, suas concepções sobre os problemas mais fundamentais do ser humano – a justiça, a verdade e a beleza – estão nas incontáveis páginas que escreveu, ora expressas na sua própria voz, ora nas vozes dos seus muitos personagens, marcas vivas da sua presença no picadeiro de um circo imaginário.

O legado que o escritor Ariano Suassuna nos deixou, portanto, foi a sua imensa obra, e esta falará, sem dúvida, a muitas gerações.

O tempo – o maior e o mais implacável entre todos os críticos – se encarregará de confirmar o que aqui se diz e à primeira vista pode parecer juízo apressado, ancorado no afeto e no dever de gratidão.

No caso de Ariano, porém, não se pode falar apenas de um grande escritor. Porque nele a grandeza do escritor se equiparava à grandeza do homem. Por um desígnio qualquer da Providência, inscrito em alguma página do insondável e misterioso livro da criação, duas qualidades tão raras se imprimiram numa só pessoa, e nela permaneceram, a identificá-la durante toda a vida, como se fossem as duas faces de uma mesma moeda. Porque há casos e mais casos de grandes escritores que não foram grandes homens; e de grandes homens que, por mais que tenham tentado, não chegaram a ser grandes escritores.

Se o que fica de um grande escritor é a sua obra, o que fica da grandeza individual de um homem? Certamente o seu exemplo de vida, gravado a ferro e fogo na memória e no coração dos que tiveram o privilégio de conhecê-lo pessoalmente e de partilhar do seu convívio. Um dos filhos de Ariano, o pintor Manuel Dantas Suassuna, perguntado por um repórter se poderia definir seu pai com uma única palavra, não vacilou ao responder que sim, usando, para tão difícil empresa, a palavra “lealdade”.

De fato, Ariano Suassuna foi, acima de tudo, um homem leal. Leal à sua família, a começar por seu pai, com quem pouco conviveu e cuja morte trágica tão bem vingou *na obra*, respeitando o último pedido que João Suassuna deixara registrado em carta e erigindo, à memória do pai, o monumento literário que todos nós conhecemos. Foi leal à sua mãe e a seus irmãos. Foi leal à sua esposa, a seus filhos e netos. Foi leal a seus amigos. Uma

▶ lealdade de igual proporção, uma só e mesma lealdade, absoluta e quase arquetípica. Uma lealdade de homem que se estendia em lealdade de escritor a seu país e a seu povo, bem como à sua linhagem literária, a mesma de José de Alencar e Euclýdes da Cunha.

Homem profundamente religioso, sua caminhada em direção a Deus foi feita passo a passo. Ainda muito menino, em Tape-roá, sertão da Paraíba, percebendo a pobreza extrema de três colegas de escola, passou a repartir com eles, diariamente, o pão da sua merenda, e isso sem nada dizer à sua mãe, receoso de que estivesse fazendo algo errado. Fora tocado, assim, desde muito cedo, pela chama da caridade. Vivenciou depois, como a maioria de nós, as descrenças e intemperanças da juventude. Somente adulto adquiriu a fé e a esperança que lhe possibilitaram a conversão ao Catolicismo. Trazia então, dentro de si, pulsando com o seu próprio sangue, as três virtudes teológicas, de maneira que o seu encontro com a Igreja foi algo tão natural quanto a vida e a morte.

Nunca criticou a Igreja Católica, como muitos chegaram a pensar e a dizer. Criticou, sim, o mundanismo na Igreja, ciente de que a Igreja não são os seus homens, mas seus santos. Sua Igreja era a Igreja da Misericórdia, a Igreja de Manuel e da Compadecida, como deixou claro na sua peça mais famosa, que correu o mundo inteiro.

Desde cedo teve a consciência de ser, aqui no mundo, um exilado. Por isso não temia a morte. O encontro com a Moça Caetana sempre lhe pareceu a possibilidade final de conhecer aquele “enigma da máquina do mundo” que em vida procurou decifrar, mesmo sabendo que a missão era impossível. Foi isso o que procurou dizer neste belo soneto, intitulado “O Sol de Deus”:

*Mas eu enfrentarei o Sol divino,  
o Olhar sagrado em que a Pantera arde.  
Saberei porque o laço do Destino  
não houve quem cortasse ou desatasse.*



*Não serei orgulhoso nem covarde,  
que o Sangue se rebela ao som do Sino.  
Verei o Jaguarapardo e a luz da Tarde,  
Pedra do sonho, cetro do Divino.*

*Ela virá – Mulher – afluindo as asas,  
com o mosto da Romã, o sono, a Casa,  
e há de sagrar-me a vista o Gavião.*

*Mas sei também que só assim verei  
a coroa da chama, e Deus, meu Rei,  
assentado em seu trono do Sertão.*

Há um ano, em missa de corpo presente, ao lado do seu caixão, ouvi o oficiante, Frei Aluísio Frágoso, Guardião do Convento de Santo Antônio, pedir para que imaginássemos “o rebuliço” que deveria estar acontecendo no Céu, naque-

la noite, com a chegada de Ariano Suassuna por lá.

Fechei os olhos e imaginei Ariano feliz, ao lado de Nossa Senhora, que deixara seus inúmeros afazeres de salvação para ir pessoalmente à porta do Céu, somente para recebê-lo:

– Entre logo, Ariano! Você é do time de Irene, não precisa pedir licença. ✦

Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco. Mora em Recife (PE)



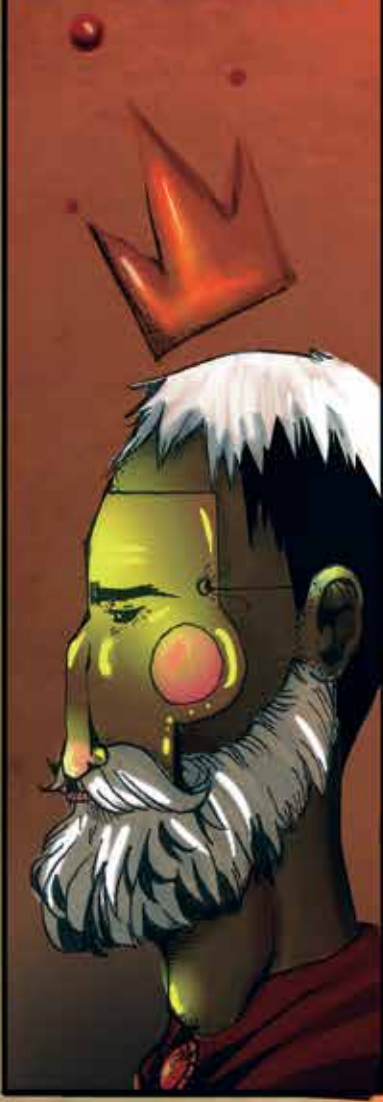
AO EXCELENTÍSSIMO  
SENHOR BULHUFAS,

NÃO TE DOU PALANQUE.

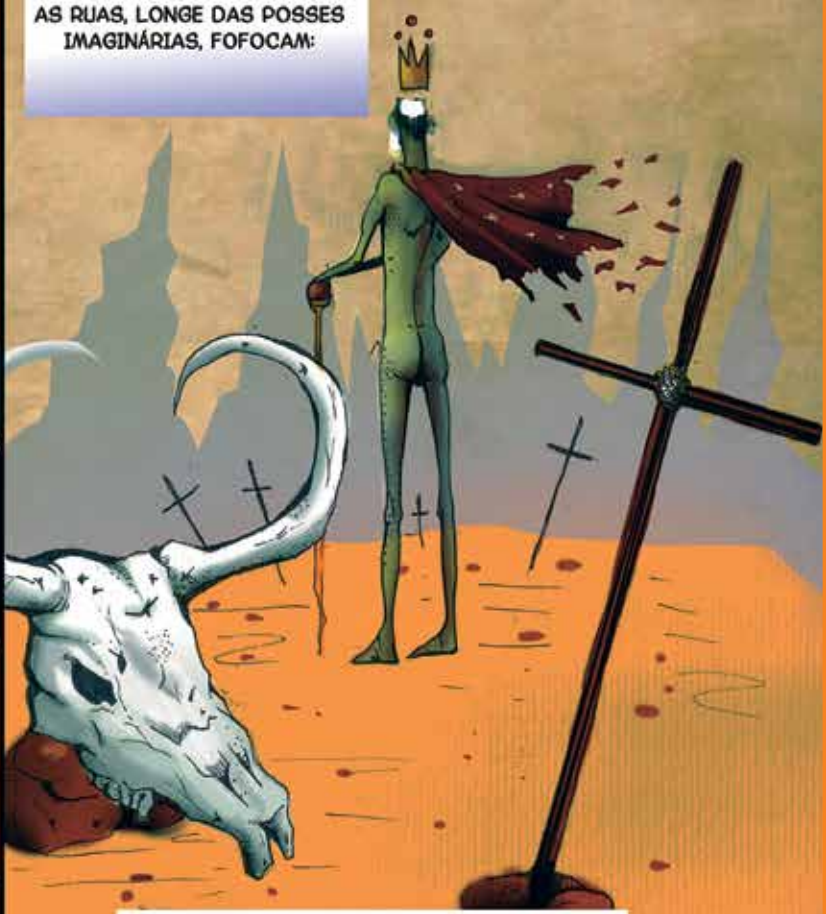
NA FESTA DE INAUGURAÇÃO  
DA SUA NOVA TERRA, CEM  
RESES, QUARENTA GALINHAS  
E ALGUMAS ROLINHAS -  
TUDO BEM ASSADO E COM  
MUITO TEMPERO PARA  
SERVIR AOS CONVIDADOS  
PRATOS CHEIOS DE FANTAS-  
MAS.



ESSE LUGAR CHEIRA A  
MORTE. AQUI NADA É,  
TUDO "JÁ FOI".



AS RUAS, LONGE DAS POSSES  
IMAGINÁRIAS, FOFOCAM:



ALUCINAÇÃO, APEGO AO ÚNICO FIO DE  
COBRE QUE SOBROU PERDIDO ENTRE TEUS  
CABELOS, AGORA, BRANCOS.

Lívia  
Costa



122  
*anos*

# 2015

uma nova História  
para uma nova

# A UNIÃO

---





Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518

---



**A UNIÃO** Superintendência de Imprensa e Editora

[www.paraiba.pb.gov.br](http://www.paraiba.pb.gov.br) |    [uniaogovpb](https://www.facebook.com/uniaogovpb) |  [uniaogovpb@gmail.com](mailto:uniaogovpb@gmail.com)



VONTADE DE APRENDER

**BOM NEGÓCIO É  
CONTRATAR UM  
APRENDIZ  
DO SENAC**



ORGANIZAÇÃO

**JOVEM  
APRENDIZ**

**ABRA ESPAÇO PARA UM APRENDIZ.  
OS CURSOS DO SENAC ESTÃO VOLTADOS  
ÀS NECESSIDADES DAS EMPRESAS.**

**Senac**